

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Valessa Lemos da Silva

**SER E ESTAR MOCHILEIRO: SERIA POSSÍVEL FALAR EM
CARREIRA SUSTENTÁVEL?**

PORTO ALEGRE
2022

Valessa Lemos da Silva

**SER E ESTAR MOCHILEIRO: SERIA POSSÍVEL FALAR EM
CARREIRA SUSTENTÁVEL?**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração, do Centro de Ciências Sociais Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestra em Administração.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Angela Beatriz Busato Scheffer

Área de concentração: Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho

**Porto Alegre
2022**

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Valessa Lemos da
SER E ESTAR MOCHILEIRO: SERIA POSSÍVEL FALAR EM
CARREIRA SUSTENTÁVEL? / Valessa Lemos da Silva. --
2022.
126 f.
Orientador: Angela Beatriz Busato Scheffer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa
de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre,
BR-RS, 2022.

1. Carreira. 2. Sustentabilidade. 3. Mochileiro. I.
Scheffer, Angela Beatriz Busato, orient. II. Título.

Valessa Lemos da Silva

**SER E ESTAR MOCHILEIRO: SERIA POSSÍVEL FALAR EM CARREIRA
SUSTENTÁVEL?**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração, do Centro de Ciências Sociais Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Administração.**

Porto Alegre, 03 de agosto de 2022.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova esta Dissertação de Mestrado.

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Prof^a. Dr^a. Angela Beatriz Busato Scheffer, Dr^a.
(Presidente/ Orientadora)**

Andrea Poletto Oltramari, Dr^a.

Denise Falcão, Dr^a.

Laura Alves Scherer, Dr^a.

Porque **estar o tempo todo na rua, é você ver de tudo acontecendo, então poder minimamente tocar e ser tocada pelas experiências das pessoas que eu cruzo, olhares, conversas, é isso.** Conhecer cultura e lugares de **uma maneira mais conectada,** sabe [E6]?

Eu já sai justamente pra viajar para transformar a minha vida, [...] eu sempre acreditei que era cura de mim mesma, das coisas que eu tinha passado, que a viagem seria a minha grande descoberta, de mim mesma, do meu ambiente, da minha relação com os meus pais, da minha relação com os meus amigos, de como eu me relaciono com o mundo, do que eu quero pra mim de verdade. Eu só não esperava isso, como realmente é isso, sabe? **Realmente todo mundo deveria parar um tempo e fazer um mochilão assim, porque a sua visão de mundo assim, muda bastante, muda muito, sabe?** As vezes a gente fica muito aqui enraizado, sabe? Que é isso e é isso, que é assim e é dessa forma e tal e as vezes é só ali, na sua cabeça mesmo, e as vezes o que falta é só realmente você sair e você ter outras experiencias mesmo [E8].

AGRADECIMENTOS

Como todo encerramento de um grande ciclo de nossa vida, a conclusão dessa dissertação, me traz uma retrospectiva de todos os momentos, bons e ruins, alegres e angustiantes, aos quais é submetido um mestrando. Nesse processo, houve uma grande transformação em mim, não só profissional, mas também pessoal. Só de chegar até aqui, já me sinto vitoriosa.

Durante essa trajetória conheci pessoas incríveis, e sei que quem nos acompanha durante o processo, muitas vezes, acabam sendo mais importantes que o próprio resultado. Até porque a caminhada de um pesquisador não se limita apenas a uma única pesquisa. Há muito mais ocorrendo nos bastidores da vida acadêmica.

Agradeço, primeiramente a Deus, que tornou tudo isso possível, e me permitiu chegar até aqui. Também a minha família, minha mãe Vera, ao meu pai Milton, e ao meu irmão Lorenzo, que sempre me incentivaram a estudar cada vez mais. E por entenderem a minha ausência, ou as vezes, nem tanto.

A minha orientadora, Angela, professora, psicóloga, e por vezes, até mãe. Pelos ensinamentos, orientações e por todos os espaços oferecidos, durante essa trajetória. Por toda a paciência que tem com os estudantes aflitos, ansiosos e perdidos. Mas, principalmente por explorar o melhor de cada um de nós, conduzindo a pesquisa de forma única ao explorar as qualidades identitárias de cada um de seus alunos. É uma honra ser orientada por alguém como você.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Administração por todos os ensinamentos, dicas e orientações. Em especial, ao professor Sidinei, quem me apresentou as pesquisas sobre carreiras, fazendo com que me interessasse pelo tema, e também por ter sido meu primeiro contato com o programa de pós graduação, e se fez sempre muito presente e disposto em auxiliar os alunos, durante a pandemia. Também as professoras que compuseram a minha banca, Andrea, Denise e Laura, pelas contribuições maravilhosas, e por toda a bagagem de conhecimento compartilhada.

A minha turma e “rede de apoio” como foi intitulada pelos ingressantes da pós-graduação do ano de 2020, colegas que entraram juntamente comigo nessa jornada, e foram minha maior proximidade com alguma forma de sociabilidade durante a pandemia, nos auxiliando entre si a mantermos a saúde mental e física. Grata por todos os encontros acadêmicos online.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino gratuito e de qualidade. Que me possibilitou a participação em eventos acadêmicos, estágios docentes e principalmente aos grupos de pesquisa, os quais foram essenciais para a minha formação. Obrigada Observatório de Carreiras Internacionais (OIC) e ao CASULO, grupo de pesquisa focado na Sustentabilidade das Carreiras, criado pela professora Angela. E a CAPES pelo incentivo concedido.

A todos os meus entrevistados, por toda a disponibilidade e confiança depositadas em mim, ao contarem suas experiências pessoais, as quais tornaram possível e enriqueceram o meu trabalho. E principalmente por me permitirem vivenciar um pouco de suas viagens através dos detalhes dos relatos. Viajar, nem que seja pelo imaginário, amplia a nossa visão sobre o mundo.

Por fim, a todos os meus amigos de vida e os que me acompanham desde a graduação, e demais pessoas que contribuíram de alguma forma para a conclusão desse estudo, e desta etapa da minha vida.

RESUMO

SER E ESTAR MOCHILEIRO: SERIA POSSÍVEL FALAR EM CARREIRA SUSTENTÁVEL?

AUTORA: Valessa Lemos da Silva

ORIENTADORA: Angela Beatriz Busato Scheffer

O presente estudo tem por objetivo geral analisar como a sustentabilidade vai sendo contemplada pelos mochileiros durante a constituição de sua carreira/trajetória de vida de mochilagem, a partir de um estudo qualitativo. Carreira é entendida como as experiências relacionadas ao trabalho e outras experiências relevantes de um indivíduo, dentro e fora das organizações, que formam um padrão único ao longo do ciclo de vida (BARUCH; SULLIVAN, 2022). A população investigada foi composta por 20 mochileiros. Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e individuais e a análise dos dados via análise de conteúdo. Na pesquisa foram identificados cinco tipos de mochileiros, baseados nas descrições da autora O`Rilley (2006), explorando-se as motivações principais que diferem para cada grupo, assim como as possibilidades e significados do trabalho. Observou-se que estas podem modificar-se em decorrência de transições na carreira. A principal contribuição teórica do estudo está no olhar sobre a sustentabilidade das carreiras em uma carreira não tradicional, na qual o trabalho não perde a sua importância, mas não é primordial, dividindo espaço com as outras experiências significativas adquiridas durante toda a sua trajetória de vida, bem como olhar para uma carreira que se dá em movimento. As dimensões agência, espaço social, sentido e tempo foram trazidas para a análise das carreiras de mochileiros. Como resultados ressalta-se que a continuação da carreira do mochileiro vai depender do desenvolvimento de algumas competências necessárias, bem como escolhas e daquilo que ele está disposto a abrir mão. Além disso, a carreira dos mochileiros tem a mobilidade enquanto condição, tanto física como psicológica. A questão das desigualdades produzidas foi também apontada no estudo. Foram entrevistados mochileiros de diferentes condições de vida e dirigidas a diferentes contextos, o que abre a refletir para uma carreira possível a muitos.

Palavra-chave: Carreira. Sustentabilidade. Mochileiros.

ABSTRACT

BEING AND BEING A BACKPACKER: WOULD IT BE POSSIBLE TO TALK ABOUT A SUSTAINABLE CAREER?

AUTHORESS: Valessa Lemos da Silva

GUIDANCE COUNSELOR: Angela Beatriz Busato Scheffer

The present study has as general objective to analyze how sustainability is being contemplated by backpackers during the constitution of their career/life trajectory of backpacking, from a qualitative study. Career is understood as the experiences related to work and other relevant experiences of an individual, inside and outside organizations, which form a unique pattern throughout the life cycle (BARUCH; SULLIVAN, 2022). The population investigated consisted of 20 backpackers. The research data were obtained through semi-structured and individual interviews and data analysis through content analysis. The research identified five types of backpackers, based on the descriptions of the author O'Rilley (2006), exploring the main motivations that differ for each group, as well as the possibilities and meanings of the work. It was observed that these can be modified due to career transitions. The main theoretical contribution of the study is in the view of the sustainability of careers in a non-traditional career, in which work does not lose its importance, but is not paramount, sharing space with the other significant experiences acquired throughout its life trajectory, as well as looking at a career that takes place on the move. The dimensions agency, social space, sense and time were brought to the analysis of backpacker careers. As results it is emphasized that the continuation of the backpacker's career will depend on the development of some necessary skills, as well as choices and what he is willing to give up. In addition, the career of backpackers has mobility as a condition, both physical and psychological. The issue of the inequalities produced was also pointed out in the study. Backpackers from different living conditions were interviewed and addressed to different contexts, which opens to reflect for a career possible to many.

Keyword: Career. Sustainability. Backpackers.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo Processual de carreiras sustentáveis	20
Figura 2 - Quadro de Classificação de turistas	29
Figura 3 - Características da autoimagem dos mochileiros	33
Figura 4 - Três fases da Análise de Conteúdo.....	49
Figura 5 - Elementos das carreiras sustentáveis.....	86
Figura 6 - Relação das carreiras de mochileiros com carreira sustentável.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas Associadas aos Objetivos de Pesquisa.....	43
Quadro 2 - Características das entrevistas	45
Quadro 3 - Características gerais dos entrevistados	47
Quadro 4 - Características gerais dos entrevistados relacionadas a mochilagem	48
Quadro 5 - Formação de categorias	50
Quadro 6 - Participantes da pesquisa e suas motivações	54
Quadro 7 - Mochileiros profissionais	57
Quadro 8 - Mochileiros profissionais (continuação)	57
Quadro 9 - Mochileiros de “um ano fora”	58
Quadro 10 - Mochileiros de “um ano fora” (continuação).....	58
Quadro 11 - Mochileiros com a “vida em crise”	60
Quadro 12 - Mochileiros com a “vida em crise” (continuação).....	60
Quadro 13 - Mochileiros festeiros	61
Quadro 14 - Mochileiros festeiros (continuação)	61
Quadro 15 - Mochileiros de “curto prazo”	62
Quadro 16 - Mochileiros de “curto prazo” (continuação).....	62
Quadro 17 - Categorias formadas a partir das vivências	65
Quadro 18 - Categorias construídas a partir de aspectos da vida, carreira e trabalho	75
Quadro 19 - Discussões em relação a sustentabilidade da carreira de mochileiros ..	92

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. TEMA E PROBLEMA.....	10
1.2. OBJETIVOS.....	14
1.2.1. Objetivo Geral	14
1.2.2. Objetivos Específicos	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. CARREIRA, SUSTENTABILIDADE E VIDA EM MOVIMENTO	15
2.2. MOCHILEIROS.....	21
2.3. MOBILIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES	34
3. PERCURSO METODOLÓGICO.....	41
4. APRESENTAÇÃO RESULTADOS	52
4.1. OS PARTICIPANTES E AS MOTIVAÇÕES PARA MOCHILAR.....	52
4.2. VIVÊNCIAS DURANTE O MOCHILÃO.....	65
4.3. VIDA, TRABALHO E CARREIRA	75
4.4. ELEMENTOS QUE FAVORECEM OU NÃO A SUSTENTABILIDADE DAS CARREIRAS DOS MOCHILEIROS.....	84
4.5. DISCUSSÃO: PODERÍAMOS FALAR EM UMA CARREIRA SUSTENTÁVEL? 91	
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	108
ANEXOS	125

1. INTRODUÇÃO

1.1. TEMA E PROBLEMA

Carreira pode ser definida como as experiências relacionadas ao trabalho e outras experiências relevantes de um indivíduo, dentro e fora das organizações, que formam um padrão único ao longo do ciclo de vida (BARUCH; SULLIVAN, 2022). Falar em carreira é também falar em trajetórias, em identidade e sentido.

Existem as carreiras mais tradicionais (CHANLAT, 1995), ligadas a organizações, como a de professores, enfermeiros, entre tantas outras, bem como carreiras empreendedoras ou auto-dirigidas, carreiras mais virtuais, como a de influenciadores digitais. Existem também as carreiras de vida, como as de voluntários e as de mochileiros, por exemplo, em que o trabalho é apenas uma parte da identidade do sujeito, o que é mais significativo são as experiências e o sentido atribuído a esse fazer ou modo de viver.

As carreiras retratam as relações mútuas de sujeitos e coletividades registradas em determinado contexto e tempo histórico (DE LUCA; ROCHA-DE-OLIVEIRA, 2016). Hughes (1937, 1958) entende que a carreira envolve todos os ângulos da vida do indivíduo, contemplando aspectos objetivos e subjetivos, pelos quais o indivíduo passa e dos quais interpreta e vai construindo a si.

Vivemos hoje em um mundo ligado a múltiplas complexidades, associado à insegurança, incertezas, instabilidade, necessidade de flexibilidade, aprendizagem constante e modificações contínuas, entre outras características (BLUSTEIN, 2011). É também um mundo abrindo-se para maiores mobilidades. Diante disso, torna-se desafiador acompanhar as transformações que têm sido observadas na relação dos indivíduos com suas carreiras, assim como pensar nas expectativas de longo prazo as quais estão envolvidas na constituição dessas trajetórias. Com intuito de se manterem atuantes em suas carreiras, os indivíduos passam a ter que adotar diversas estratégias e a questão da sustentabilidade das carreiras passou a ser central.

De forma geral, sustentabilidade nas carreiras se refere ao modo que, na constituição das carreiras, as demandas do momento não venham a comprometer aspectos importantes à qualidade de vida ao longo dos tempos (DE LANGE; KOUIJ; VAN DER HEIJDEN, 2015). É refletir sobre continuidade ao longo do tempo.

De acordo com Müller e Scheffer (2019), toda essa inconstância da vida dificulta a concretização de projetos e modos de ser e estar no mundo, diferentemente do tempo no qual certos “status” e “cargos” davam ao indivíduo uma determinada sensação de pertinência e estabilidade. Nos dias de hoje, valorizam-se as múltiplas identidades (pessoal, social, profissional) que são instáveis, fragmentadas, inconscientes, inacabadas, por vezes, até mesmo contraditórias (HALL, 2003; FIALHO, 2017) e capazes de se redefinir constantemente, de acordo com a forma como o sujeito entra em choque com novos sistemas culturais. Portanto, “hoje, falar em identidade, social ou profissional, é emergir numa multiplicidade de ângulos de análise” (FIALHO, 2017, p. 3).

É também nesse contexto que muda a relação do sujeito com seu trabalho e seu próprio modo de viver. O trabalho passa a ser percebido como “um suporte para a realização do projeto reflexivo do eu: ele é usado para expressar um estilo pessoal, para o cultivo de experiências e competências singulares num movimento contínuo de vinculação e desvinculação institucional” (BENDASSOLLI, 2009, p. 394). Novas formas de trabalho e de trabalhar surgem, misturando-se com o estilo de vida preferido.

Nessa conjuntura, a importância do trabalho não se extingue, apenas passa a dividir espaço com outros aspectos classificados igualmente relevantes pelo indivíduo (FIALHO, 2017; MÜLLER; SCHEFFER, 2019). Trabalho e vida andam lado a lado, sendo esperado que um indivíduo que mantenha uma vida cheia de significados fora do trabalho possa desenvolver um maior sentido dentro do seu trabalho, valendo também o contrário, mesmo que enquanto promessa (SENNETT, 2000; ANTUNES, 2015; FIALHO, 2017).

Esse sentido ou significado maior, pode ser também adquirido através de aventuras e experiências que as viagens podem oferecer (MÜLLER; SCHEFFER, 2019). Através delas surgem relações construídas, conexões cognitivas e relacionamentos interpessoais entre o viajante com os habitantes locais e, até mesmo, com outros atores da viagem, os quais impulsionam mudanças de comportamento e novas visões de mundo (ULUSOY, 2016).

O significado atribuído, bem como a aprendizagem gerada pela experiência vivenciada em uma viagem, são únicos e particulares, uma vez que a mesma experiência pode ser compartilhada por mais de um sujeito e gerar perspectivas

diversas e até mesmo opostas. Por isso, é tão importante que o próprio sujeito vivencie a experiência, pois ela não pode ser substituída por leituras ou relatos de outrem.

A carreira dos mochileiros, embora sempre existente, fala de sujeitos em constante mobilidade, os quais se assemelham mais aos viajantes do que aos turistas e que construíram uma identidade própria, formulada a partir de suas próprias experiências vividas no decorrer de suas carreiras. Fala, assim, de trajetórias construídas ao longo do tempo que constituem uma carreira, ou carreiras, em que a vivência de uma experiência de vida se entrelaça com o trabalho de modos diferentes.

As trajetórias individuais não são compostas no vácuo (SULLIVAN; BARUCH, 2009), elas sofrem influência de componentes como a origem; o trabalho; a sociedade e a cultura; e o global (MAYRHOFER; MEYER; STEYER, 2012). Estes eixos associam-se entre si, produzindo o cenário no qual as trajetórias são construídas. Assim, pode-se pensar nessa trajetória de vida dos mochileiros como carreira, pois estes influenciam as pessoas, ao mesmo tempo em que são influenciados pelo contexto encontrado, a cada nova viagem. Há uma interação dinâmica.

A escolha do tema “mochileiros” para o estudo, está atrelado ao interesse da pesquisadora pela modalidade, que apesar de não ser mochileira ainda, tem interesse por esse estilo de viagem, e por possuir muitos amigos mochileiros, praticantes dessa modalidade a algum tempo. Além disso, é um estilo de vida com grande relevância na sociedade atual, e que tem ganhado relevância como estilo de vida, mercado e espaço na mídia, e aumentado o número de adeptos.

Observou-se que nos últimos anos houve um crescimento significativo exponencial e mundial da atenção da academia para os mochileiros; entretanto, ainda possui restrita bibliografia brasileira (CIDADE, 2013; FALCÃO, 2016) e, por isso, merece ser aprofundada. Encontram-se produções em maior escala na/sobre a Austrália e na Europa, ambos locais onde essa modalidade já é difundida há bastante tempo. Grande parte das pesquisas brasileiras existentes apresentam-se direcionadas à área de marketing, de administração, da economia e do turismo, isto porque a maioria dos autores definem o mochileiro como uma categoria de turista jovem e orientam o estudo para um viés mercadológico, onde o foco principal é identificar possibilidades para incentivar o mercado turístico deste grupo. Além disso, não foram encontradas pesquisas unindo esses dois temas, mochileiro e carreira.

No Brasil, muitos tendem a atribuir o termo mochileiros aos indivíduos que viajam aos grandes centros de compras e adquirem inúmeras mercadorias e produtos

com o objetivo de revender em suas cidades de origem, sendo, pelo volume e quantidade de sacolas/mochilas, nomeados de mochileiros. Entretanto, neste trabalho, o termo “mochileiros” é oriundo de backpackers, - designação essa dada por Philip L. Pearce em 1990 - e que “vem sendo utilizado mundialmente para denominar o segmento de viajantes que têm um estilo independente, flexível e econômico, por longos períodos em que buscam conhecer vários destinos numa mesma viagem” (OLIVEIRA, 2007, p. 1).

Diferente do backpacker estrangeiro que tem o privilégio de ficar tanto tempo fora de casa/trabalho, ao refletir sobre o contexto atual dos mochileiros brasileiros, é necessário levar em conta que, muitos deles, encontram-se inseridos na conjuntura laboral e legislativa no/do Brasil, tendo férias apenas de 30 dias corridos, e, em decorrência disso, não podem viajar durante um período maior que esse, sob penalidades jurídicas (SANTOS; ASSUNÇÃO, 2020).

Do mesmo modo, entende-se que, atualmente, não se pode associar mochilagem apenas com pessoas de alto poder aquisitivo, pelo motivo de que inúmeros adeptos a esse estilo não serem privilegiados economicamente e, em muitas situações, o planejamento e a economia dos recursos iniciam com anos de antecedência (SANTOS; ASSUNÇÃO, 2020). Ressalta-se ainda que alguns deles vivem mochilando e obtendo dinheiro trabalhando nesses locais – dessa forma, não são turistas, mas, também, não são nativos, são ambos -, como mencionado por Firmo (2015).

A viagem do mochileiro pode ser analisada como um “rito de passagem”, ou seja, um conjunto de práticas e atividades que simbolizam a transição de uma etapa da vida para outra, somada a um rico crescimento pessoal adquirido no processo (O’RILLEY, 2006). Por isso, alguns autores, como Cohen (1973), acreditam que o mochilão é uma ótima preparação para a vida, o autodesenvolvimento e a capacidade de lidar com incertezas e mudanças torna o indivíduo mais apto a sobreviver na contemporaneidade, e, com isso, com mais probabilidade de ser bem-sucedido.

Nesse sentido, como questão problema de pesquisa tem-se: **como se compõe a carreira dos mochileiros e como se dão os movimentos no sentido de construção de uma carreira sustentável?** Propõe-se aqui, discutir uma carreira não tradicional, uma carreira que se dá em movimento e sua constituição ao longo do tempo, com um olhar para a sustentabilidade. Tal perspectiva implica em refletir o que permite a tais sujeitos se manterem atuantes mesmo frente às adversidades que

possam surgir, o que inclui considerar o atual contexto geral de transformações; implica em pensar em expectativas de longo prazo; em considerar que demandas características dessas trajetórias não venham a comprometer aspectos importantes à continuidade das carreiras e à qualidade de vida ao longo dos tempos.

1.2. OBJETIVOS

A fim de dar sentido à pesquisa dentro de um contexto geral, a seguir, serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar como a sustentabilidade vai sendo contemplada pelos mochileiros durante a constituição de sua carreira/trajetória de vida de mochilagem.

1.2.2. Objetivos Específicos

- I. Compreender as motivações dos mochileiros para o ingresso e permanência nessa carreira;
- II. Analisar quais experiências vão sendo vivenciadas ao longo da carreira dos mochileiros e de que modo impactam na mochilagem, no trabalho e vida desses sujeitos;
- III. Discutir que elementos favorecem ou não a sustentabilidade das carreiras dos mochileiros.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. CARREIRA, SUSTENTABILIDADE E VIDA EM MOVIMENTO

Pensando em carreira, cabe inicialmente referir que o desenvolvimento do termo carreira se deu no contexto capitalista, com o conceito de ofício e profissão; na fase “moderna”, com possibilidades de mobilidade social e o reconhecimento na sociedade, os quais não eram permitidos durante a era feudal. Isso não significa que, atualmente, qualquer trajetória profissional percorrida seja de fácil ascensão, mas que o indivíduo pode, a princípio, escolher sua ocupação na sociedade (CHANLAT, 1995).

Desde o início dos estudos sobre carreira, entende-se que há condições sociais que influem as estruturas de oportunidades e despertam a possibilidade de exercer uma ocupação, particularmente a capacidade de agência individual (ARTHUR; HALL; LAWRENCE, 1989). Entretanto, vale ressaltar que “carreiras são sempre carreiras em contexto” (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007, p. 215), e em decorrência disso, ressalta-se a importância de avaliar os elementos que marcam o espaço onde se insere uma carreira.

A construção do conceito de carreira abarca entendimentos a respeito das estruturas socioeconômicas, das características do mercado de trabalho, dos valores, da cultura e do contexto histórico no qual organizações atuam e pessoas interagem; dessa forma, o cenário se altera conforme se modificam essas configurações (SULLIVAN; BARUCH, 2009).

Vale mencionar, como colocam Fraga e Rocha-de-Oliveira (2020), que as carreiras podem desenvolver-se dentro e fora das organizações e modelam-se tanto pela ação individual das pessoas como pelo contexto em que elas vivem e trabalham.

As carreiras mais tradicionais, lineares e estáveis, foram dando lugar às chamadas carreiras contemporâneas (CHANLAT, 1995) que se caracterizam por transcender o vínculo com uma organização e por centralizar a responsabilidade do sucesso (objetivo ou subjetivo) de sua carreira sobre o próprio indivíduo. Este deve utilizar-se de suas experiências pessoais (autoconstrução, construção de vida, etc) para obter, além da empregabilidade (conhecimentos, habilidades e atitudes atualizadas) e da trabalhabilidade, um diferencial em termos de valor frente ao mercado inconstante que lhe permita manter-se atuante.

Assim, as chamadas carreiras contemporâneas emergem como forma de responder às configurações e exigências da nova dinâmica do mundo do trabalho. O foco desse estudo está na sustentabilidade das carreiras (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015). Segundo De Vos, Van Der Heijden e Akkermans (2018, 2020), nas últimas décadas, muito têm sido escrito sobre a natureza mutante das relações de trabalho e das carreiras. O mercado de trabalho tem considerado a mobilidade, a flexibilidade e a adaptabilidade como características fundamentais para a sobrevivência do indivíduo e o desenvolvimento de sua carreira.

De acordo com De Vos, Van Der Heijden e Akkermans (2018), embora todas as carreiras compreendam uma sequência (ou sequências) de experiências de trabalho ao longo do tempo, nem todas as tipologias de sequências conseguem ser igualmente sustentáveis e muitos fatores são capazes de impactar a sustentabilidade da carreira ao longo do curso de um trabalho e de uma vida. Ademais, as carreiras formam um complexo mosaico de experiências objetivas e avaliações subjetivas, ocasionando em uma enorme diversidade em termos de como as carreiras podem tomar forma e uma variedade de reflexões individuais sobre se uma carreira é sustentável ou não.

Para entender a sustentabilidade das carreiras e sua atualidade nos debates acadêmicos, faz-se necessário realizar um resgate histórico, apontando os marcos relevantes que foram essenciais para a construção das discussões que cercam esse tema. Apesar da questão da sustentabilidade em grande parte ser atribuída apenas ao meio ambiente, seu entendimento é bem mais amplo.

Antes de entrar no conceito de carreira sustentável e tudo que implica e aplica, se faz necessário trazer em pauta noções-chaves sobre o conceito de “sustentabilidade”, uma vez que este traz um novo olhar para carreiras contemporâneas. A origem do conceito de sustentabilidade emergiu em 1972, durante uma conferência sobre o meio ambiente, onde a Organização das Nações Unidas (ONU) a definiu como: um mundo onde as pessoas devem se esforçar para atender suas necessidades de tal forma que a capacidade das gerações futuras de atender às suas necessidades não estejam em perigo (DOCHERTY; KIRA; SHANI, 2009). Durante a década de 1980, a sustentabilidade passou a ser interligada ao desenvolvimento, dando espaço ao conceito de desenvolvimento sustentável, definido como: o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer

a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades (Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, 1992).

Posteriormente, com o aprofundamento do tema no campo das organizações, de acordo com Pfeffer (2010), a sustentabilidade dividiu-se em física e humana. Enquanto a sustentabilidade física (ambiental) preocupa-se mais com as consequências para os recursos materiais e físicos advindos das atividades organizacionais, a sustentabilidade humana (social) volta-se para os transtornos causados à saúde física, mental e ao bem-estar, bem como o estresse oriundo das práticas de trabalho.

A sustentabilidade humana compreende uma discussão mais recente na área de carreira (GARAVAN; MCGUIRE, 2010), apontando que a dimensão do conceito propõe integrar um olhar para os diversos atores que participam da constituição de carreiras individuais e explorar como eles podem vir a contribuir para com a sociedade (MÜLLER; SCHEFFER, 2020). Nesse sentido, a sustentabilidade passa a destacar-se no campo de pesquisa das carreiras com uma visão de longo prazo, de continuidade, entendendo que o ciclo de eventos assim como as decisões tomadas pelo indivíduo ao longo do tempo, irão determinar o nível de sustentabilidade de uma carreira a longo prazo (DE VOS; VAN DER HEIJDEN, 2017).

A carreira sustentável é definida como “a sequência das diferentes experiências profissionais de um indivíduo, refletidas por uma variedade de padrões de continuidade ao longo do tempo, atravessando vários espaços sociais e caracterizados pelo indivíduo agência, dando significado ao indivíduo” (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015, p. 07).

A continuidade ao longo do tempo diz respeito à sequência do movimento do indivíduo ao longo do tempo e através de diversas experiências de carreira significativas, com base em suas atuais aspirações, capacidades, necessidades e expectativas, sem, no entanto, comprometer as necessidades futuras. Essa continuidade, a qual está em linha com a noção de sustentabilidade, demonstra a natureza dinâmica das carreiras sustentáveis e destaca que a ideia é entender melhor o que é sustentabilidade no trabalho e, em seguida, passar para o próximo nível de análise de formas e identificando fatores que promovam, mantêm e desenvolvam as carreiras sustentáveis (ARTHUR, 2014).

Ademais, espaços sociais refletem a influência do ambiente social (por exemplo, organizações, família) nas trajetórias dos indivíduos, assim como o impacto

das escolhas das pessoas em relação aos espaços sociais que ocupam, em e na sustentabilidade de sua carreira. Por exemplo, os desafios decorrentes desta dimensão (espaços sociais) incluem a existência de carreiras alternativas, a multiplicação de opções de carreira e, portanto, decisões de carreira, a indefinição das fronteiras entre trabalho e não trabalho (carreira sem fronteiras), também como o fato de que as carreiras são realizadas em diferentes contextos (trabalho, casa, amigos e lazer) (ARTHUR, 2014).

Despontam, nesse conceito, quatro dimensões familiares às concepções de carreiras contemporâneas, dimensões estas consideradas como fundamentais e constituintes (MÜLLER; SCHEFFER, 2020): tempo, espaço social ou contexto, agência e significado (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015; DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018). A principal semelhança entre a carreira sustentável e as demais carreiras contemporâneas citadas, é que todas colocam o indivíduo, ou agência, como pessoa focal, valorizando sua ação na condução da própria carreira. Porém, o que difere a carreira sustentável das demais carreiras contemporâneas sinalizadas é que as dimensões - tempo, espaço social ou contexto, agência e significado - estão imersas em duas perspectivas: sistêmica e dinâmica, que consideram os múltiplos contextos e o espaço temporal e histórico (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015; DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018) e onde quando as carreiras se desenvolvem. Isso significa que as dimensões são pensadas, discutidas e desenvolvidas ante o entendimento de que as carreiras estão sob um processo sistêmico e dinâmico.

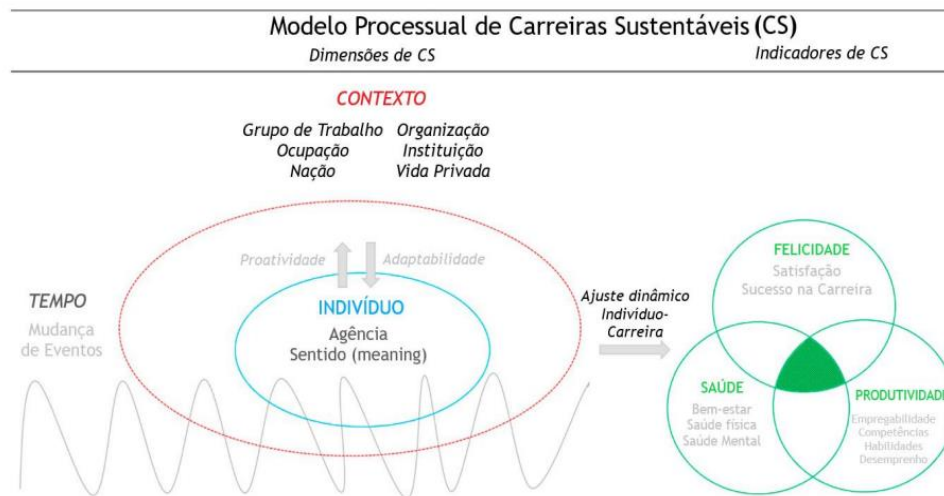
A partir da perspectiva sistêmica, a carreira sustentável compreende a interação ou integração entre indivíduo e contexto – duas de suas dimensões. Apesar do indivíduo, para a carreira sustentável, ser o ator central da sua carreira, está inerentemente interconectada a partes interessadas e aos múltiplos contextos e, conseqüentemente, sob recíproca influência e implicações (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018). Portanto, o indivíduo é considerado, segundo De Vos, Van Der Heijden e Akkermans (2018), o ‘dono’ da sua carreira, tendo grande responsabilidade pelo rumo que ela tomará e conseqüentemente grande impacto na sustentabilidade da sua carreira, atuando com proatividade e controle e/ou adaptabilidade e reatividade aos diferentes contextos – contexto de trabalho, contexto de vida privada, setor ocupacional e contexto institucional (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018).

A atuação do indivíduo em múltiplos contextos, e seu contínuo desenvolvimento, tende a torná-lo mais capaz de manter a sustentabilidade de sua carreira. Numa perspectiva dinâmica, a carreira sustentável situa a sua dimensão tempo, trazendo como os fatores internos e os fatores do contexto – em interconexão e movimento – mudam ao longo do tempo (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018). A noção de continuidade aparece nessa dimensão, uma vez que as experiências, as necessidades, as expectativas e as decisões dos indivíduos evoluem e se transformam de forma temporal. E na vivência positiva ou negativa destas, um processo de “aprendizagem dinâmica” pode ser desencadeado, permitindo ao indivíduo o aproveitamento de oportunidades do contexto mais amplo para seu contexto pessoal. (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018; MÜLLER; SCHEFFER, 2020).

A dimensão sentido na carreira sustentável, não enquadrada nas perspectivas citadas, está indubitavelmente no centro do indivíduo, ou seja, nas suas particularidades, que atribui significados diferentes – objetivos ou subjetivos – às sequências e resultados de sua carreira (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015; MÜLLER; SCHEFFER, 2020).

A partir do todo visto, a carreira sustentável traz como condição a releitura das dimensões tempo, espaço social ou contexto, agência e significado, características das carreiras contemporâneas, de forma sistêmica e dinâmica. Porém, De Vos, Van Der Heijden e Akkermans (2018) adicionam na compreensão de carreiras sustentáveis três indicadores, sendo eles: saúde, felicidade e produtividade, conforme a Figura 1. Estes são fundamentais não só para o indivíduo, mas também para as partes as quais interage nos diferentes contextos imersos (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018), que “alinhados e em equilíbrio integram características de carreiras sustentáveis” (MÜLLER; SCHEFFER, 2020, p. 12).

Figura 1 - Modelo Processual de carreiras sustentáveis



A saúde abrange as capacidades físicas e mentais dos indivíduos ao longo de suas carreiras, que podem se manifestar de forma específica para cada ocupação e período de vida. A felicidade, elemento subjetivo, se refere ao sentimento de satisfação e de sucesso relacionado a carreira, resultante de um ajuste dinâmico do indivíduo-carreira sobre alguns aspectos como, valores, objetivos, necessidades, equilíbrio profissional-pessoal e outros, que podem variar ao longo da carreira. A produtividade se refere ao bom desempenho no trabalho, se houver vínculo empregatício e/ou alta empregabilidade ou potencial de carreira, sendo que mudanças no contexto ao longo da carreira podem sinalizar uma revisão nesse aspecto (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018; MÜLLER; SCHEFFER, 2020).

Em suma, o modelo processual das carreiras sustentáveis, por De Vos, Van Der Heijden e Akkermans (2018), apresenta: sob perspectiva sistêmica o espaço social ou contexto, sua influência e implicações para o indivíduo, agência, que está em constante interconexão. Nesse espaço, revela-se a importância da proatividade e adaptabilidade - relação estrita com empregabilidade e trabalhabilidade - como forma de sustentabilidade de carreira; sob perspectiva dinâmica, a necessidade do constante ajuste entre indivíduo e carreira frente às mudanças ao longo do tempo. Ressaltando que, central ao indivíduo nesses processos, está o sentido, que serve como norteador das necessidades objetivas e subjetivas. Invariavelmente, essas dimensões se relacionam com os indicadores das carreiras sustentáveis: saúde, felicidade e produtividade.

Segundo Newman (2011), a pesquisa sobre carreiras sustentáveis continua crescendo, pois a noção de sustentabilidade em relação à carreira foi formulada recentemente e reflete três características. Em primeiro lugar, proporciona oportunidades de renovação, pois as pessoas podem fazer uma pausa para se reinventar. Em segundo lugar, revela a necessidade de flexibilidade e adaptação, tendo em vista que os conhecimentos e competências atuais em breve poderão estar desatualizados. E, em terceiro, que indivíduos e organizações necessitam ser aprendizes contínuos (ao longo da vida). Sendo assim, carreiras sustentáveis devem incluir oportunidades de integração em todas as esferas da vida individual e experiências que ofereçam a sensação de plenitude, integridade e significado.

2.2. MOCHILEIROS

Observou-se que nos últimos anos houve um crescimento significativo, exponencial e mundial, da atenção da academia para os mochileiros; entretanto, ainda possui restrita bibliografia brasileira (CIDADE, 2013; FALCÃO, 2016) e, por isso, merece ser aprofundada. Encontram-se produções em maior escala na/sobre a Austrália e na Europa, ambos locais onde essa modalidade já é difundida há bastante tempo. Grande parte das pesquisas brasileiras existentes apresentam-se direcionadas à área de marketing, de administração, da economia e do turismo, isto porque a maioria dos autores definem o mochileiro como uma categoria de turista jovem e orientam o estudo para um viés mercadológico, onde o foco principal é identificar possibilidades para incentivar o mercado turístico deste grupo.

Entretanto, os mochileiros possuem diversas terminologias, além do “turista independente”, como “viajante”, “vagabundo”, “trotamundo”, “nômades”, “nômades digitais” e tantas outras. Ainda, conforme Oliveira (2007, p. 4), esse termo é variação de outro, Drifter - “sem destino”, sua origem é europeia e referia-se apenas a jovens que viajavam em busca de conhecimento, experiência e amadurecimento antes de adentrarem ao mundo do trabalho. Era, portanto, uma modalidade elitizada e que durava longos períodos, por isso, atingia poucas pessoas.

No meio acadêmico, há uma dificuldade em se definir o mochileiro devido às divergências entre pesquisadores e a expansão da modalidade, bem como as características de cada continente/país, suas culturas e formas de viajar. Desse modo, alguns autores os designam como “turistas independentes, viajantes, mochileiro,

vagabundos, hippies” (FALCÃO, 2016, p. 83); outros (SAWAKI; SAWAKI; HACK NETO, 2010) subdividem essa categoria em duas: os mochileiros tradicionais, os que se enquadram nos primórdios do Backpacking e os mochileiros contemporâneos, os mais recentes.

Enquanto mochileiro, nessa vida em movimento, há um preparo para a jornada, um retorno e um novo preparo para a próxima. Há um planejamento como em todos os demais tipos de viagens, entretanto, aqui a flexibilidade é primordial, ela faz parte da experiência. Características que podem ser incluídas na definição de uma viagem de “mochileiro” são: orçamento reduzido; preferência por acomodações econômicas como os Hostels; desejo por atividades de lazer informais, participativas e que, de certa maneira, estejam ligadas a cultura local (SORENSEN, 2003). Os backpackers tem uma maior flexibilidade no planejamento que pode encaixar com possíveis vagas em acomodações coletivas, possibilitando que o “mochileiro” permaneça mais tempo nos locais desejados (VIEIRA, 2019). De acordo com Oliveira (2007), ao discorrermos das condições de hospedagem, o que mais interessa aos “mochileiros” são a segurança e a limpeza.

Nesse sentido, as exigências dos backpackers aos alojamentos escolhidos, não estão direcionadas ao luxo ou serviços exclusivos, como acontece com os turistas. O que realmente interessa para o segmento dos mochileiros é a funcionalidade de alguns serviços necessários para o prosseguimento de sua viagem: wi-fi, higiene e segurança (VIEIRA, 2019). Mesmo sem exigir um alto padrão dos alojamentos, os backpackers consideram questões como sustentabilidade, preços abusivos e respeito pela cultura local, sempre no intuito de minimizar o impacto de seu turismo na comunidade visitada (VIEIRA, 2019). Ainda, segundo o autor, hospitalidade para o backpackers está mais aproximada de uma noção de criação de laços de amizade, do que simplesmente o acolhimento.

Observa-se durante a pesquisa, que a maioria dos autores, traçam o perfil dos mochileiros como majoritariamente jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos; com procedência de países ocidentais; que possuem elevadas qualificações, sobretudo a nível universitário; e são oriundos da classe média-alta. Quanto ao tempo de duração da viagem de mochila, ela é irregular, até porque uma mesma viagem pode conter múltiplos lugares descobertos. Vale ressaltar que o interesse pela mochilagem pode estar intimamente ligado a uma etapa de transição de vida, fazendo com que saiam a busca por novas experiências, antes de

regressarem para a vida habitual, ou adentrarem as responsabilidades atribuídas a vida adulta (O'REILLY, 2006).

Apesar de prezar pelo custo mínimo de viagem, os mochileiros não andam só “a pé”, como faziam os nômades ancestrais. Como formas de deslocamento para a condução da viagem, são utilizados os mais diversos meios de transporte, como aviões, barcos, carros, comboios, bicicletas, motos e motorhomes. As TIC's são ótimas facilitadoras também, oferecendo apps, bússola, hospedagem, comunicação e até mesmo, ferramentas para a realização do trabalho remoto.

Alguns lugares destacam-se como preferidos pelos mochileiros, como Sudeste Asiático (Tailândia e Vietnã); Austrália; Sul da África e Europa, pelos baixos preços de alojamento e alimentação, além da autenticidade e exotismo. Ademais, os mochileiros têm o hábito de obter referências dos locais com outros praticantes da modalidade ou com pesquisas através de blogs, sites e redes sociais de relacionamentos. Tal pesquisa tem como objetivo tentar prever alguns riscos, facilidades e exigências a serem encontradas no local almejado.

Em que pese o termo mochileiro contém várias características que se assemelham a alguns tipos de viagens, praticadas há séculos, e não há consenso sobre a verdadeira origem do grupo. Mundialmente são definidos como “Backpackers”, onde a tradução mais próxima da palavra para o português, são “mochileiros” e refere-se de forma simplificada ao turista jovem que planeja sua viagem de forma independente e econômica. Entretanto, observa-se que essa terminologia, “turista”, não contempla os próprios praticantes dessa modalidade, que encontram maior significado nas demais denominações, como “viajantes”. Além disso, encontram-se praticantes de todas as idades na estrada, muitos deles, aproveitando a aposentadoria.

Uma das definições encontradas na literatura para turismo mochileiro, surgiu na década de 90, na visão de Pearce; Loker - Murphy (1995, p. 823), seriam

Turistas jovens e econômicos com preferência por acomodações baratas, buscam o encontro com outras pessoas (locais e estrangeiras), traçam o itinerário da viagem de forma independente e flexível, seus períodos de férias são longos e buscam atividades recreativas informais e participativas.

De acordo Cohen (1973), o turismo mochileiro (backpacker tourism) atual desenvolveu-se a partir dos Grand Tours dos séculos XVII e XVIII, realizados por homens jovens, pertencentes a alta classe europeia, acompanhados por um professor

particular, que viajavam a fim de obter experiência pessoal. Para Adler (1985), o turismo jovem, econômico e de longa duração se originou das peregrinações (tramping) da classe trabalhadora jovem dos séculos XVII e XVIII, em que exerciam seu ofício de vila em vila e, durante a viagem, se educavam, se aventuravam e visitavam os destinos. As viagens realizadas constituíam-se “num ritual que lhes permitia a emancipação perante os membros da família, de acordo com os estilos ocidentais da vida adulta” (ADLER, 1985, p. 337). Com o passar dos anos, essa modalidade passou a ser praticada por trabalhadores imigrantes sem qualificação, tornando esse tipo de viagem característico das classes mais pobres (AOQUI, 2005).

O estilo de realizar viagens econômicas, usando mochilas e percorrendo diversos caminhos, por um longo período de tempo, modificou-se após a Segunda Guerra Mundial, quando jovens europeus e norte-americanos, chamados drifters, começaram a realizar viagens pedindo carona, cada qual em seu continente (OLIVEIRA, 2005). Os drifters referem-se aos viajantes que não planejam nada com antecedência, seguem sem rumo definido, são extremamente econômicos e correm riscos maiores. Na visão de Cohen (1973), o fenômeno drifter está mais voltado aos hippies viajantes dos anos 1960 e 1970. Oliveira (2005) acrescenta que os jovens viajantes começaram a explorar locais periféricos como forma de contrariar a política ocidental dominante.

Constata-se que uma das primeiras definições teóricas de turismo que se tem conhecimento (BARRETTO; 1995; BARBOSA, 2002; REJOWSKI, 2002; MENESES, 2006) vem de Hermann Von Schullzu Schattenhofen (1911), um economista austríaco que alegava que o “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado” (BARRETTO, 1995, p. 9).

O termo turista foi utilizado por Stendhal (1838) ao publicar um livro chamado “Memórias de um Turista”. Nesse livro, o protagonista é intitulado de turista e caracterizado como um tipo de viajante que se tornava comum na Europa – um viajante que vai de um lugar para o outro, pois quer conhecer as coisas belas que estão espalhadas por todos os cantos do mundo. Na obra, o turista é aquele que se ausenta do lugar em que reside para satisfazer uma necessidade específica: a curiosidade, voltando depois à sua vida normal. Nesse texto, fica nítida a diferença

entre o turista, um viajante ilustre, com poder econômico e de “bom gosto”, e o viajante comum, pertencente às classes economicamente empobrecidas.

Destaca-se um fato marcante que ocorreu no ano de 1841 e foi descrito como a “primeira” viagem de turismo de massa, quando Thomas Cook fretou um trem e organizou uma viagem entre as cidades de Leicester e Loughborough (cidades Inglesas) para levar uma grande quantidade de pessoas para um congresso antialcoólico (URRY, 2001; FIGUEIREDO, 2010). Esse episódio, ocasionou controvérsias, já que, se por um lado, Cook é considerado um empreendedor e pioneiro no desenvolvimento histórico do turismo, por outro lado, ele também foi ridicularizado, à época, por oportunizar a uma classe desprestigiada a possibilidade de conhecer lugares que só eram visitados pela elite (SANTOS FILHO, 2005). Entretanto, percebe-se um paradoxo nesse acontecimento. Se por um lado a ampliação do segmento turístico passou a representar uma possibilidade acessível às viagens para um número maior de pessoas, em contrapartida, promoveu a elitização desse mesmo processo ao diferenciar o tipo de viagem realizada.

Através dessa passagem histórica, Falcão (2016) refere haver certa ruptura entre os termos “turistas” e “viajantes”. Segundo ela, essa quebra aumenta à medida que “o turista” vai conquistando contornos mais definidos e seu simbolismo social vai adquirindo força e prestígio diante de uma sociedade capitalista.

O avanço e o desenvolvimento da “indústria turística” ampliaram o acesso a essa forma de viajar entre a classe burguesa e, posteriormente, dos membros da classe média também. Como pontua Figueiredo (2010), intensificam-se as excursões, produzem-se pacotes turísticos. O turista começa a se transformar em estereótipo e o conceito e a prática se afastam cada vez mais do “viajante”. Essa tensão gerada pelo poder econômico está fortemente enraizada nos conceitos que tentam delinear esse campo de estudos. Dessa forma, é possível imaginar o turismo como uma construção histórica que vem sendo desenvolvida em conjunto com as relações de produção (SANTOS FILHO, 2007).

Sobre outra perspectiva dos mochileiros, eles fariam parte apenas do “turismo jovem”. Além das divisões tradicionais, como a de viagens de negócios, lazer ou mistas, (HOLLOWAY, 1994), o turismo jovem apresenta a seguinte subsegmentação de acordo com Henriques e Gouveia (2013, p.59): “o segmento assenta em quatro grandes tipos de jovens viajantes/turistas: backpackers (mochileiros), viajantes de

lazer (leisure travelers), viajantes estudantes (student travellers) e viajantes por trabalho (work travellers)".

Barretto (1995) ainda complementa que o turismo sempre esteve relacionado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção delimita quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo. Desfazendo essa aproximação do turismo com a economia, Ferrara (1999) faz uma abordagem diferente para a viagem e para o turismo. A autora define a viagem como "o olhar que se desloca" (FERRARA, 1999, p. 17), que pode ser interpretado como um olhar que busca algo que vai além do visível. Já o turismo é definido como "o olhar que se concentra" (FERRARA; 1999, p. 20), ou seja, é o olhar (treinado) que já sabe o que deseja ver/conhecer (SOUSA, 2004).

Para Ferrara (1999), o que diferencia essas duas instâncias são as motivações que as impulsionam. A viagem é compreendida como uma busca do desconhecido que envolve principalmente o prazer da descoberta do espaço em todas as suas instâncias, sejam elas, sociais, culturais e/ou históricas. Já o turismo representava uma viagem organizada e institucionalizada, apresentando como motivação a utilização do tempo/espaço como uma alternativa de lazer. Os lugares visitados, sob a égide da sociedade de consumo, tornam-se mercantilizados, produtos a serem consumidos.

Nesse sentido, viajar constitui uma atividade que "não é comum a todos, mas destina-se apenas aos privilegiados que podem virar turistas" (FERRARA, 1999, p. 20). Nesse contexto, ser turista "é ter poder aquisitivo para desfrutar do conforto e da segurança de uma viagem meticulosamente planejada, com a programação preestabelecida, de tal modo que os riscos de algo dar errado ficam, pelo menos teoricamente, impossibilitados" (SOUSA, 2004, p. 2).

No entendimento de Falcão (2016), investigar o mochileiro somente pela perspectiva dos impactos econômicos para o turismo, o torna simplesmente uma subcategoria do turista. Nessa perspectiva, torna-se necessário diferenciar "turistas" e "viajantes" e seus entendimentos constituídos socialmente, desvendando possíveis implicações para o sujeito mochileiro perante a formulação de sua própria identidade. Alguns autores, como Barretto (2005, p. 43), Gomes, Pinheiro e Lacerda (2010, p. 27), entendem a origem do termo "turismo" a partir da palavra *tour*, de procedência francesa, relacionada à riqueza e à classe privilegiada, que quer dizer "viagem" ou

“excursão circular”. Tem seu equivalente no inglês *turn*, que quer dizer volta, e no latim *tornare*, que quer dizer “dar uma volta ou voltar ao ponto inicial”.

Nesse sentido, pensando no sujeito viajante, uma característica apontada por Souza (2004) é que ele se mostra aberto a interagir permitindo o conhecimento do outro. Entrar em contato com o outro é notar as diferenças e semelhanças que se estabelecem e se confrontam, retrata viver a experiência de singularidade. O viajante, de uma forma geral, é movido primeiramente por um sentimento de liberdade, de vontade, por um desejo de ir em busca do dessemelhante, nos quais a experiência de viagem permite vibrar o eu excitado pelos novos panoramas e novos contatos (FERRARA, 1999).

Diante disso, a autora, em contraposição, aponta o turista como o sujeito que procura passivamente apenas o exótico, viaja por curiosidade e ociosidade. Assim, pondera-se que não é possível pensar dicotomicamente a relação turista/viajante, como se fosse possível uma categorização fechada em seus princípios conceituais. Torna-se necessário admitir que, para muitos estudiosos, a própria nomenclatura turista traz subdivisões capazes de aproximações e afastamentos do conceito de viajante.

Nesse aspecto, a presença de nuances das atitudes e das práticas na forma de viajar produz distinções que necessitam ser reconhecidas na sua especificidade. Dentro dessa classificação encontram-se os “turistas independentes” como um exemplo de aproximação dos viajantes, já que eles, como descrito por Krippendorf (1989), almejam ter mais contato com os nativos e renunciar à maioria das infraestruturas turísticas normais, alojar-se de acordo com os hábitos locais e fazer uso dos meios de transporte público do país. De acordo com o autor, esse tipo de turista é, acima de tudo, “independente” e não aceita ser manipulado quanto aos percursos que pretende explorar.

Não paga pelo serviço de guia e ainda crê que viver frugalmente enquanto viaja é simplesmente parte da experiência turística, distante do materialismo e consumismo de sua sociedade de origem (BASTOS, 2006). Os turistas de “pacote” são descritos como sujeitos “despreocupados” e “ignorantes” quanto à história e à cultura local. Dessa forma, pagam para realização de seus sonhos, consomem os artefatos dos lugares e os guardam como troféus a serem exibidos quando retornarem a seus lugares de origem (BASTOS, 2006; URRY, 2001; SOUSA, 2004).

Nesse sentido, deve o termo mochileiro como um sujeito aberto às experiências que entra em contato, através das trocas, dos elos de reciprocidade nos quais o viajante e o nativo são modificados pelo encontro e pela experiência de alteridade. Desse modo é o que Falcão (2016) conclui que o termo “mochileiros” se constitui, tanto como uma subcategoria de turista quanto como um ser viajante, em uma forma de ser e estar no mundo.

Cohen (1972) classificou os turistas em duas categorias, turistas institucionalizados e não institucionalizados. Na categoria turista institucionalizados, o autor se referia aos turistas de massa, enquanto aos turistas não institucionalizados foram designados no estudo como “vagabundos” – jovens que vagavam. O vagabundo/andareiro foi denominado a pessoa que propositadamente viaja sem qualquer itinerário ou horário, sem destino ou finalidade bem definidos (COHEN, 2003). De acordo com o autor a razão identificada para a realização desse tipo de viagem, foram as grandes mudanças sociais e políticas dos anos 1960: a revolução estudantil e a Guerra do Vietnã, que levou à alienação generalizada de jovens ocidentais, especialmente na Europa Ocidental e na América (COHEN, 1972).

A tipologia de turistas pela classificação de Cohen (1972) é formada de acordo com diferentes motivações e características, as quais podem ser averiguadas na Figura 2 a seguir:

Figura 2 - Quadro de Classificação de turistas



Fonte: Cooper et al., 2001.

Welk (2004) acreditava que as motivações que esses “vagabundos” tinham para viajar era sua rebeldia contra uma “geração de pais conformistas”, sendo assim, essa situação colaborou para que os jovens criassem diversos estilos de vida alternativos por meio de viagens a outros países, na esperança de buscar a redenção pessoal, modificando e revolucionando a própria sociedade em que viviam. O autor ainda complementa que vagabundo era uma definição para a juventude nômade, no início da década de 1970, e que muitos já denominavam de “viajante hippie”, os quais visitavam lugares distantes das rotas turísticas convencionais, estimulados pela crítica à alienação produzida pela própria sociedade e pela incapacidade de encontrar autenticidade para a volta.

Nesse sentido, Cohen (2003) enxerga o vagabundo/hippie como um modelo ideológico que os mochileiros atuais pretendem recriar, entretanto, pontua que, pela atual configuração social, não é possível vincular o mochileiro à alienação, já que as modificações socioculturais no Ocidente contemporâneo e o pós-modernismo, que

trouxe consigo uma maior abertura ao multiculturalismo e as múltiplas identidades, tornando inadmissível de vincular mochila com alienação.

No final da década de 1980, O`Reilly descreve os mochileiros como viajantes de longo prazo e baixo orçamento. O termo backpacker (mochileiro) é utilizado por Pearce (1991) para descrever os “vagabundos” modernos, na literatura acadêmica. Já, em 1995, encontra-se uma descrição mais detalhada desses sujeitos como sendo turistas que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos; turistas, que enfatizam o encontro com outras pessoas (do local ou estrangeiras) e buscam conhecer diversos destinos formulados por eles (PEARCE; LOCKER-MURPHY, 1995).

Essa subjetividade constitutiva do mochileiro surge no que Sorensen (2003) denomina de “cultura mochileira” e se destaca no que tange às relações entre o sujeito, sua atividade e a constituição da sua autoimagem. Essa constituição está rodeada por elementos como o “estar na estrada”, a pulsão da errância (MAFFESOLI, 2001), a aventura, a não fixação no tempo e no espaço, a liberdade de escolha, o romper com imposições sociais, etc., que propiciam uma grande motivação dos mochileiros: ir ao encontro do inesperado, gerador de saberes diversos e de autoconhecimento (FALCÃO, 2016).

Sorensen (2003) realizou uma pesquisa abordando a cultura de viagens de turismo internacional com representantes de mochileiros, os quais viajaram pela África do Norte e Oriental, Índia, Oriente Médio e sudeste da Ásia. O autor evidencia que esses viajantes possuem uma “cultura de mochila”. Ao analisar o turismo de mochila como uma cultura, o autor entende que a complexidade de significados e diferenças dos sistemas humanos e a organização da diversidade produzem distintos sentidos para essa atividade, que, hoje, se encontra no centro das discussões acerca do conceito de cultura. Sendo assim, ele considera pertinente utilizar o termo cultura backpacker (mochileiro), pois essa terminologia não é vista apenas como a cultura dos sujeitos categorizados como mochileiros, mas, também, é reconhecida como essencial na contínua recriação da categoria de mochileiro.

O autor relaciona o crescimento dessa prática ao crescimento das estalagens de Khao San Road (Bangkok) que, no início da década de 1980, eram apenas duas construções e hoje esse número chega a centenas na mesma região. Esse aumento significativo de acomodações utilizadas por mochileiros (albergues da juventude, hostels, pousadas econômicas, etc.) aponta uma tendência geral, não particular dos

mochileiros. O autor relata a existência de um contingente complexo e multifacetado de sujeitos mochileiros, impossibilitando, assim, uma categorização distinta e homogênea. Essa heterogeneidade é indicada, segundo Sorensen (2003, p. 2), pela diversidade de “nacionalidade, idade, finalidade, motivação, organização de viagem, ou em que parte do ciclo da vida o sujeito se encontra”.

Em certa medida, as pesquisas sobre mochileiro colocam esse sujeito como livre, vivendo do prazer constante. Contudo, em Cidade (2012) encontra-se outra perspectiva do viver destes sujeitos, o autor conclui que o sofrimento físico é um quesito relevante para os mochileiros, pois essa forma de viajar prevê contenções econômicas em alimentação, hospedagem e transporte. Nessa perspectiva, o sofrimento pode ser visto como prazer e a apropriação do sacrifício como valor passa a adquirir certa legitimidade diante dos demais atores sociais, representando uma necessidade subjetiva, enraizada no sujeito, mas oriunda da coerção social como quase todas as necessidades. O “conforto” desfrutado nas viagens pelo turista, é fruto de uma alienação gerada pela sociedade capitalista.

No entendimento entre turistas e mochileiros, os últimos costumam sugerir que o “excesso” de conforto e ordenamento, simultâneo ao curto tempo de viagem, faz com que o turista tenha um bem-estar proporcionado ao corpo, que é pago com a alienação da “alma”. Enquanto isso, as privações de conforto, gerando sofrimento do corpo, permitem a imersão “da alma” e possibilitam vivenciar “verdadeiramente” a cultura local. Nesse sentido, o turista, se coloca em um patamar social acima do nativo, o que anula a possibilidade de conhecimento, do encontro. É o que nas palavras de Cidade “O conforto é a antítese da experiência nativa”, o turismo de “pacote” produz ambientes artificiais, em relação ao mundo compartilhado pelos nativos” (CIDADE, 2012 p. 13).

Contraopondo essa perspectiva, Aوقي (2005), demonstra uma visão mercadológica e descreve os mochileiros como turistas que gastam mais dinheiro do que os demais em razão da longa duração de sua visita. Estes, possuem uma natureza aventureira que se reflete em dinheiro gasto em áreas geográficas mais amplas, incluindo regiões economicamente marginalizadas; proporcionam benefícios econômicos nos quais a comunidade, com pouco capital ou treinamento, possam fornecer serviços e produtos procurados; turistas que possibilitam o desenvolvimento de habilidades, recursos, matérias-primas e know-how locais, que não demandam luxo. Portanto, gastam mais dinheiro em bens produzidos localmente (como comida)

e serviços (transporte e acomodação em casa de família) e menos em artigos importados que causam a repatriação de dinheiro, que usam poucos recursos (hidromassagem, sauna, ar-condicionado, banho quente), sendo, por isso, mais gentis ao ambiente.

Já Laurie Murphy (2001) caracteriza os mochileiros como viajantes que não adquirem pacotes turísticos comerciais, os quais viajam com um orçamento restrito e enfrentam problemas referentes à falta de tempo quando relacionado à extensão do itinerário que pretendem percorrer e viajar para ver o máximo possível, e vão além dos atrativos turísticos comuns para experimentar e aprender mais sobre o país visitado.

Falcão (2016) identificou em sua pesquisa que existe uma compreensão das autoimagens constituídas pelos mochileiros e um incalculável número de representações simbólicas (Figura 3) que emergiram entre os sujeitos praticantes dessa atividade. Esse tipo de fenômeno refere-se a uma subjetivação coletiva que habita o imaginário social compartilhado por sujeitos que produzem sentidos próprios. Assim, trata-se, nesse momento, dessas intercorrências entre o significado social e pessoal, entre o que a sociedade espera e imagina e o que o sujeito deseja e é capaz de vivenciar.

Figura 3 - Características da autoimagem dos mochileiros



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de Bauman, 2001; Masseurli, 2001; Falcão, 2016 e Nascimento, 2017.

Camille C. O` Reilly (2006) identificou uma tipologia dividida em cinco tipos de mochileiros: o profissional backpacker, o gap year backpacker, o life crisis backpacker, o partier e o short-term backpacker.

O profissional backpacker é aquele que mais se assemelha ao hippie dos anos 60 e 70, por estar em contínua mobilidade geográfica, fazendo pausas ou retornando para casa, apenas com o objetivo de "juntar mais dinheiro para retornar a viajar". Como o próprio nome já diz, mochilar é a sua profissão, a jornada da sua viagem é sem fim ou eterna, sendo assim, ele não possui projetos de vida consolidados a longo prazo como carreira e relacionamentos. É um estilo de vida.

Já os gap year backpacker, ou os mochileiros de "um ano fora", fazem da mochilagem um "rito de passagem" entre encerrar uma etapa da vida e iniciar outra, como escola secundária, universidade e troca de emprego. Geralmente suas viagens tem duração de seis meses a um ano, período relativamente curto, e com uma data

de retorno a vida habitual definida, sendo assim, sua viagem possui maior planejamento do que a categoria anterior.

Os life crisis backpacker enfrentam uma crise em sua vida habitual e estão insatisfeitos e desconfortáveis, almejando encontrar na viagem uma cura, crescimento pessoal ou apenas uma “escapada”. Esperam que a viagem resulte em uma transformação pessoal, bem como uma mudança significativa no rumo de sua vida.

Os parters, são festeiros, partem em busca de sol, praia, bebidas, e, muitas vezes, drogas. Normalmente retornam para casa quando o dinheiro acaba e não tem o pretexto de trabalhar durante o percurso. Optam por hospedagens que proporcionem o encontro com outros mochileiros, como hotéis, albergues, clubes e bares, já que um dos propósitos de viagem do festeiro é também, socializar.

O short-term backpacker (mochileiros de curto prazo) não possui uma motivação específica para realizar a viagem, apenas que ela seja independente e com baixo orçamento. Possuem projetos de vida bem definidos, por isso viajam apenas por semanas ou meses, aproveitando feriados longos, folgas e as férias. Além disso, um planejamento antecipado é essencial.

A autora acrescenta a possibilidade de variações nas tipologias e também de migrações, onde um mochileiro que antes viajava a curto prazo pode vir a tornar-se um profissional, e o contrário também é válido. Segundo ela, o que fará do mochilão uma experiência única e um impacto na trajetória de cada indivíduo, é justamente o desenvolvimento desse exercício de reflexão de sua própria identidade e da sociedade em que está inserido.

Entre tantas características dos mochileiros, a mobilidade aparece como central, sendo um diferencial interessante de análise, o que será a seguir explorado.

2.3. MOBILIDADE: ALGUMAS REFLEXÕES

Embora não seja o foco deste trabalho, a mobilidade é uma característica que marca as carreiras dos mochileiros. Nesse sentido, procurou-se aqui trazer alguns pontos teóricos que permitam reflexões sobre o tema.

Assim, a mobilidade é um tema que nos estudos de carreira aparece de forma significativa nos estudos de carreiras sem fronteiras, ao discorrerem que a mobilidade, tanto física quanto psicológica, é importante para o desenvolvimento de uma carreira

mais independente (SULLIVAN; ARTHUR, 2006), em que o indivíduo possa expandir suas possibilidades e enriquecer suas competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) (MAINIERO; SULLIVAN, 2006). Nesse contexto, a mobilidade física refere-se a busca pela rotatividade do indivíduo entre empresas, ao passo em que ele assume um pacto com o seu autodesenvolvimento, experimentando diversas transições (SULLIVAN; ARTHUR, 2006). Já a mobilidade psicológica diz respeito a interpretação e a percepção do indivíduo sobre a sua própria capacidade de realizar transições, ou seja, está ligada à sua autoconfiança. Essas características tendem a aparecer em indivíduos que possuem um olhar ampliado e que se sentem motivados por novas experiências, situações e aprendizados, com a ideia de interagir com outros indivíduos (SULLIVAN; ARTHUR, 2006).

De modo mais amplo, no latim o termo “mobilis”, significa estar em movimento ou o que pode ser movido ou deslocado, ou seja, num sentido de certa forma passivo; já “movere”, refere-se ao deslocar, ao colocar-se em mobilidade. Cria-se a possibilidade de sujeitos e estruturas estarem móveis, i-móveis ou a-móveis (DE SÁ; GASTAL, 2021). Nesse sentido, o estar em movimento e o estar em deslocamento são classes da mobilidade para o Turismo. Para De Sá e Gastal (2021), tratando-se de turismo, para obter um bom resgate teórico sobre mobilidade, deve-se recorrer a Urry, Sheller e Cresswell.

A mobilidade ressalta-se no debate contemporâneo, tanto no que diz respeito à circulação de bens, pessoas e informação, bem como em sua conversão em um valor que se molda às transformações econômicas e sociais pós-1990 (SHELLER; URRY, 2006). Essas questões ligadas ao movimento denominaram Paradigma das Novas Mobilidades, o qual estaria relacionado à experiência contínua da mobilidade, que, por sua vez, marca as identidades e os estilos de vida na contemporaneidade. Segundo os autores, o ponto crucial é a mudança de uma modernidade entendida como pesada e sólida para uma outra modernidade, leve e líquida, na qual a velocidade de movimento de pessoas, dinheiro, imagens e informação é superior.

Com base nessas pesquisas, a mobilidade passou a ser entendida como uma complexa associação de movimento, imaginários e experiências (SALAZAR, 2016), ou mesmo, como um conjunto de práticas sociais com sentido que transmitem e produzem cultura, relações sociais e de poder (CRESSWELL, 2010). Nossa sociedade tem sedimentado, ao longo dos séculos, a concepção do movimento como

algo invariavelmente positivo, seja na forma de mobilidades turísticas, mobilidade acadêmica, de força de trabalho considerada qualificada, etc.

A partir dessa ideia, o imaginário em torno da figura do viajante evolui a bastante: o flâneur, o peregrino, o nômade, o mochileiro, o jet setter são somente alguns desses personagens (SALAZAR, 2014).

O ponto principal do estilo de vida nômade é a escolha por uma mobilidade contínua. Em vista disso, de acordo com Matos (2018), a opção pelo termo “nômade” é, sob muitos aspectos, um modelo, já que se encontram entre o morar (visto que tendem a permanecer mais tempo nos destinos do que o turista comum) e o estar de passagem. Tal mobilidade contínua é nutrida pelas Tecnologias de Informação e Comunicação e adaptada às exigências do capitalismo informacional e globalizado, resultando na expectativa de viver, trabalhar e existir em movimento (e que se prega como sendo de livre acesso a todos) (MATOS, 2018).

Para Lemos (2009), a mobilidade é dividida em três dimensões fundamentais: “o pensamento, a desterritorialização por excelência para Deleuze e Guattari (1980), a física (corpos, objetos e commodities) e a informacional virtual (informação)”.

Percebe-se, ainda, uma difusão crescente de discursos e imagens que promovem o estar em movimento como forma de vida e de consumo. Nesse contexto, “estar em movimento se tornou um estilo de vida para muitos” (URRY, 2002, p. 256) e a mobilidade está no centro de grande parte do que se experimenta e se compreende como “liberdade” – daí o apelo dos estilos de vida móveis em geral e do estilo de vida nômade principalmente (LEMOS, 2009).

Kaufmann (2004) afirma que a facilidade do movimento associa-se à motilidade, ou seja, a capacidade e facilidade das entidades [pessoas, empresas e objetos] em se movimentarem no espaço social e geográfico ou como a maneira pela qual as entidades acessam e se apropriam da capacidade da mobilidade socioespacial. Dessa forma, a mobilidade está além do deslocamento de e para, sendo a motilidade essa facilidade, mesmo que essa pressuponha outras dinâmicas.

Segundo Sheller e Urry (2006), o estudo da Mobilidade convém aos conceitos espaço, território e lugar, tempo e movimento, nas oposições sedentário e nômade. Nessa lógica, não somente estão sendo questionados os fixos territoriais e sedentários, mas também os fundamentos nômades e de fluxos, para pensar a contemporaneidade. Conforme o entendimento de Sheller e Urry (2006), o sedentarismo trata como estabilidade normal, significado e lugar, e trata como

distância anormal, mudança e ausência de lugar. Seu conceito é derivado de Heidegger (1971), onde habitar (*wohnen*) significa residir ou ficar, ou seja, habitar em paz, para estar contente ou em casa, em um lugar. Tal sedentarismo localiza lugares, regiões ou nações autênticas e delimitadas como o elemento fundamental da identidade e experiência humana e como unidades básicas de pesquisa social (CRESSWELL, 2002).

A teoria nômade celebra o oposto do sedentarismo, ou seja, as representações da viagem e voo (SHELLER; URRY, 2006). Essas representações enaltecem mobilidades que gradualmente vão além das fronteiras geográficas e também além das fronteiras disciplinares (BRAIDOTTI, 1994; CRESSWELL, 2002, p. 15-18; URRY, 2000). Em decorrência disso, os direitos de viajar são altamente desiguais e distorcidos, coerções econômicas e garantias políticas podem limitar ou promover a circulação (SHELLER; URRY, 2004).

A mobilidade é um recurso para o qual nem todos têm um relacionamento igual (SKEGGS, 2004; MORLEY, 2002). Não se trata de uma questão de privilegiar uma “subjetividade móvel”, mas sim de rastrear o poder de discursos e práticas de mobilidade na criação de movimento e estase (SHELLER; URRY, 2006). Mover-se entre lugares, física ou virtualmente, pode ser uma fonte de status e poder [como viajantes de volta ao mundo (MOLZ, 2006)]; ou onde o movimento for coagido, pode gerar privação e sofrimento incalculável [como acontece com migrantes (GOGIA, 2006)]. Além disso, em comparação com muitas pesquisas de transporte, o tempo gasto em viagens não é um tempo morto, que as pessoas sempre procuram minimizar. Considerando que a literatura de transporte tende a distinguir viagens das atividades, o novo paradigma das mobilidades postula que as atividades ocorrem enquanto estão em movimento, estar em movimento pode envolver conjuntos de atividades “ocasionadas” (LYONS; URRY, 2005).

A pesquisa dentro do novo paradigma das mobilidades examina o corporificado, a natureza e a experiência de diferentes modos de viagem, vendo-os em partes como formas de moradia em movimento material e sociável, lugares de e para várias atividades (FEATHERSTONE; THRIFT; URRY, 2004). Essas “atividades” podem incluir formas específicas de falar, trabalhar, ou coleta de informações, mas pode envolver simplesmente estar conectado, mantendo uma presença comovente com outros que detém o potencial para muitas convergências diferentes ou divergências de presença física (WONG, 2006). Assim, existem sistemas híbridos,

materialidades e mobilidades, que combinam objetos, tecnologias e socialidades, e a partir desses lugares distintos, são produzidos e reproduzidos. Isto é verdade, mesmo onde são lugares de 'movimento', como lugares desenvolvidos para mochileiros norte-americanos no México (GOGIA, 2006) ou o icônico motel (MORRIS, 1988).

Os lugares não são, portanto, tanto fixos quanto implicados em complexas redes pelas quais hosts, convidados, edifícios, objetos e máquinas são contingentemente reunidas para produzir certas performances em certos lugares e em determinados momentos. Lugares são sobre relacionamento, sobre a localização de pessoas, materiais, imagens e os sistemas de diferença que eles realizam (WONG, 2006). E ao mesmo tempo que os lugares são dinâmicos, são também sobre proximidades, sobre a co-presença corporal de pessoas, que por acaso estão naquele lugar, naquele momento, fazendo atividades em conjunto, momentos de proximidade física entre pessoas que fazem viagens desejáveis, ou mesmo, obrigatórias (MOLZ, 2006; URRY, 2003).

Freitas (2009) conceitua a mobilidade como a capacidade, a disposição e o desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente e de interagir com diferenças em relação à sua cultura, à sua profissão, à sua empresa, ao seu cargo e aos seus saberes, adquirindo experiências que favorecem o seu melhor desempenho profissional e enriquecem a sua vida pessoal; ou seja, um indivíduo aberto a novas experiências, que contraponham e alarguem os limites dos seus conhecimentos, de suas experiências pessoais e profissionais, assim como as suas certezas culturais.

Nesse sentido, a mobilidade não é restrita a fenômeno geográfico, mas é considerada “um conjunto complexo de disposições e competências que coloca o indivíduo em interação com um outro, diferente de si, permitindo-lhe vivenciar a alteridade no seu exercício profissional e na sua vida pessoal” (FREITAS, 2009, p. 249).

A mobilidade como forma de vida se apresenta como um novo capital simbólico na contemporaneidade, pois influencia e compõe diferentes esferas da vida (individual, organizacional ou social), alcançando um valor desejável e esperado de todas/os e por todas/os (FREITAS, 2009). A mobilidade, para Freitas (2009), é uma prescrição a qual caracteriza este momento histórico, visando suas transformações, inconstâncias e incertezas que exigem, em contrapartida, rapidez, agilidade e flexibilidade.

Cresswell (2006, 2010, 2012) entende que a mobilidade carrega uma série de significados que circulam por todo o mundo ocidental moderno. De modo geral, a mobilidade é relacionada às ideias de avanço, de liberdade e de oportunidade. Ao mesmo tempo, pode ser compreendida como desvio e resistência.

Conforme o entendimento de Freitas (2009), hoje, mobilidade, nômade, viajante e sedentária/o são conceitos e entendimentos de um modo de viver e estão sobrepostos e interligados. A pessoa nômade, que milenarmente fazia parte de um grupo que se deslocava de um lugar para outro com todos os seus pertences e familiares para “viver o caminho” e preparar sua viagem ao próximo destino, na versão moderna é o indivíduo, e sua família, movendo-se sem o grupo, ou entendendo que o grupo é a unidade organizacional à qual pertence. Já a pessoa sedentária (ou o grupo sedentário) se caracteriza por, quer seja originário de um local ou não, fixar-se em definitivo ou por longo período em um local geográfico específico.

Trazendo para o contexto organizacional, a mobilidade é um capital individual, uma nova base de sustentação de um nomadismo que se alinha às expectativas das empresas, já que estão à procura de pessoas que não fiquem estáticas, que estejam sempre envoltas em “um desejo, uma vontade, um projeto próprio de mudar sempre, de aprender sempre, de buscar o novo sempre, de conhecer sempre” (FREITAS, 2009, p. 257). Esse mundo do trabalho sem fronteiras se interliga com os modos de pensar a trajetória profissional observados próximos à virada do século XX, principalmente no ideal utópico da carreira sem fronteiras (BARUCH; REIS, 2016).

No campo do turismo, percebe-se que o termo mobilidade não foi utilizado com maior ênfase até anos recentes (KUNZ, 2015). A sua introdução como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais reportaria aos últimos 20 anos, o que reforça a atualidade da pesquisa em e com a Mobilidade, seja ela abordada como conceito, como prática e/ou como metáfora. John Urry (2016) relembra que, quando publicou “O olhar do turista”, em 1990, o mundo somente iniciava a compreender plenamente a globalização, a Internet era uma novidade e seria difícil, naquele momento, imaginar de maneira ampla todos os seus impactos sobre as unidades sociais. De acordo com ele, talvez mais importante, a Internet “[...] transformou as práticas comunicacionais ‘em movimento’ [...]”, o que levaria a uma “[...] notável compressão espaço-temporal’.” (p. 142), alterando percepções e vivência.

A globalização conduz à Pós-Modernidade como sua expressão cultural, que não apenas considera as novas relações espaço-temporais, mas também a

aceleração em termos de movimento (JAMESON, 1992, 1995, 1997, 1998, 2001; Harvey, 1992). Outros autores trazem a Mobilidade sob a concepção do movimento como liberdade e velocidade sem atrito, o que levaria a qualificar modos de vida (LEED, 1991; URRY, 2007; ROSA; SCHEUERMAN, 2009).

O turismo tem se expandido muito desde fins da década de 1990 (RAMOS; COSTA, 2017), adquirindo inclusive novas formas e conceitos, alcançando estágios mais modernos pelas organizações dos circuitos e estrutura receptora mais densa, chegando mesmo até as mais variadas faixas etárias (FALCÃO, 2013, 2015, 2016).

Nessa perspectiva, os mochileiros, são objetos e sujeitos de uma mesma construção de significados (NASCIMENTO, 2017), já que rompem as fronteiras do mundo em diversas óticas: físicas, pois o ato de viajar vai além dos limites territoriais nacionais e internacionais (FALCÃO, 2015); pessoais, pois coloca o ser humano em rota de enfrentamento de seus próprios medos e inseguranças nos percursos de aventura, solidão e desafios desconhecidos/(in)esperados (CIDADE, 2012).

Do mesmo modo, é cultural, pois, semelhante aos procedimentos antropológicos, esse ser mochileiro arranca de si o seu “eu” rotineiro para viver e conviver com o outro de forma a colocar-se de maneira igualitária (SILVA, 2011), no mesmo degrau dos nativos e não de forma superior. É, ainda, linguística, visto que esses locais são centros de turistas – tradicionais e contemporâneos – os quais, formam, assim, uma verdadeira babel acerca da comunicação que ocorrerá, lenta ou não, fácil ou não, mas irá ocorrer na medida em que a linguagem dos “mochileiros” é universal (FIRMO, 2015).

Após expor os conceitos que fundamentam a pesquisa, é apresentado o método de pesquisa, a fim de esclarecer quais foram os procedimentos metodológicos empregados no desenvolvimento deste estudo.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual, para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com 20 mochileiros. Essas entrevistas foram realizadas através da plataforma de reuniões do Meet, por ser disponibilizado gratuitamente para os alunos da UFRGS. Outras entrevistas foram presenciais, a pedido do entrevistado. Foi escolhido o formato virtual para a realização da maioria das entrevistas, devido a pandemia pelo vírus Covid-19. As entrevistas foram realizadas no período, entre julho de 2021 a dezembro de 2021.

O distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19 fortificou o processo já emergente das conexões virtuais entre as pessoas, ocasionando implicações também para a condução de pesquisas (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020).

As entrevistas on-line permitem ao investigador observar as pessoas imersas em seu próprio meio (MERCADO, 2012). Podem ocorrer de duas formas, de acordo com Bauer e Gaskell (2002): entrevista individual, que explora em profundidade o mundo da vida do indivíduo, apresenta as experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais, recomendada quando os entrevistados são difíceis de atender; e a entrevista coletiva, que explora atitudes, opiniões e oferecem dados que dão ao pesquisador ideia da capacidade técnica do entrevistado. Aqui foi utilizada a entrevista individual por ser a mais adequada.

Para o alcance dos entrevistados, foi utilizada a rede de contatos pessoais da pesquisadora e, a partir disso, a técnica de bola de neve, que pressupõe a indicação de outros sujeitos de sua rede social com o mesmo perfil, o intuito foi ampliar o número dos sujeitos, dada a dificuldade de acesso a esse grupo (mochileiros). Inicialmente, o pesquisador especifica as características que os membros da amostra deverão ter, após identifica uma pessoa ou um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, na sequência, apresenta a proposta do estudo e, após obter/registrar tais dados, solicita que o(s) participante(s) da pesquisa indique(m) outra(s) pessoa(s) pertencente(s) à mesma população-alvo (COSTA, 2018).

Flick (2009) afirma que, na técnica de amostragem Bola de Neve, o pesquisador solicita aos participantes indicação de novos informantes que possuam as características desejadas. Esse processo continua até que as métricas estabelecidas antecipadamente para a coleta de dados, como prazo de coleta ou

quantidade máxima de entrevistados, sejam obtidas, ou para a ocorrência de saturação teórica, isto é, quando não surgiram novas informações nos dados coletados (GLASER; STRAUSS, 2006). Além disso, utilizou-se os grupos do facebook para alcançar um perfil mais diversificado de participantes.

Assim como na pesquisa de Falcão (2016), o perfil dos mochileiros para esta pesquisa baseou-se nos seguintes critérios:

- Reconhecer-se como mochileiro. O entrevistado deve se autointitular mochileiro;
- Ter idade igual ou superior a 18 anos, já que, o grupo de mochileiros é bem heterogêneo, ou seja, composto atualmente por pessoas de diferentes idades, como descrito no referencial teórico;
- Ter realizado, pelo menos, duas viagens de mochila sozinho(a). Esse critério é justificado pela experiência vivida de forma singular, enfatizando o realizar só;
- Mochileiros que organizam o itinerário das suas viagens de forma mais independente, flexível e econômica, por períodos longos;
- Ser brasileiro ou falar fluentemente o português.

A idade foi definida com base na perspectiva de Sorensen (2003, p. 2), que destaca a diversidade de “nacionalidade, idade, finalidade, motivação, organização de viagem, ou em que parte do ciclo da vida o sujeito se encontra” no grupo em questão.

As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro construído tendo em vista os objetivos do estudo, composto por perguntas semiestruturadas, as quais foram baseadas na dissertação de Denise Falcão (2013) e na tese de doutorado de Renée Louise Gisele da Silva Maia (2018). A partir do objetivo geral que é analisar como a sustentabilidade vai sendo contemplada pelos mochileiros durante a sua trajetória de vida, o quadro a seguir demonstra a construção do roteiro:

Quadro 1 - Perguntas Associadas aos Objetivos de Pesquisa

Aspectos investigados	Perguntas	Objetivo específico
Aspectos sociodemográficos dos entrevistados	Pode se apresentar, brevemente... (nome, idade, profissão, estado civil, filhos)	Conhecer as características-gerais dos mochileiros
Aspectos relacionados a mochilagem	Lugares para os quais viajou. Tempo aproximado das viagens.	
Motivações para realizar a mochilagem	<p>Em que época de sua vida você imagina ter começado a “mochilar”? O que te influenciou para iniciar esta prática?</p> <p>O que representa a “mochilagem” para você?</p> <p>E antes de realizar esse tipo de viagem, você costumava viajar?</p> <p>Como você se organiza para que a mochilagem possa ocorrer ao longo do tempo?</p> <p>Você traçou objetivos para suas viagens a longo prazo? Me fale sobre.</p> <p>Como você imagina continuar viajando dessa forma ao longo dos anos?</p> <p>O que não pode faltar na bagagem de um mochileiro?</p> <p>Como foi a reação da família, dos amigos?</p> <p>Quais os lugares mais interessantes em que você já esteve? E os que pretende estar? Me fale dessas escolhas.</p> <p>Como você escolhe seus roteiros?</p>	Compreender as motivações dos mochileiros para o ingresso e permanência nessa carreira;
Aspectos da experiência na atividade; relatos; reflexões	<p>Você já teve que modificar seu itinerário inicial ou seus planos de viagens? Por quê?</p> <p>Me fale sobre a relação do trabalho com a forma escolheste para mochilar?</p> <p>E na sua relação com o tempo?</p> <p>Como você lida com os contínuos movimentos?</p>	Analisar quais experiências vão sendo vivenciadas ao longo da carreira dos mochileiros e de que modo impactam no trabalho e vida desses sujeitos;

<p>Como a experiência é percebida no pós-viagem; O que a experiência significou? O indivíduo se vê diferente? Mudou algum hábito? Percepção? Se sentiu transformado? Como?</p>	<p>O que essas viagens te trazem para sua vida e para seu trabalho? O que te ajudam a desenvolver?</p> <p>Você considera que as experiências de viagens tenham transformado a maneira como se relaciona com o trabalho e com dinheiro? Se sim, de que forma?</p> <p>Sobre as pessoas e os lugares que você conheceu em suas andanças, quais as suas impressões, o que você aprendeu?</p> <p>Como fica a vida após o retorno para o seu local de origem?</p> <p>Você é nostálgico? Do que você tem saudades? E eu pergunto isso porque quando a gente viaja, conhecemos tantas pessoas que nunca mais voltaremos a ver, passamos momentos que nunca voltarão a se repetir. Ou você já consegue deixar tudo para trás com facilidade?</p>	
<p>Como cada elemento (saúde, felicidade e produtividade) vai contribuir ou não para a sustentabilidade de uma carreira mochileira.</p>	<p>Saúde</p> <p>Você já passou por alguma situação difícil durante alguma viagem? Que tipo?</p> <p>Durante a viagem você teve algum problema com relação à segurança ou a sua saúde?</p> <p>Como você imagina “mochilar” ao longo do tempo com o envelhecimento natural?</p> <p>Que tipo de cuidados costuma ter?</p> <p>Felicidade</p> <p>Você acredita que suas viagens são responsáveis por alguma forma de transformação na sua vida?</p> <p>Muitos mochileiros dizem que a sensação de liberdade que essas andanças pelo mundo proporcionam, acabam mudando o ponto de vista, o objetivo de vida das pessoas. Como você vê essa questão? Que outras sensações o “mochilar” te desperta?</p>	<p>Discutir que elementos favorecem ou não a sustentabilidade das carreiras dos mochileiros.</p>

	<p>Produtividade</p> <p>Quantas viagens você já fez e quantas pretende fazer ainda?</p> <p>Como você se mantém financeiramente durante cada viagem?</p> <p>Cada lugar é diferente, como você vê as possibilidades de realmente acessar a realidade local?</p> <p>Quais as principais barreiras enfrentadas para manter essa vida de mochilagem?</p>	
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A entrevistadora aprimorou suas capacidades necessárias para a condução de uma entrevista, a cada entrevistado, melhorando o direcionamento e improvisação das conversas ao longo da coleta de dados. Esse desenvolvimento auxiliou para a exploração dos detalhes das experiências relatadas por cada mochileiro.

Inicialmente, os entrevistados aparentavam estar mais receosos com as primeiras perguntas, como em qualquer construção ou desenvolvimento de uma conversa, mas, conforme o andamento da entrevista, as respostas passaram a fluir naturalmente, destacando o tempo de duração das entrevistas que, de uma forma geral, teve, em média, uma hora. A mais longa teve duração de duas horas e dezesseis minutos. Como pode-se perceber no quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - Características das entrevistas

Entrevistado	Duração da Entrevista	Tipo de Entrevista
E1	32min27s	Meet
E2	44min42s	Meet
E3	1h12min	Meet
E4	1h	Meet
E5	1h11min	Meet
E6	1h15min	Meet
E7	1h15min	Meet
E8	55min	Meet

E9	50min	Meet
E10	53min	Meet
E11	36min	Presencial
E12	1h32min	Meet
E13	53min	Meet
E14	48min45s	Meet
E15	1h11min	Meet
E16	53min	Meet
E17	1h20min	Meet
E18	2h16min	Meet
E19	1h03min	Meet
E20	34min53s	Presencial

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

De modo geral, para visualização dos participantes do estudo, foi construído dois quadros: o quadro 3 exibe as características gerais dos entrevistados, em termos de sexo, idade, etnia, estado civil, filhos, formação, profissão e nacionalidade; já o quadro 4 apresenta as características gerais dos entrevistados referentes a mochilagem, como o fato de trabalhar ou não durante as viagens, número de viagens realizadas, viagens ao exterior, o meio de transporte utilizado para a realização das viagens e o tempo inicial de ingresso a prática. Mais à frente esses dados serão desmembrados em novos quadros, conforme será apresentada a classificação referente aos grupos de respondentes e suas motivações.

Quadro 3 - Características gerais dos entrevistados

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E1	F	30	Branca	Casada	Não	Técnico em enfermagem e tecnólogo em RH	Health Care Assistant.	Brasileira	Sim. Italiana
E2	F	25	Branca	Solteira	Não	Psicologia	Psicóloga (Nômade digital)	Brasileira	Não
E3	M	30	Branco	Solteiro	Não	Economia	Servidor de software	Brasileiro	Sim. Europeia
E4	M	35	Branco	Solteiro	Não	Relações Internacionais	Analista de compras	Brasileiro	Não
E5	M	27	Negro	Solteiro	Não	Não	Garçom	Brasileiro	Não
E6	F	28	Negra	Solteira	Não	Oceanologia	Artesã, malabarista, música e voluntariado	Brasileira	Não
E7	F	34	Branca	Solteira	Sim	Estudante	Barista, grafiteira, artesã e voluntariado	Brasileira	Não
E8	F	24	Negra	Solteira	Não	Engenharia Civil	Artesã, confeitadeira, voluntariado	Brasileira	Não
E9	M	37	Branco	Solteiro	Não	Estudante	Analista de Sistemas	Uruguaio	Não
E10	F	33	Branca	Casada	Sim	Não	Recursos Humanos	Brasileira	Sim. Italiana
E11	M	32	Branco	Solteiro	Não	Não	Empresário	Brasileiro	Não
E12	M	27	Negro	Solteiro	Sim	Não	Artista de rua, músico, voluntariado	Brasileiro	Não
E13	M	35	Branco	Solteiro	Não	Sistemas de informação	Programador e gestor de investimento (Nômade digital)	Brasileiro	Não
E14	M	48	Branco	Solteiro	Não	Zootecnia	Consultor de piscicultura	Brasileiro	Não
E15	M	34	Branco	Solteiro	Sim	Não	Pintor	Brasileiro	Não
E16	M	32	Branco	Solteiro	Sim	Cinema audiovisual; Especialização e Mestrando	Cineasta audiovisual	Brasileiro	Não
E17	M	39	Branco	Solteiro	Não	Letras; Especialização; Mestrado e Doutorado (China)	Professor de inglês	Brasileiro	Não
E18	F	36	Branca	Divorciada	Não	Letras	Professora de português e inglês (Nômade digital)	Brasileira	Sim. Europeu
E19	M	28	Branco	Solteiro	Não	Medicina Veterinária e Residência	Fotógrafo	Brasileiro	Não
E20	M	36	Branco	Solteiro	Não	Música	Flautista da Ospa	Brasileiro	Sim. Alemã

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 4 - Características gerais dos entrevistados relacionadas a mochilagem

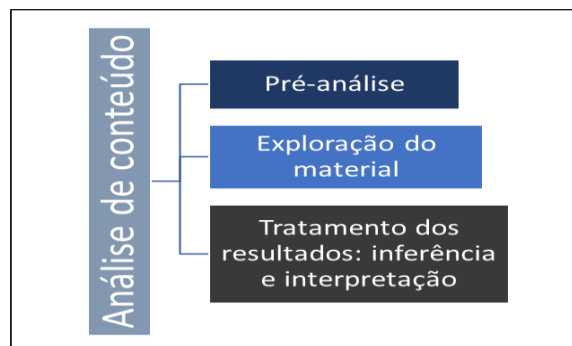
Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E1	Com 16 anos	Sim	7 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E2	Com 23 anos	Não	7	Ônibus e avião	Sim
E3	Com 21 anos	Sim	36 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E4	Com 27 anos	Sim	20 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E5	Quando nasceu	Sim	3 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E6	Com 23 anos	Sim	6 países e inúmeras no Brasil	Ônibus, carona e bicicleta	Sim
E7	Quando nasceu	Sim	1 país e 20 viagens no Brasil	Ônibus, avião e carona	Sim
E8	Com 22 anos	Não	2	Carona	Sim
E9	Quando nasceu	Sim	37 países	Ônibus e avião	Não
E10	Com 7 anos	Sim	16 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E11	Com 25 anos	Sim	55	Ônibus, avião e bicicleta	Sim
E12	Com 22 anos	Não	8	Ônibus, avião, carona e bicicleta	Sim
E13	Com 23 anos	Sim	6	Ônibus, avião e moto	Sim
E14	Com 28 anos	Sim	56 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim (Viagem a trabalho)
E15	Com 18 anos	Sim	1 país e 10 no Brasil	Ônibus, carona e bicicleta	Sim
E16	Com 26 anos	Sim	50	Ônibus e avião	Não
E17	Com 25 anos	Sim	10 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E18	Com 20 anos	Sim	15 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim (nômade digital)
E19	Com 25 anos	Sim	6	Ônibus e avião	Sim (Freelancer)
E20	Com 20 anos	Sim	16	Ônibus, avião e bicicleta	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

De modo geral, os entrevistados possuem de 24 a 48 anos, a maioria são homens, solteiros, com alto nível de escolaridade, em momentos de vida/carreira distintos. Ainda que possuam alguns pontos em comum, os contextos de vida são bem diversificados, como classe econômica, raça, orientação sexual, e meios de transportes utilizados durante as viagens.

As entrevistas foram registradas em mídia digital, os dados foram transcritos e analisados. Para a análise de dados utilizou-se a análise de conteúdo, muito utilizada nas ciências sociais, e por tratar-se de uma pesquisa que valoriza a subjetividade individual e grupal. Com ela, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. Como indica Bardin (2011), o processo foi dividido em três fases fundamentais, conforme o esquema apresentado na Figura 4: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

Figura 4 - Três fases da Análise de Conteúdo



Fonte: Adaptado de Bardin, 2011.

Além disso, na fase inicial do estudo foram realizadas análises de grupos intitulados “mochileiros”, presentes nas redes sociais, especialmente no facebook. A análise de redes sociais (ARS ou SNA, da expressão em inglês Social Network Analysis) é uma abordagem oriunda da sociologia, da psicologia social e da antropologia (FREEMAN, 1996; WASSERMAN; FAUST, 1994). A partir dessa análise, conclui-se que esses grupos sociais são utilizados pelos viajantes para trocar experiências sobre alguns lugares visitados, expondo dicas de valores, lugares para conhecer, segurança, e até mesmo para convidar viajantes para compartilhar viagens.

A construção da análise partiu dos objetivos específicos do trabalho que corroborou para a construção das seguintes macrocategorias: “Os participantes da pesquisa: quem são os mochileiros entrevistados?”; “Aspectos envolvidos no momento anterior da viagem: motivações para iniciar”; “Experiências durante as viagens: motivações para continuar”; “Vida, trabalho e carreira”; e “Contribuições da mochilagem para a sustentabilidade dessa carreira: elementos”. Após, as entrevistas transcritas foram analisadas detalhadamente mais uma vez, de forma que novas subcategorias surgiram através dos relatos (Quadro 5). Essas subcategorias serão mais adequadamente exploradas nos tópicos específicos de análise.

Quadro 5 - Formação de categorias

Macro categorias	Micro categorias
Os participantes e as motivações para mochilar	<ul style="list-style-type: none"> o mochileiro profissional: Influência da família o mochileiro de um ano fora: Busca por sentido e pertencimento o mochileiro com a vida em crise: Momentos de crise o mochileiro festeiro: Busca por diversão e natureza o mochileiro de curto prazo: Sair da rotina
Vivências durante o mochilão	<ul style="list-style-type: none"> Choque de realidade e adoção de novas perspectivas Mudanças constantes e adaptabilidade como forma de fuga do cotidiano Testar a si mesmo, autoconhecimento e proatividade Aprendizagem dinâmica ao longo da jornada “Perrengues” e cuidados Formas de Discriminação/ desigualdades
Vida, trabalho e carreira	<ul style="list-style-type: none"> Trabalho Formas de Trabalhar: viabilizando os diferentes tipos de mochilagem Aspectos de Vida Vivências e convivências e a visualização de possibilidades de futuro

Elementos que favorecem ou não a sustentabilidade das carreiras dos mochileiros	Saúde Felicidade Produtividade
--	--------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Por fim, sempre que possível, realizou-se uma aproximação com as teorias abordadas no referencial teórico, assim como a apresentação e a explicação de novos conceitos que viessem a contribuir com o enriquecimento da pesquisa.

4. APRESENTAÇÃO RESULTADOS

4.1. OS PARTICIPANTES E AS MOTIVAÇÕES PARA MOCHILAR

Os participantes encontram-se espalhados pelo mundo inteiro, ou pelo menos por boa parte dele, por isso, a pesquisadora encontrou bastante dificuldade em realizar as entrevistas, por ter que conciliar rotinas e horários, tendo em vista, fusos horários diferentes. Além disso, muitos deles estavam em movimento, em lugares retirados, ou viajando de bicicleta, e em decorrência disso não tinham uma internet boa e as conversas paralelas atrapalharam o andamento das entrevistas. Entretanto, a ênfase recaiu para mochileiros brasileiros, pois a técnica utilizada para a partida inicial da coleta de dados dos participantes foram os contatos pessoais da pesquisadora, e depois a bola de neve, acrescido dos grupos do facebook, também por ser essa a nacionalidade da pesquisadora.

Um ponto positivo ao entrevistar esse grupo é que eles têm prazer em relatar suas experiências, e se sentem à vontade em contar muitos detalhes, muitas vezes, além do que foi indagado. Esse fato enriqueceu as informações coletadas.

Partindo do princípio que vida e carreira caminham juntas e constantemente interligadas, identificar as características comuns entre os participantes, é um bom ponto de partida para a análise. Apesar de já ter aparecido nos últimos tempos um número significativo de mulheres que vivenciam esse tipo de prática, nota-se nesse estudo que os homens ainda são maioria na modalidade, essa questão pode ser atribuída a falta de segurança e riscos maiores que as mulheres enfrentam perante a sociedade. Acrescido ainda pela vulnerabilidade de estar em lugares totalmente desconhecidos. Essa diferença também pode ser apenas fruto da técnica principal utilizada para a coleta dos entrevistados, a bola de neve.

Quanto ao número de viagens, ressalta-se que os mochileiros não tendem a quantificá-las, mas sim, experienciá-las. Ao tentar contar o número de viagens, eles encontram muita dificuldade, pois uma viagem pode conter muitos outros lugares conhecidos durante o percurso. Sendo assim, uma viagem é na verdade composta por inúmeras outras viagens.

Os meios de transportes utilizados pelos mochileiros são os mais variados possíveis, como ônibus, carros, trailers, motos, aviões, barcos, bicicletas,

motorhomes, além, é claro, das caronas e do tradicional caminhar a pé. Percebe-se uma certa evolução também de independência em relação aos meios de transportes. Por exemplo, a maioria inicia através de caronas, ou aviões (no caso de viagens ao exterior), motos e carros, mas depois de um tempo acabam migrando ou planejando migrar para um transporte mais independente, como as bicicletas, motorhomes e até mesmo barcos. As bicicletas são os meios de transportes com maior autonomia e mais baratas, pois dependem exclusivamente do esforço físico do viajante. Já os motorhomes e barcos já oferecem a hospedagem consigo, com um investimento inicial mais alto. A entrevistada 8, coloca a sua evolução, como forma de ilustrar as transições:

Eu me imagino uma tiazinha na Kombi, com a minha Kombi, minha casa, viajando. E nossa! **Depois que eu, ainda mais depois que eu viajei de bicicleta, que eu vi essa coisa de você realmente chegar na cidade do nada e ter que arrumar um lugar para dormir ou para comer, penso muito nessa ideia de viajar de carro, eu quero experimentar muitas formas de viajar mesmo. Sai com um mochilão mesmo e ônibus, daqui a pouco já estava pedindo carona, e daqui a pouco eu já era ciclo viajante, mochileira** e eu me vejo assim mais velha, tipo quando eu estiver mais velha essa questão da viagem, como uma pessoa que já tenha realmente provado e vivido real assim, como experiência, com várias formas de viagem [E8].

Muitos dos mochileiros entrevistados já estão nessa carreira há um bom tempo, como cinco, dez e até mesmo vinte anos. O entrevistado 14, o mais velho da pesquisa, com 48 anos, afirma que: **“Bom, a parte de mochilar mesmo, independente foi a partir de quando eu comecei a ganhar meu próprio dinheiro, né? Depois dos estudos, salários e guardando um dinheirinho, já faz uns vinte e poucos anos já [E14]”**.

A vontade e algumas características em comum na forma de viajar (orçamento baixo, independência e o interesse pela cultura local) é o que os aproxima. Eles se identificam como mochileiros, vem sua história de vida atravessada pela mochilagem, que inicia para alguns desde cedo, como os entrevistados E5, E7 e E9 que iniciaram a prática desde que nasceram, ao mochilarem com os pais, ou também a E1 que iniciou com 16 anos, após a sua emancipação e o E15 que iniciou essa prática com 18 anos.

Ainda na busca por descrever os entrevistados, para além dessas características que lhe são mais comuns, foram visualizadas diferentes motivações, conforme apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 - Participantes da pesquisa e suas motivações

Tipos de mochileiros de O`Reilly (2006)	Entendimento	Motivações	Participantes
Mochileiro profissional	Mochilar é a sua profissão, a jornada da sua viagem é sem fim ou eterna, sendo assim, ele não possui projetos de vida consolidados a longo prazo como carreira e relacionamentos, ou eles até existem, mas são postos de lado. Não possui data definida de retorno para casa.	Influência da família: O fato da família já possuir esse estilo de vida, é como uma herança.	E1, E3, E4, E7, E9, E10, E11, E13 e E14.
Mochileiro de “um ano fora”	Mochileiros de “um ano fora”, fazem da mochilagem um “rito de passagem” entre encerrar uma etapa da vida e iniciar outra. Geralmente suas viagens tem duração de seis meses a um ano, período relativamente curto, e com uma data de retorno a vida habitual definida. Existe um planejamento de viagem.	Busca por sentido e pertencimento: A busca por experiências significativas que forneçam sentido ao indivíduo (BAUMAN, 2009) e o sentimento de pertencimento a algum local, motiva a realização do mochilão.	E2, E8 e E19.
Mochileiro com a “vida em crise”	Enfrentam uma crise em sua vida habitual e estão insatisfeitos e desconfortáveis, almejando encontrar na viagem uma cura, crescimento pessoal ou apenas uma “escapada”.	Momentos de crise: Situações que impactam o indivíduo ao ponto de procurarem a atividade como uma forma de superar a crise.	E6 e E12.
Mochileiro festeiro	São festeiros, e partem em busca de sol, praia, bebidas, e muitas vezes, drogas. Normalmente retornam para casa quando o dinheiro acaba e não tem o pretexto de trabalhar durante o percurso. Optam por hospedagens que proporcionem o encontro com outros mochileiros.	Busca por diversão e natureza: A busca por festas, praias e lugares paradisíacos.	E5 e E15.

<p>Mochileiro de “curto prazo”</p>	<p>Mochileiros de curto prazo, não possuem uma motivação específica para realizar a viagem, apenas que ela seja independente e com baixo orçamento. Possuem projetos de vida bem definidos, por isso viajam apenas por semanas ou meses, aproveitando feriados longos, folgas e as férias.</p>	<p>Sair da rotina: O fato desse tipo de viagem oferecer mais aventuras, situações inusitadas e liberdade.</p>	<p>E16, E17, E18 e E20.</p>
---	--	--	------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de O`Reilly (2006).

A classificação dos entrevistados conforme os tipos de mochileiros, sugeridos por O` Reilly (2006), foi realizada de acordo com a sua motivação no início de sua carreira como mochileiro, entretanto, alguns deles sofreram transições, e migraram de classificação, como já previsto pela autora. A entrevistada 1 e a entrevistada 10, por exemplo, por um longo tempo, foram típicas mochileiras profissionais, deixando de lado a carreira profissional e relacionamentos consolidados, em decorrência das mudanças contínuas, mas depois de casarem, terem filhos (E10), e encontrarem-se em um lugar, resolveram passar a mochilar apenas em suas folgas, feriados ou férias.

Já a entrevistada 6, iniciou a prática em um momento de crise em sua vida, na qual saiu em busca de respostas e com o intuito de restaurar sua crença na sociedade, mas acabou encontrando-se na estrada e tornou-se uma profissional, que viaja de forma totalmente independente com sua bicicleta e retorna para casa apenas quando o dinheiro acaba ou quando é realmente necessário, sempre voltando para a estrada, que conforme ela, é o seu novo lar. A entrevistada 18 iniciou a trajetória mochilando apenas em suas folgas da faculdade e foi migrando gradativamente até chegar ao posto de profissional, sem abandonar a carreira profissional sólida, hoje consegue conciliar perfeitamente as viagens com o seu trabalho como nômade digital.

O termo 'nômade digital' resgata a ideia clássica de nomadismo das antigas civilizações pastoris, que migravam permanentemente na busca por recursos naturais, ao mesmo tempo em que recria o significado de tal noção a partir de uma nova articulação da sociedade, marcada por questões tipicamente contemporâneas e relacionadas às inovações tecnológicas. (NASCIMENTO, 2015, p. 35).

O trabalho remoto, bem como o nomadismo digital contribui, nos últimos anos, para que muitos mochileiros finalmente colocassem em prática uma vontade antiga,

de tornarem-se mochileiros profissionais, pois, a carreira profissional é, muitas vezes, um dos maiores empecilhos para que isso ocorra, como colocado pelo E20: **“Minha barreira é que eu só tenho dois meses para viajar, se eu tivesse mais tempo eu poderia fazer viagens muito mais interessantes, mas eu só posso esse tempo [E20]”**. Apesar desse entrevistado ter o dobro de tempo de férias do que a maioria dos brasileiros contratados por regime de CLT, para ele o tempo é pouco, para explorar e aproveitar as viagens da forma que gostaria. Além da barreira profissional, a família, principalmente os filhos são alguns dos empecilhos mais ressaltados, para que mochileiros não tenham se profissionalizado na carreira. Como relatado na fala do E19:

Uma influência muito grande é **o fato de eu não ter um emprego fixo, não ter família, no sentido de não ter filho e de certa forma, apesar de não ser impossível, eu não tenho um relacionamento sério. É, eu acho que esses três pontos me prenderiam muito pra viver esses objetivos que eu tenho hoje, né [E19]?**

Essa nova forma de trabalho se expandiu muito com a ampliação do acesso à tecnologia, flexibilização das relações de trabalho, e também com a pandemia da Covid-19. Traz como centralidade a possibilidade de se trabalhar com autonomia a partir de qualquer espaço geográfico e temporal, bastando apenas ter um dispositivo móvel com um bom acesso à internet. As áreas onde essa modalidade já chegou, perpassam os mais diversos campos, até mesmo o da educação. É o caso da entrevistada E18, professora de línguas (português e inglês), que há alguns anos passou todas as suas aulas, para o formato online, e alcançando assim sua liberdade geográfica.

Feitas essas considerações, cabe agora comentar cada um dos grupos. Os **“mochileiros profissionais” (E1, E3, E4, E7, E9, E10, E11, E13 e E14)**, possuem de 30 a 48 anos, são, brancos, em sua maioria, solteiros, e aqueles que são casados, possuem cônjuges também participantes da modalidade. Eles viajam há bastante tempo, muitos deles herdaram a prática da família. Sendo assim, possuem inquantificáveis viagens. Inclusive, todos eles já viajaram para o exterior, porém apenas três possuem dupla cidadania. A maior parte já possui alguma formação, como Recursos Humanos, Economia, Relações Internacionais, Sistemas de Informação e Zootecnia, ou está estudando para conquistá-la. As características gerais dos participantes desse grupo são retomadas nos Quadros 7 e 8 para um melhor acompanhamento da análise realizada.

Quadro 7 - Mochileiros profissionais

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E1	F	30	Branca	Casada	Não	Técnico de enfermagem e tecnólogo em RH	Health Care Assistant.	Brasileira	Sim. Italiana
E3	M	30	Branco	Solteiro	Não	Economia	Servidor de software	Brasileiro	Sim. Europeia
E4	M	35	Branco	Solteiro	Não	Relações Internacionais	Analista de compras	Brasileiro	Não
E7	F	34	Branca	Solteira	Sim	Estudante	Barista, grafiteira, artesã e voluntariado	Brasileira	Não
E9	M	37	Branco	Solteiro	Não	Estudante	Analista de Sistemas	Uruguaio	Não
E10	F	33	Branca	Casada	Sim	Não	Recursos Humanos	Brasileira	Sim. Italiana
E11	M	32	Branco	Solteiro	Não	Não	Empresário	Brasileiro	Não
E13	M	35	Branco	Solteiro	Não	Sistemas de informação	Programador e gestor de investimento (Nômade digital)	Brasileiro	Não
E14	M	48	Branco	Solteiro	Não	Zootecnia	Consultor de piscicultura	Brasileiro	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 8 - Mochileiros profissionais (continuação)

Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E1	Com 16 anos	Sim	7 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E3	Com 21 anos	Sim	36 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E4	Com 27 anos	Sim	20 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E7	Quando nasceu	Sim	1 país e 20 viagens no Brasil	Ônibus, avião e carona	Sim
E9	Quando nasceu	Sim	37 países	Ônibus e avião	Não
E10	Com 7 anos	Sim	16 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E11	Com 25 anos	Sim	55	Ônibus, avião e bicicleta	Sim
E13	Com 23 anos	Sim	6	Ônibus, avião e moto	Sim
E14	Com 28 anos	Sim	56 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim (Viagem a trabalho)

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Os “Mochileiros de “um ano fora”” (E2, E8 e E19), são todos jovens adultos, solteiros, recém-formados no ensino superior e se encontram “tirando” um tempo, fora da rotina, para mochilar. Os cursos de formação desses entrevistados são psicologia, engenharia civil e medicina veterinária. Possuem poucas viagens no currículo ainda, e apenas um deles já viajou para outros países. É provável que retornem para casa após um ano, e retomem a carreira profissional, formem família e

possuam uma vida mais tranquila. As características dos entrevistados são retomadas nos quadros 9 e 10. Esses pontos ficam nítidos na fala do E19:

Eu quero viver experiências que eu **acho que é o momento certo que eu tenho pra viver**, e uma influência muito grande é o fato de eu não ter um emprego fixo, não ter família, no sentido de não ter filho e de certa forma, apesar de não ser impossível, eu não tenho um relacionamento sério. Eu acho que esses três pontos me prenderiam muito pra viver esses objetivos que eu tenho hoje, né? E aí de novo, né? É uma coisa que me eu converso muito com meu pai, meu pai mesmo fala, né? **Aproveita agora essa janela na vida, que acabou que coincidentemente você acabou a pós, você tem o seu dinheiro, não tem família e não tem namorada ou esposa e vive essas experiências, porque depois fica mais difícil ou não vai ser a mesma experiência, né?** É então assim basicamente mochilar pra mim, né? Seria viajar só pra viver experiências que eu acho que são importantes pra minha vida né? De que **eu quero ter como lembranças** [E19].

Quadro 9 - Mochileiros de “um ano fora”

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E2	F	25	Branca	Solteira	Não	Psicologia	Psicóloga (Nômade digital)	Brasileira	Não
E8	F	24	Negra	Solteira	Não	Engenheira Civil	Artesã, confeitadeira, voluntariado	Brasileira	Não
E19	M	28	Branco	Solteiro	Não	Medicina Veterinária e Residência	Fotógrafo	Brasileiro	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 10 - Mochileiros de “um ano fora” (continuação)

Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E2	Com 23 anos	Não	7	Ônibus e avião	Sim
E8	Com 22 anos	Não	2	Carona	Sim
E19	Com 25 anos	Sim	6	Ônibus e avião	Sim (Freelancer)

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Os “**Mochileiros com a “vida em crise”**” (E6 e E12), são jovens-adultos, solteiros, negros, viajam a pouco tempo e por isso, ainda não possuem muitas experiências acumuladas na bagagem. Apesar do nível educacional ser diferente, ambos encontram-se desacreditados da bondade da sociedade, e iniciaram a prática, por uma busca por respostas e esperança. É interessante que ambos iniciaram a mochilagem no mesmo ano e fazem uso da bicicleta em suas viagens, um dos transportes mais baratos e que permitem maior autonomia. As características dos entrevistados pertencentes a esse grupo são retomadas nos quadros 11 e 12 para um melhor entendimento.

Esses mochileiros buscam no mochilão uma resolução para os seus problemas, ao passarem por momentos de crises em suas vidas cotidianas, de inconformidade com a sociedade, a violência, ou com o rumo da própria vida. Como no caso da entrevistada 6:

[...] a vontade de conhecer os lugares e não ter dinheiro para conhecer os lugares, eu inventada de visitar um amigo e quando eu voltava pra Rio Grande eu tinha que estar pagando passagem e aquilo me deixava bufando, eu acho que não precisava ser assim, que até eu viajar de novo, eu ia ter que ficar pagando boleto, então eu tinha que arranjar um jeito de as minhas viagens serem autossustentáveis e eu me manter, então, em 2017 eu decidi trancar a faculdade, eu estava ruim assim, com uns problemas de ansiedade, eu morava na casa do estudante, mas por acaso teve uma greve e não estava tendo atividade na universidade e eu voltei pra cá, e eu levava minhas coisas pra estudar na casa de um amigo, no rocha e eu tinha um computador que eu não tinha nem terminado de pagar ainda, e a casa foi assaltada quando a gente estava na FURG e levaram meu computador e reviraram todas as coisas e eu fiquei bem mexida, e pensando nisso assim, de que eu iria viver nessa ansiedade e nessa falsa segurança, porque é inseguro, entraram aqui, roubaram o computador que eu usava pra estudar, e resolvi sair pra estrada e respirar, porque não aguentava mais viver só isso, viver com medo da violência, porque recém estudante numa cidade onde a desigualdade social é muito grande, logo a violência é grande, e todo mundo acha que a gente tem dinheiro, e a gente não tem dinheiro, sabe? Aí eu pensei... vou viver um pouco na rua e conhecer outros lugares para perder esse medo, queria perder esse trauma e foi assim... eu sai de Rio Grande com cem reais, uma mochila, alguns artesanatos, eu faço um pouco de swing leg, que é dança com bandeiras, um pouco de malabares com bolinhas, mas bem ruim assim, isso aí (E6)!

Quadro 11 - Mochileiros com a “vida em crise”

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E6	F	28	Negra	Solteira	Não	Oceanologia	Artesã, malabarista, música e voluntariado	Brasileira	Não
E12	M	27	Negro	Solteiro	Sim	Não	Artista de rua, músico, voluntariado	Brasileiro	Não

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Quadro 12 - Mochileiros com a “vida em crise” (continuação)

Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E6	Com 23 anos	Sim	6 países e inúmeras no Brasil	Ônibus, carona e bicicleta	Sim
E12	Com 22 anos	Não	8	Ônibus, avião, carona e bicicleta	Sim

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Os “mochileiros festeiros” (E5 e E15), são jovens-adultos, solteiros, baladeiros, não possuem nenhuma formação e nem estão em busca dela. Possuem trabalhos que exigem baixo nível educacional e sem vínculo empregatício (garçom e pintor) e sempre se hospedam em locais onde tenham contato com outros mochileiros, como hostels, moradia em troca de trabalho, etc.

Esses mochileiros buscam nesse tipo de viagem conhecer lugares bonitos e repletos de belas paisagens com natureza abundante, acrescido de diversão, bem como partilhar esse momento com pessoas que estejam procurando pela mesma coisa. Normalmente, essas pessoas procuram frequentar lugares noturnos e se hospedar em lugares onde outros mochileiros estão. Aqui o relacionamento interpessoal é fundamental. Essa motivação básica também foi detectada por Falcão (2013, pg.41) a qual se referiu: “a busca pela vivência de bons momentos, a diversão e a possibilidade inerente de se relacionar com outras pessoas”. As características dos entrevistados pertencentes a esse grupo são retomadas nos quadros 13 e 14 para um melhor entendimento.

Quadro 13 - Mochileiros festeiros

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E5	M	27	Negro	Solteiro	Não	Não	Garçom	Brasileiro	Não
E15	M	34	Branco	Solteiro	Sim	Não	Pintor	Brasileiro	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Quadro 14 - Mochileiros festeiros (continuação)

Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E5	Quando nasceu	Sim	3 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E15	Com 18 anos	Sim	1 país e 10 no Brasil	Ônibus, carona e bicicleta	Sim

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Os “**Mochileiros de “curto prazo” (E16, E17, E18 e E20)**, são em sua maioria, adultos, solteiros, com alto nível de formação, e/ou com emprego estável, já viajam a bastante tempo e possuem muitas experiências, mas suas viagens são realizadas sem prejudicar a sua rotina e demais âmbitos da sua vida. Sendo assim, viajam de mochilão apenas nas folgas, feriados e férias, e optam por esse estilo de viagem pelo orçamento ser mais baixo, possibilidade de independência e busca por aventura. Todos atuam em suas áreas de formação, como letras, cinema e música. As características dos entrevistados pertencentes a esse grupo são retomadas nos quadros 15 e 16 para um melhor entendimento.

Quadro 15 - Mochileiros de “curto prazo”

Participante	Sexo	Idade	Etnia	Estado Civil	Filhos	Formação	Profissão	Nacionalidade	Dupla cidadania
E16	M	32	Branco	Solteiro	Sim	Cinema audiovisual; Especialização e Mestrando	Cineasta audiovisual	Brasileiro	Não
E17	M	39	Branco	Solteiro	Não	Letras; Especialização; Mestrado e Doutorado (China)	Professor de inglês	Brasileiro	Não
E18	F	36	Branca	Divorciada	Não	Letras	Professora de português e inglês (Nômade digital)	Brasileira	Sim. Europeu
E20	M	36	Branco	Solteiro	Não	Música	Flautista da Ospa	Brasileiro	Sim. Alemã

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Quadro 16 - Mochileiros de “curto prazo” (continuação)

Participante	Quando começou a “mochilar”	Viajou para o exterior?	Quantas viagens realizou?	Meio de transporte utilizado	Trabalhou durante as viagens?
E16	Com 26 anos	Sim	50	Ônibus e avião	Não
E17	Com 25 anos	Sim	10 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim
E18	Com 20 anos	Sim	15 países e inúmeras no Brasil	Ônibus e avião	Sim (nômade digital)
E20	Com 20 anos	Sim	16	Ônibus, avião e bicicleta	Não

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

As motivações dos mochileiros estão, então, diretamente relacionadas com o tipo de mochileiro que a pessoa será, o que faz total sentido, pois dependendo do objetivo e o que o este mochileiro busca em sua trajetória, caracterizará o percurso, o roteiro, o planejamento, a hospedagem e principalmente o tempo de duração da viagem. A metodologia de pesquisa aqui empregada permite a reflexão a posteriori da experiência pelos participantes que reconhecem alguns motivadores que os levaram a embarcar nesse estilo de viagem. Assim, pode-se identificar, a partir dos relatos e das motivações, características que compõem a(s) carreira(s) desses mochileiros. Não vemos carreiras únicas, mas trajetórias que se aproximam e diferem em vários aspectos.

Percebe-se que alguns deles tem suas primeiras lembranças de mochilagem já na infância, com a companhia da família, e muitos deles nunca pararam, depois de tornarem-se adultos e independentes, seguiram esse estilo de vida, como bons mochileiros profissionais. Apenas adaptaram o trabalho e vida, casaram com outras pessoas dispostas a levar esse estilo de vida também, ou que já eram praticantes da modalidade, alguns até tiveram filhos. Essa fácil adaptação e facilidade de manter esse estilo de vida, sem ter que abandonar totalmente outros aspectos da vida, é uma herança familiar. Remete a uma busca por “identidade, por autoconhecimento e pelas próprias raízes” (FALCÃO, 2013, pg. 41). O fato de sempre viver dessa forma facilitou a sua realização em outros aspectos, sem tirar o foco de seu objetivo principal de vida, que é nunca parar de viajar. Conforme exposto pela entrevistada E7:

Na verdade, a minha criação sempre foi assim, né? A minha mãe... eu era já pequena e já tinha ido pra Goiás, pra Brasília, tinha lugares que a minha mãe ia toda hora acampar, a gente acampava. Então, isso já está enraizado assim, né? Quando eu fiquei adolescente eu comecei com pouco dinheiro e trabalhar nos lugares e aí com o tempo eu queria fazer umas viagens mais legais, e eu fui me informando como eu ir de uma forma que eu não dependesse de ninguém, só do meu trabalho, né? Mas eu não lembro exatamente, mas eu acho que sempre foi assim (E7).

Muitos mochileiros não se sentem pertencentes a nenhum lugar, é como se buscassem eternamente por um lugar para chamar de seu ou encaixar-se, e alguns nunca o encontram, por isso iniciam esse tipo de viagem. Como coloca a entrevistada 2: “[...] **esse estilo de vida proporciona para que eu possa ampliar meus horizontes, para onde vai ser o meu lugar ideal para viver, ainda não sei se eu encontrei esse lugar no mundo. Eu acho que isso vai me ajudar a ver qual é esse lugar (E2)**”. É como se buscassem nas viagens experiências significativas que possam fornecer sentido a sua vida (BAUMAN, 2009). Segundo a entrevistada 6:

Nas minhas viagens o que eu penso a longo prazo é os lugares que eu conheço e as possibilidades que eu tenho de enraizar em algum desses lugares, eu acho que mais isso assim. Eu busco muito isso, eu gosto muito, **eu tenho muita vontade de conhecer, mas eu também tenho muita vontade de me enraizar em um lugar que eu me sinta pertencente, sabe?** Que estou produzindo para mim e pro mundo e que... não sei... não encontro nenhuma palavra, mas isso, que eu esteja produzindo para mim e para o mundo e que eu possa descansar tranquila, sabe? Que também tenha o que eu precise e coisas assim (E6).

A necessidade de significado é um item que se destaca tanto nas carreiras sustentáveis, quanto nas exigências para ser um bom mochileiro. Conforme afirma Santos e Assunção (2020), “Mochilar”, então, significa relacionar-se pelos territórios viajados como local e suas diversas possibilidades de “penetração”, ultrapassando inúmeras fronteiras (cultural, imaterial, material, social). Refere-se em se ter nas características de cada território, uma oportunidade ampliada de conversação e diálogos com os nativos e seus costumes, tradições e arranjos locais, almejando a interação vis-a-vis, e as experiências que só ela proporciona.

Alguns mochileiros iniciaram essa prática objetivando sair da rotina, como na fala do E20: **“eu acho fantástico sair de bicicleta pra fazer algo diferente, sair da rotina [E20]”**, pois esse tipo de viagem oferece muito mais sensação de liberdade e aventura, aspectos também almejados pelo E20: **“E o lugar das viagens é o mais ousado que está ao meu alcance, em cada momento, né [E20]?”**, é claro, e da economia orçamentária. Normalmente esse tipo de mochileiro aproveita suas folgas da rotina para viajar dessa forma.

A internet também auxilia muito antes da viagem, para que os mochileiros troquem informações sobre dicas, vistos, lugares a serem visitados, exigências (vistos e passaporte), valores, segurança, ou até para convidar outros praticantes da modalidade para acompanhá-los nas viagens,

Eu escolho por indicação assim, eu vejo uma foto, eu participo muito desses grupos de Facebook e Instagram né? Mas eu vejo uma foto que eu acho interessante, e pesquiso, que cidade é essa? A cidade em questão eu já fui, mas não, não esse lugar, é que dá vontade de voltar pra ver melhor, tá? Ou na maioria dos casos, eu não conheço nada. Então, se eu não conheço alguém pertinho, clima, aí eu vejo o clima, ah, melhor eh período do ano é esse, porque vai estar o sol vai estar limpo, não vai chover. Ah tá. Se é nesse período ter passagem, ver quantos habitantes tem, vê opção de pousada, vê opção de camping, né? Pesquisa um pouco sobre a cidade, joga no YouTube gente que já foi, como que é, né? E tudo mais. **Então, basicamente eu escolho meus destinos, eh ou pelas fotos do vídeo ou pelas conexões que eu faço, tá?** Eu dei o exemplo do Japão, porque eu conheci uma garota de lá. Eh não sei, talvez se eu conhecesse alguém do Camboja, ter algum contato com alguém do Camboja me interessa também, tá [E16].

As carreiras não são estáticas, oscilam em perspectivas sistêmicas e dinâmicas (De Vos, Van Der Heijden e Akkermans, 2018); sendo assim, o indivíduo é exposto a diversos contextos e situações que o fazem ressignificar suas motivações iniciais, muitas vezes, modificando ou encerrando o percurso da carreira. Por isso, é

preciso analisar as vivências, as escolhas e relações estabelecidas durante a trajetória, objetivando entender o significado que é dado pelo indivíduo a cada situação vivenciada (De Vos, Van Der Heijden e Akkermans, 2018). Falcão (2013, pg. 46) também entende que “as motivações dos mochileiros não devem ser entendidas como algo natural e imutável, pelo contrário, elas podem ser modificadas e novas necessidades podem aparecer ao longo de sua vida e de sua atividade – a viagem de mochila”.

4.2. VIVÊNCIAS DURANTE O MOCHILÃO

Partindo da ideia que os elementos, saúde, felicidade e produtividade, são baseados no **sentido** que o indivíduo dá aos acontecimentos durante a sua trajetória (De Vos, Van Der Heijden e Akkermans, 2018), é necessário expor, analisar e entender de que modo cada uma das experiências vivenciadas pelos entrevistados durante as viagens, são absorvidas por eles, bem como o que produzem para si, para posteriormente, poder entender se e como cada um deles colabora para a sustentabilidade dessas carreiras. Nessa busca, construiu-se esse tópico de análise, que será apresentado a partir das categorias expostas no quadro 17.

As categorias não são totalmente excludentes, elas relacionam-se umas às outras e se complementam.

Quadro 17 - Categorias formadas a partir das vivências

Categoria	Entendimento
<p>Choque de realidade e adoção de novas perspectivas</p>	<p>Diz respeito ao entrar em contato com uma realidade diferente da sua, que altera a forma de enxergar o mundo</p>
<p>Mudanças constantes e adaptabilidade como forma de fuga do cotidiano</p>	<p>Capacidade de se adaptar rapidamente a novos contextos, vivendo em condições diferentes das de costume, em uma fuga da rotina, do cotidiano</p>

Testar a si mesmo, autoconhecimento e proatividade	Fruto do tempo para refletir sobre si próprio, experimentar e testar-se, desenvolvendo um descobrimento de si mesmo Desenvolvimento da capacidade de buscar por mudanças constantes de maneira espontânea
Aprendizagem dinâmica ao longo da jornada	Busca por conhecimento diário, que aprimora o autoconhecimento, a compreensão de seu contexto pessoal
“Perrengues” e cuidados	Ritos de passagem enfrentados e relatados com orgulho e os cuidados ao longo das jornadas
Formas de Discriminação/ desigualdades	Gênero, Raça, nacionalidade, classe social

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Choque de realidade e adoção de novas perspectivas

Mochileiros normalmente são pessoas que tendem a evitar rotinas diárias, procurando sempre por aventuras. São pessoas sedentas por novidades. Ao entrar em contato com contextos diferentes dos seus, eles sofrem um choque de realidade, que amplia o seu campo de visão sobre os entendimentos e perspectivas que tinham sobre a vida. Alguns acabam tornando-se mais gratos com a sua vida, ao se depararem com situações de dificuldade e miséria que outras pessoas vivem e não deixam de ter alegria e positividade, como a cultura Asiática, principalmente Tailândia e Indonésia, países muito visitados pelos mochileiros. Como relatado pela entrevistada 10:

E de cultura, **eu acho que a viagem que mais me chocou como cultura, foi quando eu fui pra Indonésia**. Porque lá, assim **a cultura asiática é muito diferente da nossa, sabe?** Então, **como eles tem hábitos totalmente diferentes**, a gente parece meio que famoso pra eles assim, que às vezes pedem pra tirar foto com a gente, eles tem alimentos básicos muito humildes, enfim, a comida que eles tem em casa, é ovo, arroz, são coisas básicas, diferente do nós, eles vivem com pouco, **eles são muito religiosos, com os deuses, e eles são muito humildes, muito, muito, muito, então, isso pra mim chocava bastante, porque o pouco que a gente tem, é muito pra eles, né?** E aí **você vê o quanto é privilegiado, o quanto deve ser grato** [E10].

Segundo Lehire (2006), pessoas em situação de forte mobilidade (trânsfugas) sofrem significativas variações inter e intrapessoais, porque a mobilidade evidencia

disposições nem sempre visíveis em estados de conforto. Dessa forma, quando o indivíduo sai do seu contexto habitual e mergulha em outros desconhecidos, muitas de suas habilidades, antes pouco necessárias, são despertadas com o objetivo de contribuir com o relacionamento com o novo espaço. Novos espaços sociais trazem com eles novos desafios e direções, e exigem novas decisões e ações, levando a uma aprendizagem que conduzem o viajante a abrir mão de antigas disposições e valores. Assim, o deslocamento espacial promove uma modificação na percepção da realidade e muitas vezes, induz a um deslocamento social, na medida em que se a forma como o indivíduo enxerga a situação modificou-se, é porque a sua posição dentro do campo também não é mais a mesma (Lahire, 2006). Essa mudança de perspectiva é relatada pela entrevistada 10:

Então, **acho que isso te abre muito a cabeça**, pra mim, e na questão profissional, eu basicamente trabalhei em lugares que eu não imaginei trabalhar, quando eu saí do Brasil, eu sempre trabalhei no mesmo emprego no Brasil, durante sete anos, na mesma empresa e era um emprego bom assim pro cenário econômico do Brasil, era um emprego muito bom e aí quando eu saí e eu vim aqui pra Irlanda e eu trabalhei em outros empregos, eu dei um passo para trás e eu tive que trabalhar em lugares, que eu nunca imaginei que eu iria trabalhar assim, fazer coisas que eu nunca imaginei que eu faria, sei lá, trabalhar limpando casa, garçõete, lavando pratos, alguma coisa assim, mas tu aprende muito, sabe? **Tu aprende muito a se pôr no lugar do outro, tu nunca mais vai num restaurante com o mesmo olhar que antes** [E10].

Mudanças constantes e adaptabilidade como forma de fuga do cotidiano

Para manter a sustentabilidade em sua carreira, o indivíduo necessita desenvolver a adaptabilidade ao longo de sua carreira, qualidade que o “mochileiro” acaba desenvolvendo durante suas experiências. A readaptação contínua é quase obrigatória nessa prática, pois o contexto muda radicalmente muito rápido, é uma questão de sobrevivência. Mas, sempre que questionados sobre as dificuldades que essas mudanças contínuas causam em sua vida, respondem com firmeza que amam esse estilo de vida e que a monotonia é que seria insuportável. O entrevistado 4 fala que:

Eu sou muito adaptável, é assim que eu lido, **acho que eu me adapto muito fácil a qualquer condição assim, são raros os lugares que eu vou e me sinto desconfortável**, a não ser que tenha alguma coisa no local que me deixe desconfortável, mas fora isso, não [E4].

O fato de dormir em um lugar e acordar em outro é viciante para eles, que mesmo quando resolvem fixar-se em algum lugar por um tempo, trocam muitas vezes de casa, de trabalho, de lugares frequentados. Essa necessidade de fuga do cotidiano, ou pulsão da errância (Mafessoli, 2001), nem sempre pode ser substituída por outras necessidades e contribui para a construção da própria identidade do indivíduo. Percebe-se na fala do entrevistado 4:

Então, tem as duas coisas, para mudar **eu tenho urgências de mudar**, mesmo eu tendo morado muito tempo nas mesmas cidades, é muito difícil eu ter morado muito tempo na mesma casa, **acho que o máximo que eu morei na mesma casa foi dois anos, na minha vida**, fora quando eu morava com os meus pais, mas fora isso, dois anos. Então eu estou sempre mudando, porque eu gosto muito de mudar, então estou sempre em constante mudança, eu gosto bastante de mudar [E4].

Essa pulsão da errância traz consigo uma certa impermanência em outros âmbitos da vida, gerando um sentimento de insegurança, desequilíbrio e inquietude, marca registrada dos indivíduos pertencentes a sociedade contemporânea. Dessa forma, esse desejo de outro lugar, de outra forma, de ser outro, acaba levando a uma outra necessidade: a de transgressão, oriunda de um desejo de protesto contra a divisão do trabalho, a fixação, a funcionalidade (FALCÃO, 2013). Essa busca pode ser identificada nas viagens, no caso dos mochileiros, e é também uma busca por sentido (MULLER E SCHEFFER, 2020).

Testar a si mesmo, autoconhecimento e proatividade

De acordo com Hall (1996), ao ser o condutor de sua própria carreira, o indivíduo precisa desenvolver algumas qualidades pessoais para alcançar o sucesso, como o autoconhecimento e a proatividade, já que essa atitude implica alguma autonomia e liberdade. Essas competências são relatadas pelos entrevistados, **“Então, assim, sair viajando assim, em si, foi pra mim muito autoconhecimento, né? Então, acho que é muito importante se conhecer pra poder fazer alguma coisa pro seu futuro né [E12]?”** e desenvolvidas durante a mochilagem, pois durante a viagem o mochileiro tem muito tempo para refletir sobre si próprio, experimentar e testar-se, desenvolvendo um descobrimento de si mesmo.

A mochilagem permite ao indivíduo se conhecer, construir a sua identidade ou uma de suas identidades (HALL, 2003; FIALHO, 2017), formar os próprios valores e alinhar as suas escolhas a trajetória de vida desenvolvida. É uma trajetória de vida

com mais significado. Por meio do ato de viajar, o viajante busca o encontro do sentido e do significado de vida (MANEZE E PACHECO, 2018). Ainda segundo, os autores, “as viagens são como nossa paixão, pela qual nos perdemos e também nos buscamos” (MANEZE E PACHECO, 2018, pg. 294). A proatividade é necessária para uma carreira mochileira, ao passo que o indivíduo é quem planeja (roteiros, tempo, orçamento), administra (tempo, orçamento, e demais recursos) e ajusta (transições) essa carreira. Ela recorre a dicas de outros viajantes, mas é uma carreira totalmente independente e que depende dele para sustentar-se.

Aprendizagem dinâmica ao longo da jornada

A vivência da viagem se modifica, em uma aprendizagem constante, conforme o compartilhamento com outros viajantes, segundo os entrevistados viajar sozinho te permite uma maior liberdade, de se entregar as oportunidades, por não ter que depender da aprovação e participação dos demais. Nota-se essa opinião na fala do entrevistado 3:

[...] eu estive na Tailândia também, que é um outro país paradisíaco, lá eu tive a oportunidade de experienciar alguns países que ainda estavam devastados pelo tsunami de 2004, quase dez anos depois, então o sudoeste asiático é realmente um dos lugares mais interessantes que eu já estive, pela quantidade de experiências novas de que eu tive a oportunidade de experienciar, assim. E também foi uma viagem que eu fui sozinho, e que me fez experienciar essa liberdade cultural, eu acho, de nunca dizer não para as pessoas, de sempre experienciar coisas novas, né? Sem ter medo de dizer não, **pois estando sozinho essa liberdade te deixa mais aberto para experiências novas [E3].**

Além disso, a viagem sozinho possibilita ao mochileiro uma maior inserção na cultura local, aumentando as possibilidades de realmente entender melhor a realidade das pessoas que ali habitam, como constata-se na fala do E20:

É uma das principais coisas, **é melhor viajar sozinho, porque aí as pessoas querem te acolher na casa delas, e aí quando você está na casa delas, aí sim, elas ficam à vontade ali na sala, aí depois elas começam a ser mais elas mesmas, e aí tu tens a oportunidade de conhecer mais como as pessoas realmente são.** O mais importante mesmo é viajar sozinho e dessa forma assim, vai de ônibus e de mochila, também é bom, mas de bicicleta fica mais vulnerável ainda [E20].

As readaptações exigem com elas aprendizagens, de uma nova língua, de novas formas de sobrevivência, nova cultura e geografia. Percebe-se que nas carreiras desse grupo há muito espaço para o aprendizado; não é surpreendente que muitas empresas valorizam praticantes dessa modalidade e que eles tenham, em sua maioria, altos níveis de formação. De acordo com De Vos, Van der Heijden e Akkermans (2020), a “aprendizagem dinâmica” permite que os indivíduos tenham uma interação dinâmica com o ambiente, na medida em que tanto podem se adaptar como influencia-lo, ao longo do tempo de sua carreira, vão aprimorando o autoconhecimento, bem como a compreensão de seu contexto pessoal e organizacional e também do mercado de trabalho. Dessa forma, isso faz com que eles aprimorem as percepções sobre sua adequação pessoa-carreira (PARASURAMAN, GREENHAUS, LINNEHAN, 2000).

O propósito na viagem de um mochileiro é conhecer a cultura local, aprender o idioma, experimentar a comida, conversar com as pessoas pra entender a sua realidade e entender a história do país. Além disso, é um tipo de viagem com uma jornada individual, mesmo quando dividida com outros viajantes. Como no caso da E10:

Eu acho que cada país também ou cada lugar que eu vivi, eu tinha objetivos diferentes, e que quando eu decido um país aonde eu vou, eu penso porque que eu quero ir pra lá, então, quando eu estava em Dublin, eu decidi ir pra Austrália, eu estava aqui com uma vida tipo OK, tinha a minha casa, porque quando tu mora fora inicialmente, tu divide casa com um monte de pessoas, sabe? Tem uma coisa assim... então, tem uma hora que tu cansa, né? Já não é mais intercambista, já não sou mais uma intercambista nem uma estudante, eu já quero ter a minha casa ou se eu for dividir quero dividir a casa com que eu conheço, enfim então quando eu estava em Dublin, eu já tinha a minha casa, eu já não dividia a casa com ninguém, eu já tinha a minha vida financeiramente boa, mas estava me faltando um clima legal, estava me faltando novas experiências, então meu objetivo era nesse momento, independente do trabalho que for, aí eu fui pra Austrália, lá eu tinha clima bom e praia, né? Várias coisas legais e voltei um passo atrás. Dividi a casa, comecei a trabalhar limpando casa, que eu não tinha feito ainda na vida. Então, meu objetivo naquele momento, era ter um uma qualidade de vida, e um dinheiro pra pagar minhas contas. Ali durou um ano, porque pra mim eu falei: gente eu não quero mais trabalhar com isso aqui. Eu quero voltar a ser gente, digamos assim né? De ser valorizada pelo o que eu faço. Do meu trabalho ter impacto. E aí foi quando eu voltei pra Europa, e eu sabia que as oportunidades de emprego pra mim aqui seriam ótimas. Então, eu sabia que o clima não seria bom, mas naquele momento o meu objetivo, não era mais o clima. Meu objetivo era voltar pra minha carreira de trabalho. **Acho que tudo isso está relacionado ao destino que tu vai, tu muda teus**

objetivos, sabe? E se daqui um pouco eu sair daqui provavelmente os objetivos que eu tenho hoje, não serão os mesmo pra esse lugar [E10].

“Perrengues” e cuidados

Os “perrengues” são relatados com orgulho por todos os entrevistados, e referem-se as dificuldades enfrentadas durante o percurso (fome, frio, prisão, falta de hospedagem, falta de segurança e etc...), que significam um rito de passagem dentro da carreira dos mochileiros. Historicamente, sacrifícios já são muito utilizados como sinônimos de ritos de passagens em muitos rituais religiosos. A regra é clara: “para ser um “verdadeiro” viajante e “ter” experiências autênticas, é preciso se esforçar” (CIDADE, 2012, pg. 6).

Ainda conforme o autor, essa ideia de necessidade de sofrimento pode ser fruto da valorização cultural do sofrimento, onde refere-se a uma necessidade subjetiva, enraizada no sujeito, mas que se originou da coação social, como quase todas as outras necessidades. Nesse sentido, o turista justifica sua preferência por conforto durante as viagens, como mérito pelo trabalho árduo realizado durante a sua rotina, já o mochileiro, “transforma a própria viagem em “trabalhosa” (CIDADE, 2012, pg. 11).

O sentimento de prestígio gerado pela dor física, está no significado subjetivo atribuído pelo indivíduo, como na construção da própria identidade (HALL, 2003) e também como na dimensão de significado das carreiras sustentáveis (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015; DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018).

Os “perrengues” ou dificuldades vivenciadas pelo indivíduo, tornam-se uma forma de aprendizagem com os erros, levando a tomar cuidados nas próximas viagens. Quanto mais experiente um mochileiro, mais experiências adquiridas e por consequência, mais cuidados. Quando questionados sobre os cuidados tomados durante as viagens, as respostas são variadas, mas algumas dicas aparecem mais frequentes, como ter sempre dinheiro em espécie, pois nem todos os lugares vão ter bancos para poder sacar dinheiro, principalmente lugares mais retirados da zona central, que são os preferidos desses viajantes. Mas, eles alertam sobre as consequências de se tomar precauções excessivas, e acabar perdendo a oportunidade de se entregar a viagem, um dos objetivos da mochilagem.

Essa ideia remete a citação de Falcão (2013, pg. 55) que “o conhecimento dos riscos incita o gosto pela transgressão, numa afirmação de capacidade de

superação”. Sendo assim, muitos mochileiros, mesmo sabendo dos riscos de certas situações e até mesmo já as tendo vivenciado, optam por não tomarem os devidos cuidados, pelo prazer de transgredir o recomendado e se necessário, superar a dificuldade encontrada. A entrevistada 10 quando questionada sobre as dificuldades, é clara:

Eu acho que faz parte do pacote, né? Quando tu está sempre se mudando. Então, vá lá, vai ter que começar tudo de novo. E cada experiência é uma experiência, passa por perrengue assim diferentes, mas eu acho que com a com o passar do tempo com as mudanças todas, tu já sabe mais ou menos enfrentar algumas coisas, de forma mais fácil e já sabe evitar outras coisas. Nós não podemos evitar algumas coisas, mas da parar para pensar. E todas as coisas que eu passei no início, hoje é muito mais tranquilo, se eu precisar sair daqui e me mudar pra outro país. Eu já sei o que eu preciso fazer pra evitar, né, a os perrengues sempre vão ter. Mas, eu já tenho aquele aprendizado de quando tu erra e tu aprende com aquilo ali [E10]?

Formas de Discriminações/desigualdades: Gênero, Raça, nacionalidade e classe social

A mobilidade também tem ligação com as relações socioculturais. Cresswell (2006) inclusive apresenta a dupla face da mobilidade, na medida em que as condições dos indivíduos invisibilizados os ocultam em distâncias territoriais de direitos de uma forma muito perversa. Pois a privação da mobilidade é uma das mais cruéis de desigualdade, pois segundo a constituição todos somos livres, teoricamente. Entretanto, na prática não é bem assim que acontece. Como nas palavras de Illich (2005): “Diga-me quem és, e te direi qual mobilidade terás!”. Essa diferenciação fica clara, com a posse de vistos e nacionalidades, demonstrando que a mobilidade também é um sinônimo de “status” e “poder” dentro da sociedade.

Nesse sentido, retoma-se a ideia de Molz (2006), a mobilidade entre lugares, física ou virtualmente, pode ser considerada uma fonte de poder e status dentro da sociedade. Trazendo para o contexto dos mochileiros, viajar pode ser uma forma de adquirir “status” dentro da sociedade, driblando a discriminação econômica, racial e social, e modificando conseqüentemente o seu “papel”. Na medida em que a mochilagem permite que pessoas invisibilizadas pela sociedade tenham acesso a lugares e pontos turísticos, antes só visitados pela elite. É o caso da E10:

[...] agora todo mundo já está acostumado que eu não moro mais lá, então está tudo bem, as pessoas já devem ter esquecido, mas a primeira vez que eu voltei pro Brasil, tipo assim, **eu era famosa, até a pessoa que não falavam comigo antes, queriam falar comigo, né? Uma coisa meio louca assim, aquela coisa de “status”,** no momento que eu percebi que no Brasil principalmente, o primeiro ano que eu voltei, então tipo todo mundo queria falar, queria saber da viagem e **acho que a questão do sair do país, parece que tu fica rica sabe? As pessoas acham que, porque tu mora em vários lugares e porque tu viajou para tais lugares... mas não tem nada a ver, obviamente que hoje eu tenho uma vida diferente da que eu tinha no Brasil, mas não necessariamente eu sou rica, porque eu saí Brasil, sabe?** E eu percebi que mudou a percepção das pessoas, como elas me viam assim, e pra mim também, porque eu me senti muito ET nos primeiros dias assim, eu pensava que tudo era muito caro, eu tinha muito medo de andar na rua, e ao mesmo tempo eu queria muito ver as pessoas, ver os meus amigos e eu tava super feliz de tá de volta também, mas essa foi a minha primeira percepção assim [E10].

Muitas barreiras são encontradas pelos mochileiros, tanto visíveis como invisíveis, e elas atuam juntas para reforçar a segregação social já existentes na sociedade. As barreiras invisíveis são aquelas que vão além da estrutura física das cidades/ estados/ países, como por exemplo vistos, passaportes, o direito a outras nacionalidades, o acesso à tecnologia e a informação. Vale lembrar que a produção de subjetividade ocorre em conjunto com o espaço ao redor (o contexto) e que pensar nas barreiras de mobilidade, é também entender que eles podem ser muros que impedem a expansão da existência dos sujeitos. Como exposto pelo E5:

O visto, é o principal, para todo lugar que tu está tem que ter um visto, se não está ilegal, e tudo que é ilegal não é legal, né? Então já começa por aí, já começa as dificuldades, **eu no momento não estou viajando, justamente por esse motivo, quando eu voltei pra cá, eu vim pra cá como turista e cá estou ainda como turista, então não posso sair viajando agora no momento.** E estou aqui tranquilo, aceitei minha função, ainda bem na real, porque se não teria voltado para o Brasil, e ia começar a pandemia logo em seguida e ia ser horrível, então, ainda bem que estou aqui. [...] **o principal é visto, porque se eu tenho visto eu estou tranquilo aqui e posso ir pra qualquer lugar, agora sem visto eu não fico tranquilo nem aqui, eu estou tranquilo, mas pode acontecer algo a qualquer momento, ainda bem que eu tenho meu documento de trabalho e ele é válido até 2026,** mas o plano é conseguir juntar uma grana até ano que vem e ir pro Brasil para visitar e aí voltar pra cá e entrar em uma faculdade ou alguma coisa assim, só pra ter o visto, nem é pra estudar, porque eu odeio estudar, mas é só pra ter o papel ali, sabe [E5]?

A segurança não parece um item de muita preocupação por parte dos mochileiros, pelo contrário, o excesso de cuidados, como apontado anteriormente, impede o andamento livre da viagem, do aproveitamento das oportunidades que surgem durante a sua vivência. Na pesquisa apareceram mais relatos de preocupações e problemas com relação a segurança por parte das mulheres. Como no relato da entrevistada 2:

Já passei perrengue de insegurança numa casa aonde eu fiquei em Floripa, eu tive muito medo, eu fui perseguida, e foi algo que eu tive muito medo, mas não aconteceu nada. Foi mais medo e ameaças. No final ficou tudo bem, eu fiquei em segurança. Aí vem mais isso, né? **O quanto é difícil ser mulher no Brasil, mas a gente vai encontrando as brechas para sobreviver [E2].**

Além das diferenças de gênero, no quesito segurança, a discriminação também é uma das vivências descritas pelos mochileiros, como parte das experiências encontradas pelo caminho, onde a raça pode ser um fator de dificuldade, tanto para conseguir caronas como trabalho, de acordo com o entrevistado 12:

Quando eu pegava carona, tipo eu como homem negro, era bem mais difícil de pegar carona. E por exemplo, pra uma mulher é muito mais fácil pegar carona, mas é muito mais perigoso, né? Perigo maior. Então o homem branco, é muito mais fácil pegar carona do que pra mim [E12]

A discriminação aparece também com relação a imigrantes mochileiros no exterior, como relata o entrevistado 19 relata um roubo que ocorreu em um hostel na Sérvia, em que estava hospedado e ele tornou-se o principal suspeito, **“E aí infelizmente chegou uma pessoa nova no lugar, e houve um roubo e eu virei suspeito, até porque foi no quarto que eu tava, né [E19]?”** No quarto haviam muitas pessoas de outros países, mas ele era o único brasileiro.

As vivências durante as viagens acabam transformando os objetivos, os próprios mochileiros e as formas de enxergar diversos aspectos da vida do indivíduo (pessoais, profissionais e sociais), bem como tornam necessárias formas de viver e se relacionar com o trabalho e com a vida, como será discutido no próximo item.

4.3. VIDA, TRABALHO E CARREIRA

Nas etapas anteriores foram enfatizados alguns elementos envolvidos na experiência do mochilão. A motivação inicial criou certas expectativas a respeito das viagens, as quais durante a vivência foram sendo desconstruídas ou fomentadas em consonância com as situações encontradas e com as percepções dos participantes a respeito do que estava sendo vivenciado. A partir das reflexões que surgem durante a vivência do processo, podem resultar em modificações em sua carreira e nos diversos âmbitos da vida do indivíduo (vida pessoal e trabalho).

A carreira, ou as carreiras de mochileiros, embora sejam uma carreira de vida, elas são atravessadas pela necessidade de trabalhar e adquirir renda, bem como relaciona-se a vida, as convivências, como um todo. Assim, lembrando como já exposto no referencial teórico, aqui a carreira em questão transcende o vínculo com uma organização. Aqui, relaciona-se ao que coloca Arthur (2014), que as carreiras são realizadas em diferentes contextos (trabalho, casa, amigos e lazer), na medida em que mochilar envolve estar na estrada, estar em movimento, conviver com outros, voltar ao ponto de saída, etc. Para a apresentação desse objetivo de pesquisa, foram construídas as categorias do quadro 18.

Quadro 18 - Categorias construídas a partir de carreira (aspectos da vida e trabalho)

Contexto	Categoria	Entendimento
Trabalho	Flexibilidade no trabalho como forma de viabilizar as viagens	Busca por trabalhos mais flexíveis que permita realizar suas viagens
Formas de Trabalhar: viabilizando os diferentes tipos de mochilagem	Nômades digitais Subempregos Hobbys transformam-se em trabalho com maior significado Voluntariado (troca de trabalho por hospedagem e alimentação) Empreendimentos no mercado industrial mochileiro	O trabalho dependerá muito do tipo de mochileiro do qual estamos falando. Relaciona-se diretamente com o tempo, grau de mobilidade geográfica, mercado de trabalho, área de atuação, etc...

Aspectos de Vida	Desapego material, relações afetivas e territorialidade	Estilo de vida mais simples e prático em todas as esferas
Vivências e convivências e a visualização de possibilidades de futuro	Desenvolvimento de relacionamentos interpessoais ao longo da jornada	As vivências e os relacionamentos construídos revelam o desenvolvimento de competências necessárias a essa carreira

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Flexibilidade no trabalho como forma de viabilizar as viagens

Nota-se que a maioria dos entrevistados mochileiros trabalham enquanto viajam, trazendo a ideia de uma carreira sem fronteiras, exposta por Arthur (2014), na medida em que as fronteiras entre trabalho e não trabalho não podem mais ser definidas como em carreiras tradicionais. Com as transições de carreiras (de mochileira profissional a mochileira de curto prazo), e as novas necessidades e objetivos, ocorrem também as transições no trabalho, como no caso da entrevistada 1:

Na realidade eu comecei a pensar nisso depois que eu vim morar na Inglaterra, porque antes eu sempre trabalhei de qualquer coisa e só pra juntar dinheiro, antes quando eu me mudava pra algum lugar eu trabalhava de qualquer coisa, justamente para poder me manter nesse lugar, eu nunca me importei. Mas agora que eu moro na Inglaterra eu tenho uma cabeça mais diferente, justamente por eu querer ficar aqui, eu quero progredir na minha carreira e já estudo, faço alguns cursos atualmente, na minha área, e para poder evoluir, e isso me ajuda também a poder me organizar para viajar, quanto mais eu estudo, mais eu progrido na minha carreira na área da saúde e assim consequentemente, eu ganho mais e consigo me preparar para viajar para outros lugares [E1].

O que trazem, de modo geral, é a busca por trabalhos mais flexíveis que permitam a eles realizarem/operacionalizarem suas viagens. Percebe-se pelos relatos que depois de iniciarem a mochilagem, eles procuram por um trabalho que seja flexível, o que para eles torna-se uma exigência primordial. Pois, aqui viajar é o essencial. Salários altos, planos de carreira e benefícios, almejados por vários

trabalhadores, para os mochileiros profissionais, são secundários. Como o entrevistado 9 expõe:

Pra mim sempre quando eu vou escolher então um trabalho, até os dias de hoje, ele sempre é com base em como são minhas folgas, por isso, que eu fiquei mais tempo só trabalhando em cafés, porque aqui não tem muita diferença, né? Então quem trabalha no restaurante e quem trabalha na empresa, o salário é o mesmo. É uma igualdade muito grande. Porém, no restaurante eu posso tirar mais folgas. Porque, um colega te cobre. Agora se tu trabalha de segunda a sexta, ninguém pode cobrir suas folgas. Então, eu nunca trabalhei de segunda a sexta. Inclusive, a empresa que eu trabalho hoje, eu trabalho sete dias seguidos e sete dias de folga. Em sete dias de folga eu posso viajar e nos outros sete dias eu pago a minha penitência trabalhando, sete dias seguidos. Então, eu sempre escolho com base nas folgas que vai ter uma abertura pra poder viajar, né? Porque, também final de semana sempre a passagem é um pouco mais cara, então se a gente tem essa liberdade de viajar durante a semana, é como eu escolho, e como eu gosto de trabalhar [E9].

No âmbito do trabalho, a flexibilidade pode ser vista como liberdade e autonomia individual, tanto no empreendedorismo como no desenvolvimento da empregabilidade. Nesse sentido, Guelaud e Lanciano (1991) definem a flexibilidade como a capacidade das empresas de se adaptarem as mudanças dos mercados, produtos, tecnologia e clientes. Pesquisadores sobre assunto se dividem entre duas perspectivas: se por um lado pode conter riscos para o indivíduo (precariedade de emprego, segregação no mercado de trabalho, remunerações baixas e irregulares, ocupações pouco qualificadas, ausência ou escassez de oportunidades de formação, conflito com a vida familiar e agravamento das desigualdades sociais e de gênero), por outro, pode abrir janelas de oportunidade (possibilidade de uma participação laboral mais adequada às necessidades e aspirações individuais, melhoria das qualificações, acesso a empregos bem remunerados, melhor articulação com a vida a familiar/pessoal, maior controlo sobre o tempo, melhoria da qualidade de vida e modernização das relações de gênero) (FALCÃO CASACA, 2005; KOVÁCS, et al., 2005).

Notou-se que o trabalho voluntário (volunteer work), também é utilizado por alguns mochileiros. Uns deram a partida inicial em suas carreiras mochileira através do voluntariado, antes de se aventurarem mais radicalmente em outras formas de viagem, e outros utilizam-se do programa para diminuir os custos de viagem e hospedagem, que é o caso do E19:

E eu continuei guardando meu dinheiro e pesquisando formas de viajar, aí eu vi muito né da plataforma de trabalho voluntário, então achei que eu podia usar isso como uma forma, tanto de ganhar experiência, né? Cultural, quanto de reduzir os custos da viagem [E19]

Formas de Trabalhar: viabilizando os diferentes tipos de mochilagem

O trabalho, importante referência do sujeito em nossa sociedade, é rico de sentido individual e social, pois além de trazer subsistência, ele permite criar sentido existencial e construir a própria identidade e subjetividade (ANTUNES, 2020). Entretanto, a forma como o indivíduo enxerga o seu trabalho pode variar (WRZESNIEWSKI, MCCAULEY, ROZIN, SCHWARTZ, 1997), ele pode ser visto como um grande elemento positivo de sua vida (prazer, realização e **carreira**), apenas como forma de arrecadar recompensas financeiras e sanar as necessidades (sobrevivência e **trabalho**), ou com foco no prazer de um trabalho gratificante e socialmente útil (progresso, vocação ou **chamado**). Sendo assim, o trabalho pode ter diversos significados para o indivíduo, dentro de sua carreira, ao identificar as suas próprias necessidades e possibilidades pessoais e contextuais, aumentará, a probabilidade de construir uma carreira mais sustentável.

O tipo de trabalho realizado e a forma de articulação com o mesmo, dependerá do tipo de mochileiro que está se falando, por exemplo um mochileiro profissional que está sempre se mudando, pode ser um nômade digital, tendo o trabalho como sinônimo de prazer e realização, como é o caso do entrevistado 13 que é programador e gestor de investimentos, assim como a namorada, mas ele entende que esse é um privilégio e que nem todos conseguem ter um trabalho totalmente remoto:

Então, isso afeta bastante, assim durante o período assim dos últimos anos, principalmente, a gente se dedicou muito ao trabalho, fez alguns sacrifícios, a gente até hoje inclusive assim, a gente em geral, se a gente se tornou pessoas muito mais conscientes dos nossos gastos, muito mais cuidadosas com as nossas finanças, porque a gente quer manter isso, né? **Sim, é uma oportunidade que a gente teve por causa do nosso trabalho, por causa dessa coisa de lidar com investimento e ter um trabalho remoto, nós dois, então acaba que a gente toma muito cuidado, porque a gente não quer desperdiçar essa chance, que a gente tem, que eu sei que é uma coisa super rara, alguém, né? Conseguir gerar, e ter capital o bastante e ter um estilo de vida e de trabalho que permita que você fique viajando por tempo indeterminado, é um negócio que muita gente**

queria. Então, a gente reconhece muito que isso é um super privilégio nosso e que a gente quer manter [E13].

Caso contrário, se não for um nômade digital, um mochileiro profissional, não conseguirá manter uma carreira profissional sólida, e muitas vezes, acabará trabalhando em “qualquer lugar” ou em um subemprego (comércio, artes, construção). Isso deve-se a importância que eles dão a flexibilidade no trabalho e a aprendizagem dinâmica útil para a sua sobrevivência. Neste caso, entende-se que nesse caso o trabalho é apenas um meio de sobrevivência e de colaboração para a continuação da viagem.

A realização da viagem, e o processo de autoconhecimento e de desenvolvimento de sua empregabilidade, permite também o descobrimento de novos e antigos hobbies, e a possibilidade de que eles podem tornarem-se uma moeda de troca perante ao mercado de trabalho, trazendo consigo esse significado maior do trabalho e gerando uma sensação de propósito ou vocação, como expressado pela entrevistada 7:

Isso é a melhor coisa para viajar, **tu fazer grafite, um letreiro, uma coisa para aquele lugar, e tu ter a visão e tu poder passar pro dono do negócio, que ele precisa daquilo, isso é maravilhoso**, e eu não tava pensando na viagem quando eu fiz isso, sabe? Nunca fiz nada pensando para isso, porque **tudo que eu gosto envolve isso, como artesanato também, eu gosto de fazer, pra mim é uma terapia e eu posso vender, entendeu (E7)?**

Mochileiros de “um ano fora” deram uma pausa em suas carreiras profissionais, mas todos são formados, a entrevistada 2 é uma nômade digital e consegue manter sua carreira profissional de psicóloga, durante o andamento da viagem, já a entrevistada 8 que é engenheira civil e o entrevistado 19 que é médico veterinário, estão utilizando esse tempo de viagem para experimentar outras áreas, então, não estão trabalhando atualmente em sua área de atuação e formação, mas pretendem retomar sua carreira profissional, após o fim da viagem. Pois no caso, a mochilagem seria temporária, entretanto essa ideia pode modificar-se no futuro, através das transições das carreiras.

Mochileiros com a vida em crise, estão desacreditados e passando por um momento de crise, essa crise também abarca a carreira profissional, e ambos se encontravam desempregados ao iniciar a mochilagem, mesmo a entrevistada 6 tendo uma formação e sempre ter sido ativa no mercado de trabalho durante sua vida,

encontrou dificuldades para atuar em sua área de formação, como oceanóloga, após o fim da graduação, assim como o entrevistado 12, que não possui formação. Ressalta-se aqui, o fato de ambos os entrevistados serem negros, podendo atribuir a sua exclusão do mercado de trabalho a um preconceito existente na sociedade.

Trau (2015), afirma que quando os indivíduos são expostos a contextos de trabalho que possuem um clima negativos, de racismo, sexismo ou homofobia, a realização de seus objetivos de carreira pode dificultar-se. Sendo assim, eles vêm o trabalho como uma carreira profissional e como um elemento positivo de sua vida, de uma forma geral, mas no momento estão atuando em trabalhos, cujo objetivo é apenas a sobrevivência (trabalho).

Mochileiros festeiros, são os que menos se importam com o trabalho, pois antes de iniciarem a prática da mochilagem, já não possuíam uma carreira profissional sólida, sendo assim, ambos não possuem formação, e sempre trabalharam em subempregos. Além disso, nenhum deles, manifesta desejo em desenvolver uma área de atuação específica. Aqui o trabalho é sinônimo apenas de sobrevivência e trabalho em seu sentido próprio, necessário para suprir o orçamento financeiro básico, possibilitando a continuação da viagem.

Tratando-se de um mochileiro de curto prazo nota-se que eles já possuem carreiras mais estabilizadas, com salários mais altos, aproveitando mais as folgas da rotina para viajar, por isso, necessitam de um planejamento maior, de rotas e do próprio tempo. Esses não trabalham durante as viagens, pois não se mudam, apenas realizam viagens com um menor tempo de duração. Os entrevistados pertencentes a esse grupo, veem o trabalho como um elemento positivo de sua carreira, não apenas como sobrevivência, mas também não chega a ser uma vocação, mas eles possuem uma carreira profissional. A sua vocação ou o seu chamado seria a mochilagem.

Aspectos de vida: desapego

O desapego também aparece recorrente nas entrevistas, em diversos âmbitos (material, relações afetivas e territorialidade). É uma capacidade necessária para o desenvolvimento dessa carreira. Para eles, adquirir muitos bens materiais inutilizáveis é sinal de excesso de bagagem, e isso atrapalha a viagem. Os objetos de valor são substituídos pelas experiências e vivências que as viagens proporcionam, que para eles tem valor inestimável e são muito mais valiosos. Sendo assim, bens materiais

dão espaço para os bens imateriais. É o que aparece claramente na fala da entrevistada 2: **“Eu acho que mochilar representa desbravar, encher nossa mochila de experiência, com o menos de coisas materiais possíveis (E2)”**.

Mochileiros não podem ser muito nostálgicos, não podem construir relações muito sólidas, quanto maior a mobilidade geográfica, menor a consolidação de relações sólidas, é uma relação inversamente proporcional. Não é que eles não sejam ligados a família, muitos possuem um bom relacionamento e muitos amigos bons amigos deixados durante a sua trajetória, mas entendem que a distância e a saudade fazem parte das suas escolhas, e tentam se apoiar mais no futuro, e na ideia de que sempre haverá outras pessoas, outros lugares e outras vivências. Sendo assim, eles não são pessoas apegadas ao passado, compreendem que o lugar dele é ficar nas boas lembranças, é imprescindível focar no presente e almejar o futuro. Como coloca o entrevistado 13:

Depois de um tempo assim você vai acostumando e aí você tenta se apegar mais à ideia de que você vai ter novas experiências e que vai ser legal de novo, porque é igual o primeiro término de namoro, que você acha que nunca mais você vai achar uma pessoa igual, que ele era o amor da sua vida. E aí **você passa a conhecer uma outra pessoa que é muito legal também. Então, nessa coisa de viagem, você acaba focando mais na ideia de que você vai ter novas experiências e conhecer novas pessoas e que vai ser legal e tentar não ficar se agarrando, prendendo as coisas que você já viveu e que infelizmente não tem como você manter na sua vida.** Então, eu sinto falta sim, né? Que **tiveram algumas pessoas assim excepcionais que eu conheci nas minhas viagens e tudo bem que não dá pra continuar e aí você perde um pouco do convívio mesmo, porque a gente não tem essa consciência, mas são raras as amizades que sobrevivem a um distanciamento.** Em geral, a gente acha que a gente tem amigos nas pessoas que a gente convive muito por obrigação. Então, muitas vezes você tem amigos, mas na verdade, são colegas de trabalho. Então, pessoas que você esbarra na faculdade, quando essas coisas acabam, que você troca de emprego, se você sai da faculdade, termina o colégio, são poucas as pessoas que você realmente continua encontrando, né? **Então, tenha essa consciência também de que é uma amizade de verdade, ela é difícil e ela se mantém pra além dessa proximidade física, e te ajuda um pouco, a não ficar tão chateado, quanto as coisas que passaram, mas por outro lado, e te traz a consciência de que às vezes umas pessoas que seriam ótimos amigos, acabam que vão se perdendo, porque você não tem fazer aquela manutenção ali e aí assim, a vida daquela pessoa está totalmente diferente.** A sua vida está totalmente diferente. É difícil você conseguir ter uma conversa significativa com uma pessoa com quem está em outro fuso. A pessoa está no trabalho e você está visitando a torre de Belém. Então acaba que é complicado você manter uma proximidade muito grande. Exceto com algumas poucas pessoas, que realmente essas

sim, você ganha certeza de que elas são suas amigas e todas são pessoas que você mantém na sua vida e mantém o contato, mesmo depois de períodos prolongados, tenta falar, uma hora vocês falam e é tudo legal, então, **tem dois lados também [E13]**.

A falta de territorialidade e enraizamento também são necessários para a construção dessa carreira, na medida em que criar raízes é sinônimo de fixação e permanência, e isso significa também ter que abrir mão de viver novos momentos e de toda a novidade que a constante mudança oferece. Eles até expõem uma vontade de fixar-se em um local, mas a falta de pertencimento é uma companhia constante, e que não os permite uma permanência sólida em apenas um local. Além disso, a ideia de lar e do sentir-se em casa não está atrelado ao seu local de origem ou a casa de seus pais, pelo contrário, eles se sentem perdidos ao retornar a esses locais, após a viagem. Sua ideia de lugar ideal para viver está depositado na expectativa de encontrar algum lugar no futuro, através de suas viagens.

Vivências e Convivências e a visualização de possibilidades de futuro

Sobre as vivências e os aprendizados fruto do convívio e do estilo de vida buscado, citam o respeito, empatia e a compreensão como algumas das competências herdadas da prática, decorrente da convivência com muitas culturas diferentes das suas e das situações de vulnerabilidade e necessidade de ajuda de outrem. É o que coloca o entrevistado 3:

Realmente ter tido essas experiências em outros países me tornou uma pessoa muito mais compreensiva, uma pessoa muito mais empática. Eu tento ver as coisas de uma maneira muito mais positiva, em relação a outras pessoas de outros lugares, eu nunca fui uma pessoa, e é uma palavra horrível, eu nunca fui uma pessoa racista, mas eu sempre vi outras pessoas, de outros países, como eles, né? Essa separação de nós e eles, no momento que tu é mochileiro, que tu experiencia isso, essa barreira de nós e eles, ela desaparece! Tu começa a agrupar todas as pessoas, toda a espécie como nós, né? Porque todos nós somos iguais, todos nós sentimos as mesmas coisas, temos os mesmos problemas e as fronteiras geopolíticas que nós temos hoje, são só linhas desenhadas no mapa, **porque as pessoas são iguais em todos os lugares do mundo [E3]**.

Além das qualidades já mencionadas, ressalta-se o desenvolvimento da sociabilidade, na medida em que o mochileiro é obrigado a vencer a timidez para sua própria sobrevivência. Até mesmo, porque muitas das oportunidades de trabalho

imediatas, ou que sempre possuem vagas em aberto, são as que o colaborador atua diretamente com o público, exigindo uma certa desinibição. O entrevistado 12, explicita bem seu desenvolvimento nessa parte:

Uma das coisas que ajudou muito foi em relação a minha timidez assim, tipo eu era um cara tipo extremamente tímido. Foi isso, eu era um cara assim extremamente tímido, né? Tinha dificuldade de me expressar e ir à rua me trouxe muito essa vivência. Me tirou muito dessa timidez, né? Eu era um péssimo vendedor por exemplo, trabalhei com telemarketing um tempo, então se você tiver muita dificuldade e na rua meio que véio fui obrigado a colocar a cara, botar a cara da gente mesmo, para poder vender brigadeiro, tipo não era só o brigadeiro, né? Tipo a minha história pra poder vender o brigadeiro, né? Na praia eles compravam a minha história de estar viajando o Brasil, né [E12]?

O mercado industrial voltado aos mochileiros tem se destacado nas últimas décadas, juntamente com a disseminação dessa prática de viagem, os hostels, albergues, pousadas e campings são muito utilizados pelos mochileiros, tanto como para hospedagem, como para trabalho. Em decorrência dessa vasta experiência adquirida, enxergam possibilidades de manter a carreira com algumas adaptações, aspecto que será desenvolvido na sequência deste trabalho, bem como uma oportunidade de empreendimento no futuro, como no caso do entrevistado 12 e do entrevistado 16: **“Então, isso me inspira a saber que tem outra possibilidade, né? Eu amo a minha profissão, mas poxa, eu também posso ter um camping lá no interior do Brasil, né? Eu posso construir uma pousada, né [E16]?”**. Além da hospedagem, o turismo comunitário, também é citado como uma oportunidade de negócio pelo entrevistado 12:

[...] estou parado num lugar e essa novidade de ser pai e tal então, tipo isso me fez pensar nisso, tipo, nesse instante, né? E aí eu estou começando a construir algo aqui na cidade, que eu estou parado, né, que é justamente e aí o que eu estou agregando, **eu estou agregando muita coisa do tempo que eu passei, por exemplo, em albergues, a minha intenção é trabalhar com hospedagem né, tipo, é fazer o albergue, né, então tipo a casa que eu estou alugando né? Eu já tô começando com esse projeto de hospedagem, já tô hospedando algumas pessoas na minha casa e tal e aí eu tô com um projeto de fazer mesmo um albergue, né? Tipo um lugar que eu possa, como eu tô parado também, é uma oportunidade de tá recebendo pessoas que estão viajando como eu. E é uma forma de eu estar viajando parado né? E também começar a trabalhar com o turismo local aqui né? Ou seja, comunitário é um turismo que eu acredito mais, né? Sai muito da deixa do turismo convencional né? Que é de tipo foda-se está focado mais na beleza**

do lugar, mas não liga pra história do lugar né, não liga pras pessoas nativas daquele lugar né, **comunitário ele é um turismo que ele fortalece a comunidade né**, os nativos da comunidade, você vai conhecer o produtor de farinha naquele lugar, comer num restaurante de uma de uma pessoa daquele lugar né? Pra consumir e alimentar a economia do lugar, né? Das pessoas do lugar, é uma das coisas que eu percebi muito assim, foi que tipo a maioria desses lugares turísticos que eu ia, era tipo muito muito estabelecimento de pessoas que não era do lugar, sabe? Tipo meio que rolou uma colonização sabe tipo a colonização continuou né? Várias pessoas compraram vários estabelecimentos e várias terras e construíram várias coisas e aquelas pessoas se alimentam mais da economia do que a as pessoas do próprio lugar, que sempre permaneceram lá. **Essa intenção também de usar tanto esse rolê de hospedagem como o turismo também, que foram duas coisas que eu agreguei na minha vida, a partir dessas viagens que eu fiz [E12].**

Expôs-se até aqui alguns aspectos referentes às viagens: como a preparação (condições objetivas e subjetivas), as motivações, a partida (ruptura), o percurso, a imprevisibilidade (superação), as primeiras impressões ou sensações, as necessidades, a relação com os moradores locais, os contatos com outros mochileiros, a relação com a indústria mercadológica (hostels, albergues, meios de transporte), as viagens.

Tais achados e considerações tecidas podem levar a pensar em uma consolidação (ou não) da carreira mochileira, envolvendo a decisão de permanecer, seguir viagem ou voltar, num atravessar o tempo, o que será agora discutido.

4.4. ELEMENTOS QUE FAVORECEM OU NÃO A SUSTENTABILIDADE DAS CARREIRAS DOS MOCHILEIROS

Saúde, produtividade e a felicidade são os indicadores que vão nortear a sustentabilidade das carreiras (DE VOS, VAN DER HEIJDEN E AKKERMANS, 2018), ou seja, vão mostrando o que vai contribuindo ou não ao longo do tempo para que essa carreira tenha continuidade. Eles são baseados no sentido que o indivíduo dá aos acontecimentos durante a sua trajetória, ou seja, suas necessidades priorizadas em determinado momento da carreira (DE VOS, VAN DER HEIJDEN E AKKERMANS, 2018). Toda carreira é composta por vários acontecimentos e sofre impacto pelos diversos contextos, aos quais o indivíduo vai se imergindo (MAYRHOFER; MEYER; STEYRER, 2007). No caso dos mochileiros, em decorrência da mobilidade, os

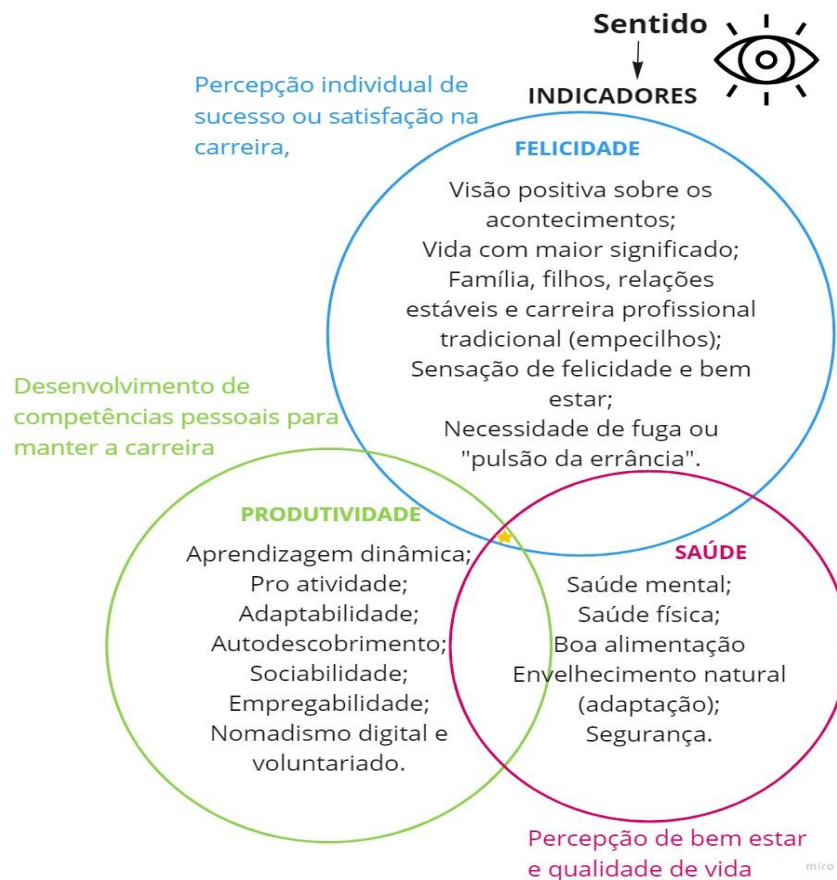
contextos se modificam muito rapidamente e fazem com que essa carreira abarque um número maior de eventos, tornando-a ainda mais dinâmica.

Diferentemente das outras carreiras contemporâneas, as carreiras sustentáveis consideram que as dimensões tempo, espaço social ou contexto, agência e significado estão imersas nas perspectivas sistêmica e dinâmica e levam em conta os múltiplos contextos, bem como o espaço temporal e histórico (VAN DER HEIJDEN; DE VOS, 2015; DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018).

Newman (2011) frisa que para uma carreira ser sustentável, deve incluir oportunidades de integração em todas as esferas da vida individual e experiências que ofereçam a sensação de plenitude (pleno), integridade (completo) e significado (importante) ao indivíduo.

Cabe então situar os indicadores felicidade, saúde e produtividade para os mochileiros entrevistados. Foram entendimentos construídos junto aos entrevistados, que deram sentido a esses indicadores ao refletirem sobre suas próprias carreiras. Além disso, procurou-se compreender as motivações, vivências e relações com os mais diversos âmbitos de suas vidas, relacionando cada uma delas dentro desses elementos, e discutindo a sua contribuição para a sustentabilidade dessa carreira. A figura 5, a seguir, foi construída para uma melhor visualização.

Figura 5 - Elementos das carreiras sustentáveis



Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Felicidade

A felicidade, segundo as carreiras sustentáveis, trata do sentimento de satisfação e de sucesso relacionado a carreira, resultante de um ajuste dinâmico do indivíduo-carreira sobre alguns aspectos como, valores, objetivos, necessidades, equilíbrio profissional-pessoal e outros, que podem variar ao longo da carreira. (DEVOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018; MÜLLER; SCHEFFER, 2020). Para os mochileiros, o sentimento de sucesso está ligado a continuidade a realização de seus sonhos enquanto viajantes, que seria a continuidade de sua trajetória na estrada e a visitação de lugares almeçados e planejados em um futuro próximo. Nas palavras do entrevistado 17:

A minha definição de felicidade, é um momento que você está vivenciando que você está gostando, está curtindo e não quer que acabe. Pode ser o momento de você comer um doce, pode ser o momento de bater um papo com um amigo, assistir um filme que você gosta ou um momento de você cumprir um trabalho bacana que te deixa feliz, ou estar visitando um lugar que você

gosta, provando um prato novo, qualquer coisa que você puder imaginar que seja o momento que você vive, que te agrada e você não quer que aquele momento termine ou quer que aquela sensação se repita, pra mim isso é felicidade! E pra mim isso é o que a viagem me traz, eu curto desde o momento que eu estou planejando, vendo a passagem, o lugar que eu quero ir, lugares que eu possa visitar, a hora que eu pego aeroporto, clima de aeroporto eu adoro, empolgação de estar no avião, é perrengue estar na classe econômica, é, mas ainda assim, eu penso: que delícia estou indo pra um lugar novo! Desembarcar, passar na imigração, esperar a bagagem, e quando acontece de viajar no mesmo país, quando é mochilada assim, muitas vezes eu consigo só com a de mão, nem isso precisa esperar. Aí carimba no passaporte [E17]!

A necessidade de fuga da rotina ou pulsão da errância (Mafessoli, 2001), necessidade identificada enquanto motivação, associada ao desenvolvimento de determinadas competências (adaptabilidade, proatividade, autodesenvolvimento, sociabilidade, aprendizagem dinâmica, autodescobrimento e ampliação da visão) o desprendimento de raízes, o desejo pelo novo, a possibilidade de realizar um trabalho flexível que toma diferentes formas conforme os grupos identificados e a forma como as relações são vivenciadas contribuem de forma significativa para a continuidade da carreira dos indivíduos, enquanto mochileiros. Tais fatores encaminham para abertura de possibilidades para ele viajar mais, com maior autonomia e liberdade.

Como exposto pelos entrevistados, família, relações estáveis, e carreiras profissionais tradicionais são considerados empecilhos para manter a mobilidade contínua, levando a que os tipos de mochileiros com maior mobilidade geográfica, os profissionais, sejam em sua maioria solteiros, sem filhos, nômades digitais ou sem plano de carreira sólido.

O relatado choque de realidade ao entrar em contato com outras culturas, com hábitos, valores e costumes diferentes dos seus, muda a perspectiva e o olhar dos mochileiros sobre os acontecimentos. Ao se apropriarem do significado da experiência vivida, desenvolve-se no indivíduo uma visão mais positiva sobre os acontecimentos da vida. Nesse sentido, a felicidade se manifesta, na forma de se relacionar com o cotidiano, nas lembranças boas e significativas, no pensar a próxima viagem, nas histórias que são contadas e no sentido que é atribuído ao mochilar como um todo.

A mochilagem traz sentido e dá significado a vida do mochileiro, é algo muito importante para eles, que gera a sensação de realização pessoal e de sucesso, sinônimos de felicidade. Resultado do ajuste dinâmico do indivíduo-carreira, ou seja,

do ajuste de valores (liberdade, vida com significado, desapego ao material), aos objetivos (viajar de forma contínua), e ao equilíbrio profissional-pessoal (visão positiva sobre os acontecimentos, sensação de felicidade e bem-estar, a partir de um emprego flexível que permita que as viagens tenham continuidade). De acordo com Hu & Hirsh, (2017), quando os indivíduos entendem a sua carreira como significativa, isso tende a refletir nos outros aspectos de sua vida, como em suas motivações e um sentimento de satisfação em geral, e isso pode também explicar, além disso, pode proporcionar um senso de propósito e missão (STEGER, DIK, DUFFY, 2012).

Na vida deles, um grande sentido é dado ao próprio mochilar, e é esse fato que inclusive permite falar de uma carreira de mochileiros, a identificação e o desejo por uma continuidade através do tempo, de conhecer sempre mais, de estar em movimento, **“É, eu acho que não necessariamente a experiência, não a viagem em si, mas a vontade de continuar viajando, de tornar esse estilo de vida uma coisa sustentável pra longo prazo [E13]”**. O sentido dado as outras instancias de vida, como trabalho, relacionamentos, moradia, etc, é também ressignificado para esse contexto de vida. Como fica claro na fala da entrevistada 18:

Atualmente é a razão pela qual eu estou viva, né? Eu já tive alguns outros motivos antes pra viver, mas **hoje em dia o que me move mesmo, na vida assim, são as viagens, é o que eu priorizo é em torno disso que eu determino todo o resto. Em outros momentos, eu já priorizei outras coisas**, que eu priorizei a carreira, que eu priorizei o casamento e teve as fases que eu priorizei os amigos também, né? Eu passei muito tempo morando, por exemplo, em Floripa, porque eu gostava da ilha e porque eu tinha muitos amigos lá, isso acabava me entretendo e aí eu não tinha muita vontade de sair de lá. **Mas atualmente, que eu estou na estrada de novo, é muito difícil parar de viajar por algum outro motivo. Eu sempre deixo os outros motivos pra depois e sigo viajando, que é o mais importante que eu estou fazendo agora [E18]**.

Adquirir algo que lhe traga significado ou compense de certo modo a angústia em que vive, são desejos comuns do indivíduo pertencente a sociedade moderna e líquida. Mas as experiências significativas de viajar, conhecer lugares novos lugares, viver aventuras, sair da rotina, pode substituir o desejo pela apropriação de bens materiais em que almeja a sociedade moderna. Aqui mais valem as experiencias, que são continuamente ressignificadas e trazidas para o momento de vida e para o momento que está sendo vivido. Como nas palavras do entrevistado 13:

Eh eu sempre tive essa coisa de liberdade muito forte e eu sempre tive essa consciência de que, eu acho que a gente tem pouco tempo pra realmente aproveitar o que a gente quer, então acaba que essa ideia de mochilar é uma maneira de eu tentar me conectar mais com o que eu acho que é realmente importante pra mim, na minha vida, Porque eu nunca tive essa conexão, por exemplo, com o consumo, e aí **a mochilagem acaba sendo uma maneira de eu me conectar comigo,** aqui, eu não me sinto me encaixar nesse padrão social atual, que é super marketing consumo, capitalismo em geral [E13].

Produtividade

Como já discutido, nas carreiras sustentáveis a produtividade é sinônimo de bom desempenho no trabalho, se houver vínculo empregatício e/ou alta empregabilidade ou potencial de carreira (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018; MÜLLER; SCHEFFER, 2020). Nesse caso, a produtividade refere-se ao número de viagens realizadas, bem como as experiências e os aprendizados que compõem a sua bagagem, ou a sua mochila, gerando um bom desempenho na sua trajetória de viajante.

A empregabilidade ainda é um item indispensável para a sustentabilidade dessa carreira, na medida em que quanto maior a mobilidade geográfica de um mochileiro, como é o caso de um mochileiro profissional, maior deverá ser a sua capacidade de conseguir uma vaga de emprego, visto que a necessidade de rotatividade desse trabalhador é grande e ele vive num eterno vínculo empregatício que é feito, desfeito e refeito, condição necessária como forma de sustento, mesmo que refira-se apenas ao necessário, para sobreviver e custear as despesas de suas viagens.

As já citadas competências desenvolvidas por eles, como a facilidade de readaptação, adquirida através dos famosos “perrengues” contribuem para que essa carreira tenha andamento, pois todas as mudanças exigirão uma nova casa, novo emprego ou ocupação, novo ciclo social, nova rotina, tudo novo de novo. Aliás, os perrengues, apesar de curiosos e as vezes assustadores são essenciais para essa carreira, afinal eles trazem os aprendizados, tal qual apontado pelos mochileiros entrevistados. A aprendizagem dinâmica também destacada como fundamental dentro das carreiras sustentáveis, tem uma significativa contribuição para a continuidade de uma carreira como as dos mochileiros.

Nomadismo digital e trabalho voluntário são dois tipos de trabalho que podem trazer contribuição para a carreira em questão, na medida em que, o primeiro permite que o mochileiro não precise abrir mão de ter um plano de carreira/trabalho a longo prazo na mesma área de atuação; já a segunda auxilia ao possibilitar trocar hospedagem e alimentação pela força de trabalho. Há, assim, redução de custos das viagens, uma das características primordiais desse estilo de viagem, além de facilitar o ingresso nessa carreira.

Saúde

De acordo com as carreiras sustentáveis, a saúde abrange as capacidades físicas e mentais dos indivíduos ao longo de suas carreiras, que podem se manifestar de forma específica para cada ocupação e período de vida (DE VOS; VAN DER HEIJDEN; AKKERMANS, 2018; MÜLLER; SCHEFFER, 2020). Esse é o elemento, que merece maior destaque nessa carreira, pois manter um bom psicológico, uma boa alimentação e um bom condicionamento físico são essenciais para a continuidade dessa carreira.

O envelhecimento natural seria algo que pode contribuir negativamente para a sustentabilidade dessa carreira ao longo do tempo. Com o passar do tempo, são relatadas preocupações na medida em que o indivíduo não terá mais as mesmas condições físicas, e necessitará mais de conforto para hospedar-se e locomover-se, o que acaba por fazer o orçamento da viagem ficar mais caro. O carregamento das “mochilas” também é mencionado, na medida em que terá que ser reavaliado em função do peso, e implica também em não fazer trilhas muito longas. Como relatado pelo E5:

Por isso que eu quero ter conforto, entendeu? Por isso que eu preciso trabalhar e ter dinheiro, **porque eu não vou ficar mochilando com uma mochila nas costas com cinquenta e cinco anos, escalando uma montanha, talvez eu escale uma montanha, mas não com uma mochila nas minhas costas e não sem uma boa de uma cama me esperando lá embaixo.** O negócio é aproveitar agora, enquanto eu sou jovem e fazer a roda girar até o ponto que eu possa ficar tranquilo, **porque eu quero continuar viajando, isso é certo, só que com certeza vai mudar o estilo, porque meu corpo não vai ter mais essa disposição e nem eu vou ter mais a mesma paciência que eu tenho agora.** Eu já estou perdendo a paciência para muita coisa, então só imagino lá na frente [E5].

O adoecer durante a viagem é considerado uma possibilidade e algo que aparece através dos tempos. Entretanto, não é algo que torna impeditiva a mochilagem, nem algo que é considerado pelos entrevistados. Pelo contrário ela apenas exigirá uma readaptação nas formas de viagem, como em uma hospedagem mais confortável, alimentação mais saudável, e até uma mudança no meio de transporte, como no caso de ciclo viajantes, os quais dependem exclusivamente de seu corpo para o deslocamento.

Em contraponto, o desapego a bens materiais aparece como um item que contribui para continuação dessa carreira, pois além do indivíduo diminuir cada vez mais os gastos, diminuirá gradativamente a necessidade de bens materiais tidos por ele como essenciais, e por consequência constituinte de sua “mochila”.

Segurança é um item com uma distinção de gênero bem interessante, pois apenas as mulheres relataram situações de insegurança e o quanto cuidados nesse quesito podem ser necessários. Na opinião dos homens, esse não é um item relevante, aparecendo como indiferente.

Saúde, na teoria das carreiras sustentáveis, fala também de um equilíbrio vida-trabalho e de um ajuste entre demandas dessa carreira e possibilidades, a carreira de mochileiros o trabalho tem como principal objetivo fornecer o orçamento necessário para a sobrevivência do indivíduo e a continuação de sua viagem. Mas nota-se que durante sua trajetória, o mochileiro amplia sua visão de possibilidades, ao sair de sua zona de conforto e aumentar o seu leque de experimentações nas mais diversas áreas de atuação, descobrindo juntamente com o autoconhecimento, o real significado do trabalho para a sua vida.

4.5. DISCUSSÃO: PODERÍAMOS FALAR EM UMA CARREIRA SUSTENTÁVEL?

Para pensar a sustentabilidade das carreiras de mochileiros, temos o indivíduo (**agência**) como o centro do modelo, que está em constante interação com o contexto (**espaço social**), produzindo **sentido** dentro de uma perspectiva de **tempo** (DE VOS; VAN DER HEIJDEN, 2017). Dessa interação, surgem mudanças que fazem com que o indivíduo possa desenvolver uma maior proatividade e adaptabilidade, aspectos essenciais para se alcançar a sustentabilidade de uma carreira (DE VOS, VAN DER HEIJDEN, AKKERMANS, 2020). “A sustentabilidade das carreiras seria

alcançada a partir do ajuste dinâmico indivíduo/carreira a partir de experiências diversas que garantam o equilíbrio entre esses indicadores (MULLER, SCHEFER, 2020, p. 13)”. Para facilitar a visualização dos resultados encontrados de acordo com a sustentabilidade da carreira dos mochileiros, foi criado o quadro 19.

Quadro 19 - Discussões em relação a sustentabilidade da carreira de mochileiros

Sustentabilidade		
Dimensões	Agência	O mochileiro é o dono e toma todas as decisões sobre a sua carreira
	Sentido	A “mochilagem” dá sentido à sua vida
	Tempo	Passado: Boas lembranças e aprendizados
		Presente: O agora é o mais importante
		Futuro: Incerto e imprevisível
		Continuidade: Vistos, passaportes e envelhecimento natural
	Contextos	Ultrapassar fronteiras
		Mobilidade (lugares)
		Trabalho
		Tempo
Tipo de mochileiro		
Transições	Movimentações feitas pelo indivíduo durante a carreira	Trabalho
		Transporte

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A carreira dos mochileiros é uma carreira rica de possibilidades para o desenvolvimento dessas características, inclusive como condição para sua continuidade. Vimos nos relatos como são os próprios sujeitos (**agência**) que assumem os planos, a organização, o desenvolvimento da viagem, os ajustes que se tornam necessário, como eles refletem sobre as viagens e o que trazem para sua vida a partir de cada aprendizado.

Segundo De Vos, Van der Heijden e Akkermans (2020) nas carreiras sustentáveis o **tempo** é analisado conforme as posições e experiências que vão evoluindo, ou permanecendo estáveis. Ainda segundo os autores, ter um significado (sentido) para a sua carreira e saber o que e quem é importante para ela, faz com que o indivíduo possua um maior comprometimento. Embora as necessidades e valores de cada pessoa tendem a variar conforme o andamento da carreira, é possível identificar pontos cruciais que vão influir na maioria das decisões do indivíduo.

Ao se adaptarem as mudanças (eventos positivos e negativos), os indivíduos podem identificar oportunidades de “aprendizagem dinâmica” ao longo do tempo (DE VOS, VAN DER HEIJDEN, AKKERMANS, 2020). Sendo assim, a sustentabilidade das carreiras necessita proteger e promover, e não esgotar, o desenvolvimento pessoal e de carreira (GREENHAUS, KOSSEK, 2014; NEWMAN, 2011; VAN DER HEIJDEN, DE VOS, 2015) através de um ajuste indivíduo-carreira ao longo do tempo.

Na visão dos próprios mochileiros, a cada vivência/experiência surgem reflexões sobre os significados dos acontecimentos, inclusive de identificar o **sentido** daquilo que foi vivido. O entrevistado 3 deixa claro essa perspectiva em sua fala ao ser indagado sobre os itens necessários para compor a sua mochila:

Um diário, eu acho que escrever a respeito da própria experiência te faz retornar e refletir. **Eu não acho que a gente aprende só com a experiência, a gente aprende com a reflexão da experiência,** então, de um ponto de vista pessoal, o diário sempre tem que estar na minha mochila [E3].

Já que “o “sentido” atribuído às carreiras é, em si mesmo, fundamental ao conceito de carreira sustentável, remetendo às particularidades de cada “indivíduo” considerado no que se refere aos critérios subjetivos de sucesso” (MULLER E SCHEFFER, 2020, pg. 12), faz se necessário discutir essa dimensão “sentido” na perspectiva dos próprios mochileiros. O sentido de viver de um mochileiro é a própria mochilagem, está além da sensação de liberdade que esse estilo de viagem proporciona, está na emoção de conhecer novas culturas, novos lugares, desafiar-se, aprender, explorar e experimentar. Para eles, as vivências experienciadas durante todo o processo das viagens (antes, durante e depois), é o que dão sentido a sua trajetória de vida enquanto carreira.

Também é uma forma de sair da rotina, liberar o estresse que o dia a dia traz, **“para mim é um estilo de vida, é tu não se prender, é tu poder fazer o que tu tem vontade, conhecer lugares e tu poder ter uma vida mais tranquila, sem muito estresse de obrigações [E1]”**. Ou ainda está diretamente relacionado a vivência da cultura local (lugares, comidas, idioma, valores, hábitos, etc...). De acordo com o entrevistado 14:

Olha eu considero uma maneira de viajar vivendo os lugares, né? Não somente aquele dia, aquela viagem turismo mesmo, que cê vai nos lugares muito famosos e tal, eu gosto de interagir com o que tem no local, né? Enturmar, vamos dizer assim, com as realidades locais,

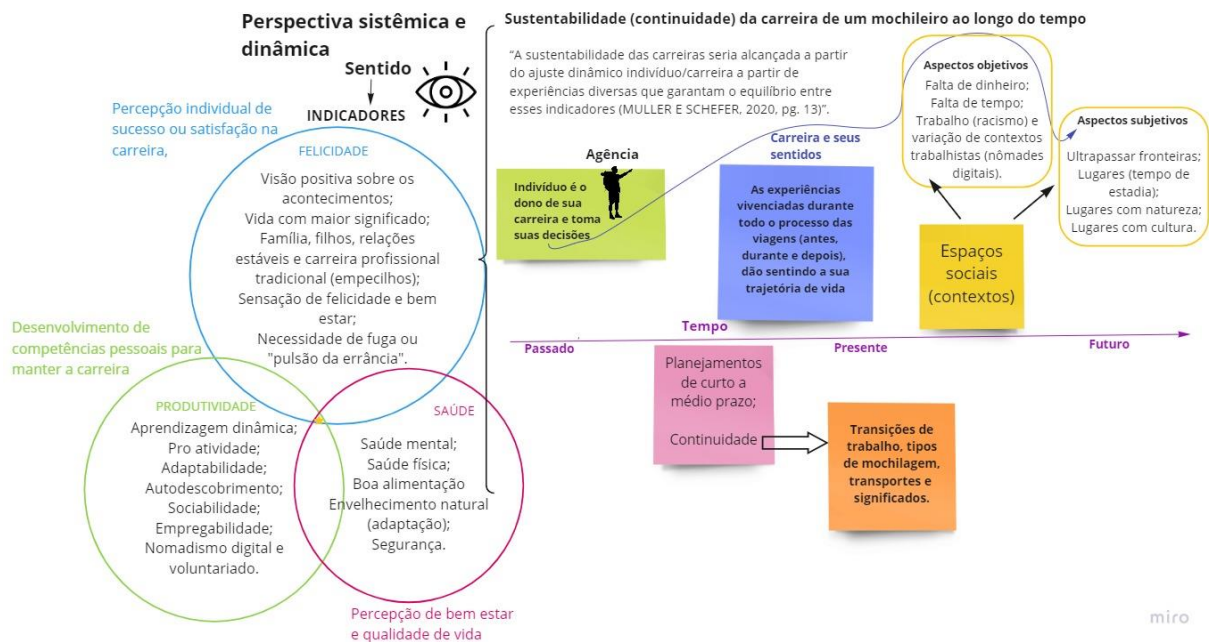
vivenciar as coisas locais, né? Então, acho que uma grande diferença entre um mochileiro e assim, outro tipo de turista. É isso, né? **Querer descobrir como que é o modelo de vida local**, as coisas que acontecem no dia a dia, né? Comer comidas locais, explorar lugares locais, que normalmente não são tão turísticas, mas tem coisas interessantes, né? Eu vejo um pouco por aí, **é um modo de viagem mais independente e que te possibilita estar em contato direto com as pessoas, os lugares, né? Conhecer a cultura, conhecer o dia a dia, até mesmo da daqueles locais, né?** É por aí que eu vejo a mochilagem [E14].

Entretanto, para conseguir acessar a realidade local, é necessário um tempo maior de convívio, por isso mochileiros a curto prazo, tem maior dificuldade de se inserir com os locais. Para se inserir no local, o ideal é morar, por pelo menos alguns meses e em cidades mais tradicionais, como as do interior, onde a cultura tradicional ainda é mais preservada, para experienciar a vivência diária das pessoas moradoras do local. E a vivência se encontra nos detalhes, como ir ao super mercado fazer compras, conviver com colegas de trabalho, e até mesmo construir uma amizade mais íntima. Como coloca o entrevistado 19:

Acho que depende muito do tempo também, quanto tempo você fica, porque geralmente se você fica pouco tempo, uma semana e etc... você vai querer ver as coisas principais, **a cultura do lugar leva um tempinho pra você capitar, então, de conhecer a história, de conversar com gente local, de coisas tradicionais. Na minha opinião o tempo é crucial, o lugar também**, uma coisa é eu ficar em Budapeste, que é a principal cidade da Hungria, é a mais turística, outra coisa é eu ficar na vila, lá na Hungria, que não brota uma alma viva turística lá. Então, **se vai ter uma concepção do país completamente diferente**. Do que que é o social, do que que é o cultural, isso tudo muda. Varia muito isso, o tempo e o lugar que você vai ficar. **Quanto menos turístico, mais cultural, na minha opinião** [E19].

A partir desse resgate do referencial teórico, a intenção nesse tópico é discutir como as carreiras de mochileiros até então analisadas relacionam-se com os entendimentos sobre uma carreira mais sustentável. Para facilitar, foi construída uma imagem (Figura 6).

Figura 6 - Relação das carreiras de mochileiros com carreira sustentável



Fonte: Elaborado pela autora, a partir De Vos et. al e Muller e Scheffer (2020).

O tempo, que é uma das dimensões da carreira sustentável é ressignificado continuamente. Para os entrevistados, **“o tempo é o bem mais precioso que tu tem na tua vida, é o tempo, e se o tempo passa, a vida passa, e tudo passa, e tu morre e não fez nada, e acabou [E11]”**. Sendo assim, eles acreditam que o tempo bem aproveitado é agregando experiências através das viagens, **“o fato de viajar para mim é aproveitar cada momento. O fato de querer viajar, o fato de estar sempre em diferentes lugares, para mim, isso é aproveitar o momento [E1]”**.

Por isso, é necessário realizar um planejamento a curto prazo, pois aqui o tempo também pode ser considerado um recurso necessário para que a carreira do mochileiro continue, segundo o entrevistado 14:

É necessário fazer um pequeno planejamento, como eu sempre digo e os mochileiros em geral falam que **a gente precisa de três coisas pra mochilar, né? Que é tempo, um pouco de recurso financeiro, né? E saúde, né?** Disposição para estar explorando os lugares. Então, **é preciso exatamente juntar essas três coisas no mesmo momento**. Então, reservar um certo dinheiro, procurar comprar uma passagem, com uma certa antecedência, fazer um plano assim de chegar de saída da região, que cê tá indo e eu costumo deixar o roteiro um pouco mais flexível, né? Então, depende muito do destino, às vezes é questão de visto, te limita também pra explorar mais o lugar, né? Acaba ficando menos tempo e bom, mas basicamente isso, tem um pouco de, assim, reservar um pouco de

dinheiro, né? De alguma maneira e economizando, já focando em temporada baixa no destino que é interessante, pra reduzir os custos, né? E isso, organização, **tempo disponível**, né? Cê tem que achar um tempo nas suas férias ou agenda, não sei. E tá disposto, né, encarar nem sempre viajar de mochila é tão, assim, tem que carregar a mochila e tem que fazer toda, né, a exploração até muitas vezes, entendeu? É por aí. É. **Planejamento de curto, médio prazo assim pra viagem [E14].**

O tempo é um recurso tão importante, que além de necessário para que a viagem ocorra, pode ser uma moeda de troca em relação ao orçamento, pois ter mais tempo, permite ao mochileiro, escolher a época da viagem com passagens mais baratas, normalmente fora de temporada dos demais turistas. Normalmente pessoas que trabalham muito, possuem uma renda maior, mais dinheiro, entretanto dispõem de pouco tempo para o lazer e demais âmbitos da vida, já que estão dedicando grande parte do seu tempo ao trabalho. Já aqueles que não trabalham ou que trabalham menos, tendem a ter uma renda financeira menor, mas possuem tempo para dedicar as coisas que gostam de fazer. Ser um nômade digital permitiu que o entrevistado 13 unisse esses dois recursos, tempo e dinheiro, como nas palavras dele:

O fato de eu trabalhar com pela internet facilita muito, né? Porque, eu não tenho as principais preocupações do pessoal que viaja, que são é a fonte de renda, que eu continuo trabalhando e também assim, eu não costumo me preocupar como planejar o tempo, porque eu acho que em geral ou você tem dinheiro ou você tem tempo, né? Quando você está viajando, porque se você tem muito tempo, você pode fazer a viagem mais econômicas possíveis, transportes mais lentos e visitar os lugares a pé, quem não tem tempo normalmente acaba gastando mais, porque quer fazer tudo rápido, aluga carro, eh pega pacote. Então, eu tenho a vantagem do tempo, que por trabalhar aqui, então, eu não preciso ter pressa, só o que eu preciso, no máximo, é respeitar o período do meu visto. Então, eu posso ficar o tempo que eu quiser, então acaba que é muito fácil planejar assim, é que em geral, a gente nem planeja tanto, a gente tem uma ideia mais ou menos o que a gente quer fazer, mas a gente vai sempre olhando, onde está com preço razoável, os lugares que a gente gosta. Por exemplo, a gente agora tava na Espanha e a gente ia direto pra Paris e ia viajar pela França. E aí a gente tava saindo de Barcelona, tava acabando o nosso período lá, a gente já ia pra França e a gente olhou e tava barato vir pra Portugal, que não tava nos planos. Ela falou ah, então vamos. E aí a gente veio pra cá, é uma flexibilidade que a gente tem, graças ao trabalho também, né? Porque a gente tem poucos períodos pré-determinados, de estar em tal lugar, em tal data. Então, fica mais fácil que a gente não precisa planejar tanto assim, a gente tem algumas datas. [E13].

O tempo da viagem também pode ser predeterminado pelo visto que um estrangeiro tem direito a ficar em determinado país, tempo que pode ser prorrogado com algumas condições e facilitado com o acúmulo de nacionalidades. As barreiras com os vistos, também podem diminuir conforme o acúmulo de viagens registradas no passaporte, que dão uma maior credibilidade ao viajante, como colocado pelo entrevistado 14:

[...] o pessoal às vezes quer que você pague um pouco além do valor do visto, então, são problemas que surgem, mas de acordo com o que você vai viajando também, o teu próprio passaporte fica teus dados ficam armazenado naquele seu chip do passaporte, né? Então, conforme você vai viajando e tendo mais carimbos virtualmente, as pessoas veem os carimbos né? Menos exigências ou menos barreiras eles vão te impor, então por exemplo, se eu chego outras vezes na Europa, quando eu chego agora lá, a gente já sabe quando eles põem o passaporte naquele scanner, já sai toda a sua ficha corrida lá né? Se você fez alguma coisa errada em algum lugar, vai aparecer lá e aí a barreira pode surgir né? Então, até agora eu estou com uma ficha limpa, vamos dizer assim, nunca passei por um problema muito grave de barreira, fronteira assim, inclusive teve uma vez bem interessante, que da fronteira mais recentemente agora, dois mil e dezessete, Quênia pra Uganda, aí eu pedi pra pagar o visto na hora e a pessoa pode carimbar o visto de trinta até noventa dias, o fiscal. Daí ele fez uma pergunta quanto tempo eu ia ficar. Eu falei ah por volta de três a quatro semanas, daria um mês de visto né? Daí ele falou: não, vou te dar três meses de visto, porque eu sei que você vai querer ficar mais tempo aqui. Então, foi a surpresa ao contrário. O cara queria que eu ficasse lá mais do que eu pretendia, né [E14]?

A dimensão do tempo também é considerada um fator intra-individual, ao ser analisado sobre as perspectivas temporais de passado, presente e futuro, como na pesquisa de dinâmica de carreira (LEVINSON, 1984,1986; SUPER, 1957). Ainda de acordo com Super (1957), a dinâmica das carreiras pode se referir ao processo de desenvolvimento dentro de um emprego ou posição ao longo do tempo e também aos empregos e posições ao longo do ciclo de vida individual. A carreira sustentável, então, pode ser um parâmetro relevante para descrever uma carreira conforme ela vai desenvolvendo-se ao longo do tempo. Entretanto, a carreira sustentável não é um estado final, pois o grau de sustentabilidade altera-se conforme o desempenho do indivíduo durante a sua trajetória, onde a sustentabilidade pode ser maior no início de uma carreira e ir diminuindo ao passar dos anos, ou mesmo ao contrário, quando uma carreira pode iniciar pouco sustentável e sofrer um progresso, tornando-se super sustentável (DE VOS, VAN DER HEIDJEN, AKKERMANS, 2020).

Ainda de acordo com Savickas (2005), a carreira pode ser considerada resultado de uma construção subjetiva que envolve designar um significado pessoal a memórias passadas, experiências presentes, e aspirações futuras. Por isso, vale avaliar a sustentabilidade da carreira dos mochileiros e o sentido atribuído aos acontecimentos de cada espaço temporal (passado, presente e futuro).

Passado

O passado é sinônimo de aprendizados e boas lembranças, que eles vão levar para a sua vida, mas eles não são pessoas muito nostálgicas, ou apegadas ao que viveram e a quem conheceram. Entendem que o passado é algo que já trouxe o que poderia acrescentar, em formas de experiências vividas, mas que é algo que não pode ser retornado. Além disso, eles nem desejam retornar ao passado e excluir as dificuldades, os momentos ruins que passaram ou pessoas desagradáveis que conheceram, eles ressignificam os “perrengues” passados como aprendizagem dinâmica, que pode ser utilizada no presente e futuro, e que auxiliaram na construção de um desenvolvimento enquanto mochileiro dentro de sua carreira.

As memórias, lembranças, vivências, momentos especiais, locais visitados e todas as recordações são descritas com muito entusiasmo e carinho, são sinônimos de riqueza para eles, substituem o lugar da apropriação de bens materiais, que muitos dos indivíduos pertencentes a sociedade moderna empenham-se em conquistar. A saudade é um sentimento que os acompanha eternamente nessa carreira, mas como sinônimo de gratidão e não de nostalgia, pois entendem que sentimos saudades de coisas boas que vivemos, e só o fato de ter tido a oportunidade de vivenciar esses momentos, já é algo a ser celebrado.

Experiências são experiências, sejam elas boas ou ruins, que corroboram para a construção desse indivíduo enquanto mochileiro. A visão positiva sobre os acontecimentos se deve a todo o significado que essa carreira de mochileiro tem para o indivíduo, remetendo a algo necessário para a construção da sustentabilidade de uma carreira.

Presente

É claro que todos eles passam por vivências ruins, que os fazem se questionar sobre a suas escolhas, como a tentação de fixar-se, **“querer ficar em algum lugar,**

como Florianópolis mesmo, estou altamente tentado a ficar aqui. Então, querer ficar em um lugar e não mochilar mais. A maior dificuldade é essa [E15]”, a solidão, [...] mas continuar viajando sozinho, é solidão assim né tipo isso, vai testar bastante a mente assim né, você começa a ficar mais retraído e tipo você começa a ir se desestimulado de continuar viajando né [E12]?, falta de rotina e a sensação de segurança, “**Eu fico tão livre que eu não me sinto útil, por exemplo. Né? As pessoas trabalham, têm objetivos, têm a rotina. E eu tenho que criar a minha rotina, porque se eu não crio a minha rotina eu sigo perdido [E19]”**”.

Mochileiros dão muito valor ao presente, mais do que ao futuro, pois eles têm a consciência de que, o agora é algo certo, o futuro é algo muito imprevisível, que pode nem chegar. Sendo assim, eles desejam aproveitar o momento, o seu tempo de agora, vivenciando os seus desejos de explorar o mundo, acumulando experiências que para eles, já dão o significado necessário para a sua existência.

Eu decidi realizar algo que futuramente não vou dizer, cara, eu poderia ter feito, eu gostaria. Eu prefiro dizer eu fui, quebrei a cara, mas eu fiz. Eu fiz, eu fiz. Sabe não, e o lá no México, como que deve ser? Não, não tenho na minha mente, eu vou lhe dizer como é, não, é assim ó, eu estava lá! É muito massa isso [E15]!

Futuro

Mochileiros não tendem a fazer planejamento a longo prazo, somente de curto a médio prazo, isso, porque na visão deles, planejar demais, é sinônimo de perder as oportunidades que a imprevisibilidade oferece. Essa ideia aparece tanto nos planejamentos das viagens (roteiros, orçamento e tempo), como na vida de uma forma geral. A única certeza que eles têm, é a de que querem que a mochilagem continue ao longo de sua vida, talvez com algumas readaptações necessárias. Como a afirmação do entrevistado 17:

Não, eu não tenho essa coisa assim, essa visão de longo prazo, a minha visão de longo prazo é simplesmente continuar viajando, é o único objetivo que eu tenho claro pra mim, é que eu quero continuar viajando, para onde, o lugar para mim importa de certa forma, se eu pensar que eu quero ir num lugar que eu não vá correr muito risco. Fora isso, eu quero conhecer o máximo de lugares possíveis. Tendo a oportunidade, eu vou [E17]!

Quando questionados sobre o futuro, muitos acreditam estar sendo contemplados com as escolhas e rumos que tomaram suas vidas, que é o caso dos

mochileiros que já conseguiram equilibrar os âmbitos de suas vidas (trabalho, tempo, recursos financeiros), ou seja, já conseguiram alinhar os outros âmbitos de sua vida (pessoa) a suas viagens (carreira). Por isso, há uma preocupação em manter os recursos necessário para a continuidade dessa carreira (DOCHERTY et al., 2009). Como expõe o entrevistado 13:

É eu acho que, eu tenho orgulho e privilégio de falar, que eu estou vivendo o tipo de vida que é o meu futuro que eu gostaria de ter, né? Então, eh eu acho que tudo até aqui, me trouxe a esse ponto e **eu só tento fazer uma manutenção disso, pra poder manter assim daqui pra frente.** Então, acho que eu já estou assim, num lugar que eu **estou muito satisfeito como a minha vida está** [E13].

Tempo também é uma dimensão que fala de continuidades, mas também de mudanças, adaptações, transições, aspectos que foram aqui trazidos e que serão retomados um pouco mais adiante.

Por fim, os **contextos/espacos sociais** revelam muito das características dessa carreira de mochileiros, contextos que se modificam e que representam fronteiras transpostas. Os indivíduos sofrem influência e são influenciados pelos contextos em que se imergem ao longo de sua carreira. Sendo assim, os lugares que os mochileiros buscam em suas viagens, são repletos de belas paisagens e recursos da natureza, pois afinal, muitos querem sair da rotina, como os mochileiros de curto prazo, que só fazem a mochilagem em suas folgas do dia a dia, onde eles não costumam ter muito contato com a natureza. A natureza permite desestressar-se, oferece uma sensação de paz e descanso. Lugares ricos em cultura, tanto no país de origem quanto no exterior, um dos principais objetivos na escolha do local de viagem, é a história e o aprendizado que o local oferece, por isso, escolhem sempre por lugares onde a cultura ainda é mais preservada, como cidades do interior, e também, onde a cultura é mais excêntrica e diferente do seu local de origem. Essa busca por cultura nos remete novamente a aprendizagem dinâmica.

Outro contexto que é muito discutido nas carreiras sustentáveis e que aqui também deve ser levantado, é o do trabalho. Apesar do trabalho não ser a sua carreira, ele a compõe, e os contextos trabalhistas são de grande importância em uma sociedade capitalista. Sendo assim, o racismo sofrido pela entrevistada 6 e o entrevistado 12, pertencentes ao grupo de mochileiros com a vida em crise, destaca um contexto trabalhista discriminatório, já que ambos destacam a insatisfação com a vida, por também estarem desempregados ao iniciarem a mochilagem.

A mochilagem também é uma forma de ultrapassar fronteiras e de acessar locais, por vezes, tidos como inalcançáveis pelos entrevistados. Nessa perspectiva, viajar significa ampliar as suas possibilidades, explorando novos horizontes, onde cada lugar oferece algo novo. De fato, essa é uma carreira “sem fronteiras”. E também pode ser uma forma de variar contextos de trabalho, para aqueles que são nômades digitais ou que conseguem trabalhar viajando, através de cursos, congressos para os que são docentes e mais variadas formas de projetos de trabalho existentes na atualidade. Como a mochileira, nômade digital e entrevistada 2, coloca:

Na verdade, um sonho de viajar que vem de muito tempo, e sempre com aquela coisa que: “Ah viajar é muito caro, viajar a gente não tem condições pra isso!” Os pais sempre cortando e falando: “Um dia se vai, um dia você vai ter dinheiro e você vai... e sempre ficou em mim esse sonho! E eu não me contentava com isso, que eu precisava mesmo de tanto dinheiro para viajar, né? Aí eu comecei a ficar pensando o que eu poderia fazer e lá em 2018, quando eu já tava na faculdade, eu tive um, sei lá, veio um insight, veio uma psicologia itinerante na minha cabeça, e eu não sabia o que era ainda, mas em algum momento eu ia descobrir o que era. E aí ao longo do tempo eu fui entendendo que essa psicologia itinerante, que parecia que veio um aviso assim, seria talvez esse nomadismo, uma maneira de levar a minha a profissão, continuar ganhando dinheiro, e conhecendo os lugares, conhecendo pessoas [E2].

Os contextos podem interferir no tempo que mochileiro resolve ficar em cada lugar, fazendo com que altere seus planos de viagem, tanto por se sentir mal e insatisfeito em algum lugar e decidir antecipar sua partida, como ao contrário, gostar tanto do local, e acabar adiando sua partida.

Para enriquecer essas reflexões, colocam-se mais algumas questões: quais as consequências dessa carreira que tem a mobilidade como elemento central? Pergunta esta que traz implícitos questionamentos que levam para além da mobilidade física: O que muda para o sujeito? Como muda? O presente trabalho traz contribuições nesse sentido ao discutir os motivos, as experiências e como esses aspectos se entrelaçam nos diversos âmbitos da vida do indivíduo. Nessa compreensão, as vivências e os significados atribuídos permitem olhar para a sustentabilidade das carreiras dos mochileiros.

Muitos requisitos básicos exigidos pelo indivíduo para manter uma carreira sustentável são encontradas e desenvolvidas durante a trajetória como um todo, pelos mochileiros. Obviamente, são encontrados acontecimentos, objetivos e subjetivos durante o percurso, e o seu entendimento e as escolhas realizadas é que vão definir

se a carreira vai sofrer uma transição, continuar ou se encerrar. Muitos elementos das carreiras sustentáveis são contemplados e vivenciados pelos mochileiros de uma forma positiva, o que contribui para que a carreira possa ter continuidade através dos tempos.

Assim, nessas carreiras destacam-se ainda as transições realizadas no sentido de tonar as carreiras contínuas. Segundo o entendimento de Ibarra (1999), considera-se transição de carreira, movimentações feitas pelo indivíduo durante a sua carreira, que exigem dele uma mudança de papel profissional e uma redefinição de sua identidade. Essas transições oferecem ao indivíduo uma oportunidade de se reinventar, amadurecer e se transformar, alcançando uma maior realização pessoal. Entretanto, mudar é um grande desafio, e uma transição de carreira, exigem mudar a rotina, comportamentos, relacionamentos (IBARRA, 2004; SCHLOSSBERG et al., 2006), como é o caso da entrevistada 10, que reavalia a sua carreira como profissional mochileira, após ter um filho:

Eu acho que hoje eu busco um pouco mais de estabilidade assim, por causa do meu filho e tal. Mas eu sei que não é uma coisa que... eu vou querer ficar tipo dez anos aqui, sabe? Eu vou ter vontade de ir pra outro lugar, assim, não sei explicar é uma coisa muito... ah eu preciso me movimentar, tá? Não tá mais legal aqui, sabe? Eu já cansei de ver minha casa, já cansei de ver os vizinhos, preciso fazer uma coisa diferente, eu acho que vai ser também, vai ser uma mudança, não tão rápida assim, não vai ser uma duração tão curta de um lugar pra outro, né? **Pode ser que eu fique aqui mais uns anos, daqui a pouco eu vou pra um outro lugar, fique mais alguns anos, daqui um pouco, depois fique mais alguns anos, não vai eu acho que não vai ser, não vou deixar de me mudar ou de viajar, mas também não vai ser uma coisa tão... acho que é uma coisa mais... mais não temporária, sabe [E10]?**

Essas, e outras transições, tornam-se necessárias ao longo do tempo ao se considerar a sustentabilidade de uma carreira. Transições de fronteiras, de espaços/contextos, de necessidades e objetivos, de significados, de tecnologia, de transportes, de trabalho e tantas outras. Inúmeras transições que afetam as carreiras dos mochileiros. A entrevistada 1 também sofre uma transição de carreira e conseqüentemente de trabalho, depois de muitos anos mochilando profissionalmente, mudando-se constantemente, ela planeja estabilizar-se na Inglaterra, já que possui passaporte Italiano, casou-se e considera o país um local estratégico para manter uma mobilidade geográfica eventual, a partir de agora, planeja mochilar apenas nas folgas, feriados e nas férias, nas palavras dela:

Quando eu era mais nova, normalmente quando eu ia visitar algum lugar, eu já ficava para morar. Hoje em dia não, hoje em dia já estou com uma cabeça diferente, então, eu gosto muito de onde eu moro, eu não pretendo sair daqui por enquanto. Tanto que a Inglaterra é um lugar que eu considero que é bem localizado no mundo, que tu consegue viajar para vários países, então, **eu gosto de onde estou, pela localização também que influencia e pela moeda daqui do país que eu moro ser muito alta**, me facilita de guardar mais dinheiro em menos tempo, porque qualquer lugar que eu vou, tanto pro Brasil quanto para a Europa ou Estados Unidos, a minha moeda vale mais, então, **é mais fácil de guardar dinheiro, mais rápido e eu poder viajar**. Então, eu considero que o lugar que eu estou, para mim **é um lugar estratégico**. Para quem é mochileiro, no caso [E1].

Temos aqui novamente a forma de se adaptar, que passa pela necessidade contínua de abertura, a adaptabilidade de carreira tem sido considerado um quesito importante para o desenvolvimento de uma carreira na atualidade (SAVICKAS E SUPER, 1996; SAVICKAS, 2005; HIRSCHI, HERRMANN, & KELLER, 2015; DE VOS, VAN DER HEIJDEN, AKKERMANS, 2020; MULLER E SCHEFFER, 2020).

Um projeto profissional e um projeto de vida estão muito próximos, como apropriação de significados subjetivos, incumbidos no inconsciente, e que influenciam nas descobertas das possíveis identidades do indivíduo (HALL, 2003; FIALHO, 2017), combinado com as experiências do passado e do presente. Isso acontece pelo tema de vida que a trajetória contem, revelando necessidades e problemas que a pessoa procura resolver ao longo de sua vida, e cuja as soluções são propostas nessas múltiplas identidades que se projetam no futuro.

Nessa perspectiva, discutir a adaptabilidade na carreira de um indivíduo é necessário para mensurar a sustentabilidade dessa carreira, primeiro, porque as competências de carreira, conhecimentos (componentes reflexivos), habilidades (componentes comunicativos) e atitudes (componentes comportamentais), são essenciais dentro de qualquer carreira e permitem ao indivíduo refletir sobre as suas motivações e qualidades, preparando-se para futuras transições de carreira, obter maior sucesso em sua carreira e aumentar o envolvimento em seu trabalho. E em segundo, porque a adaptabilidade de carreira pode ser um recurso psicossocial para lidar com os traumas, transições e tarefas relacionados a carreira (SAVICKAS & PORFELI, 2012), e pode ser também um recurso autorregulador, maleável e transacional permitindo que o indivíduo resolva com sucesso, problemas complexos

e mal definidos ao longo de suas carreiras (HIRSCHI, HERRMANN e KELLER 2015; SAVICKAS & PORFELI, 2012).

Mochileiros tendem a ser indivíduos muito adaptáveis, pois dentro de sua carreira tem uma preocupação com um planejamento de curto a médio prazo, desde a escolha do roteiro, o orçamento financeiro mínimo necessário e tempo de viagem, tem o controle e assumem total responsabilidade pelo desenvolvimento de sua trajetória, são muito curiosos e estão sempre pesquisando e utilizando novas ferramentas (grupos sociais, aplicativos e sites) para aprimorar suas competências como mochileiros e são autoconfiantes, ao ponto de se arriscarem as mais difíceis experiências, acreditando que sempre vão solucionar os “perrengues” e absorver aprendizados de todos eles.

Por fim, para ser um mochileiro, é preciso adaptar-se para os momentos de vida, para as necessidades de trabalho, para a imprevisibilidade das viagens, para as transições de carreiras, para o envelhecimento e as necessidades físicas, para novos roteiros, para filhos, casamentos e até mesmo, gênero e discriminação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal contribuição teórica desse estudo está o olhar sobre a sustentabilidade das carreiras em uma carreira não tradicional. Foi proposto um olhar para uma carreira que é de vida (não apenas de trabalho), onde o trabalho não é a primordial fonte de identidade do indivíduo, dando lugar a todas as experiências significativas adquiridas durante a sua trajetória, com destaque as vivências durante as viagens mochileiras. As dimensões agência, espaço social, sentido e tempo foram trazidas para a análise das carreiras de mochileiros. Sendo assim, cumpriu-se o objetivo geral do estudo, o qual era analisar como a sustentabilidade vai sendo contemplada pelos mochileiros durante a constituição de sua carreira/trajetória de vida de mochilagem.

Quanto aos objetivos específicos, sendo o primeiro de compreender as motivações dos mochileiros para o ingresso e permanência nessa carreira, este foi contemplado ao identificar os cinco tipos de mochileiros (o profissional, de um ano fora, em crise, festeiros e a curto prazo), como sugeridos por O`Reilly (2006). Cada um deles possuía uma motivação inicial para o ingresso na carreira, e em que alguns casos se modificou ao longo da trajetória, gerando transições de carreiras.

Ao apresentar, discutir e cruzar com a teoria, as vivências expostas pelos entrevistados, e entender o sentido que cada uma delas traz para a sua vida, respondeu-se ao segundo objetivo específico, que era analisar quais experiências vão sendo vivenciadas ao longo da carreira dos mochileiros e de que modo impactam na mochilagem, no trabalho e vida desses sujeitos.

E por fim, o terceiro objetivo específico, discutir que elementos favorecem ou não a sustentabilidade das carreiras dos mochileiros, foi respondido ao classificar o entendimento de cada vivência dentro dos elementos proposto pelas carreiras sustentáveis, saúde, produtividade e felicidade. E posteriormente discutindo como estes vão contribuindo ou não ao longo da carreira.

A trajetória de um mochileiro é muito imprevisível, com muitos empecilhos, barreiras, e “perrengues” que vão trazer consigo uma reavaliação de escolhas e, muitas vezes, uma transição dentro da tipologia de mochileiros, exposta por O`Reilly (2006), como discutido durante a pesquisa. Esses acontecimentos podem ser objetivos e subjetivos, e vão depender muito do espaço temporal e espacial em que o

acontecimento ocorre, além, é claro de como o próprio indivíduo vai entender e vivenciar aquela experiência. Nesse sentido, a continuação da carreira do mochileiro vai depender de escolhas, ou do que ele está disposto a abrir mão, como a apropriação de bens materiais, família e filhos (relações duradouras), carreira profissional mais sólida, conforto, segurança etc. Ou também, se conseguir conciliar a mobilidade contínua com esses outros objetivos de vida, que se amplia atualmente com o surgimento de novas possibilidades, como o nomadismo digital, relacionamento mais estável com outro praticante da mobilidade ou mesmo o fato de levar os filhos nas viagens.

Entretanto, para que essa carreira continue ao longo do tempo foram identificadas a necessidade de que o indivíduo possua algumas competências individuais, ou as desenvolva durante o percurso, como a adaptabilidade, a visão positiva sobre os acontecimentos, saber lidar com a nostalgia, desapego aos bens materiais, aos relacionamentos e ao enraizamento, manter e administrar um orçamento financeiro, improvisar e ter um bom relacionamento interpessoal. Essas competências adquiridas ao longo de sua trajetória de carreira como mochileiro, contribuem para o desenvolvimento de sua empregabilidade e trabalhabilidade, na medida em que o mochileiro viverá numa eterna vinculação e desvinculação com o mercado de trabalho, salvo, se for um nômade digital ou se viajar apenas nas folgas, feriados e férias.

Sendo assim, as carreiras de mochileiros podem ser conduzidas ao longo do tempo, a partir de ciclos de aprendizagem e de readaptações contínuas, o que inclusive faz com que se torne mais comum ver mochileiros mais velhos (HECHT, MARTIN, 2006; MARKWARD, 2008; MEYER, COSTANTINO E SPANO, 2017; STEPHANIE, WIJAYA E SEMUEL, 2021; MARTINS, DA COSTA E MOREIRA, 2022) ou que iniciaram a prática somente após a aposentadoria, como relatado por muitos dos entrevistados.

Outra contribuição está na discussão sobre mobilidade no contexto das carreiras. A carreira dos mochileiros tem a mobilidade enquanto condição, mobilidade que é física e também psicológica, pois pressupõe enfrentamentos pessoais e culturais. A própria mobilidade é considerada como elemento constituinte da carreira e da identidade desse grupo, como uma forma de vida. O valor da mobilidade é percebido, especialmente a partir desse momento histórico de transformações e

incertezas que passam a exigir rapidez, adaptação e flexibilidade. A questão das desigualdades produzidas foi também apontada no estudo.

A mobilidade contínua é reconhecida pelos indivíduos como uma forma de “poder” e “status”, como a propriedade de dinheiro, visto e cidadanias, que diferencia os viajantes. A própria visão dos indivíduos sobre a possibilidade de se viajar muito aparece como uma possível mobilidade social.

Nesse estudo, observou-se que essas carreiras são conduzidas por mochileiros de diferentes condições de vida e dirigidas a diferentes contextos, o que abre a refletir para uma carreira possível a muitos. Demonstrando que o grupo de mochileiros atualmente diversificou-se e que a prática se expandiu ainda mais nos últimos tempos.

Como contribuição prática, as reflexões sobre as carreiras dos mochileiros trazem pontos ricos para pensar essa carreira como um todo. A disponibilização do estudo para grupos de mochileiros é vista como algo importante.

O estudo destacou também a diferenciação de gênero nessa carreira, na medida em que se encontram mais homens mochileiros, e, também, nas dificuldades com relação à segurança, vivenciadas apenas pelas mulheres, de acordo com os relatos. Sugere-se o aprofundamento dessa questão em estudos futuros.

A pesquisa ficou mais direcionada aos brasileiros; então, como sugestão de pesquisas futuras seria interessante compor o grupo de entrevistados com estrangeiros oriundos dos mais diversos países. Além disso, seria interessante acompanhar mais detalhadamente, por exemplo através de história de vida, a trajetória de um mochileiro mais velho, que já tenha adquirido várias experiências, entendendo de forma mais aprofundada como cada acontecimento impactou na sua carreira e na sustentabilidade da mesma.

REFERÊNCIAS

ADLER, Judith. **Juventude na Estrada**: Reflexões sobre a História do Bonde. *Annals of Tourism Research*, v. 12, n. 3, p. 335-354, 1985.

AKKERMANS, Jos.; KUBASCH, Stella. **Trending topics in careers**: a review and future research agenda. *Career Development International*, v. 22, n. 6, p. 586-627, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/CDI-08-2017-014>> Acesso em: 22 de abril. 2021.

ANDRESEN, Maike; DICKMANN, Michael; SUUTARI, Vesa. **Typologies of internationally mobile employees**. In: *The management of global careers*. Palgrave Macmillan, Cham, p. 33-61, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo Editorial, 2015.

AOQUI, Cássio. **Desenvolvimento do segmento backpacker no Brasil sob a ótica do marketing de turismo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). São Paulo, USP, 2005.

ARTHUR, Michael B. **The boundaryless career at 20**: where do we stand, and where can we go? *Career Development International*, v. 19, p. 627-640, 2014.

ARTHUR, Michael B. **The boundaryless career**: A new perspective for organizational inquiry. *Journal of organizational behavior*, p. 295-306, 1994. doi: 10.1002/job.4030150402.

ARTHUR, Michael B.; HALL, Douglas T.; LAWRENCE, Barbara S. **Generating new directions in career theory**: The case for a transdisciplinary approach. *Handbook of career theory*, v. 7, p. 25, 1989.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002. (coleção ABC do Turismo).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

BARRETTO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados**: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. *Revista Turismo em análise*, v. 15, n. 2, p. 133-149, 2005.

BARUCH, Yehuda. **Career development in organizations and beyond**: Balancing traditional and contemporary viewpoints. *Human resource management review*, v. 16, n. 2, p. 125-138, 2006.

BARUCH, Yehuda; REIS, Cristina. **How global are boundaryless careers and how boundaryless are global careers?** Challenges and a theoretical perspective. *Thunderbird International Business Review*, v. 58, n. 1, p. 13-27, 2016.

BARUCH, Yehuda; SULLIVAN, Sherry E. **The why, what and how of career research**: a review and recommendations for future study. *Career Development International*, 2022.

BASTOS, Cecilia dos Guimarães. **Turismo e relações interculturais**: uma viagem reflexiva com e sobre turistas independentes. 2006.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Liquid Modernity**. Polity Press: Cambridge, UK, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BENDASSOLLI, Pedro F. **Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira**. *Revista de Administração de Empresas*, v. 49, n. 4, p. 387-400, 2009.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho.** Aparecida: Ideias & Letras, p. 310-310, 2007.

BLUSTEIN, David L. **A relational Theory of Working.** Journal of Vocational Behavior, v. 79, n. 1, p. 1-17, 2011.

BRAIDOTTI, Rosi. **Nomadic subjects: Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory.** Columbia University Press, 1994.

BÜSCHER, Monika. **Vision in motion.** Environment and Planning A, v. 38, n. 2, p. 281-299, 2006.

CHANLAT, Jean-François. **Quais carreiras e para qual sociedade (I)?** Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 6, p. 67-75, 1995.

CIDADE, Eduardo Henrique Assis et al. **O chamado da estrada: modalidades de conhecimento de si, do próximo e do distante entre mochileiros na China e no sudeste asiático.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CIDADE, Eduardo. **Em busca de experiências: o verdadeiro mochileiro é aquele que já passou por vários “perrengues”.** Revista Intratextos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-16, 2012.

COHEN, Erik. **Backpacking: Diversity and change.** Journal of Tourism and Cultural Change, v. 1, n. 2, p. 95-110, 2003. Disponível em: <doi:10.1080/14766820308668162> Acesso em: 13 de jan. 2021.

COHEN, Erik. **Toward a Sociology of International Tourism.** Social Research, v. 39, p. 164-189, 1972.

COOPER, Chris, FLETCHER, John, WANHILL, Stephen, GILBERT, David, SHEPHERD, R. **Turismo, princípios e Prática.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

COSTA, Barbara Regina Lopes. **Bola de neve virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica.** Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 7, n. 1, 2018.

CRESSWELL Tim. **Towards a politics of mobility.** Environment and planning D: society and space, 28, 1: 17-31, 2010.

CRESSWELL, Tim. **On the move: Mobility in the modern western world.** Taylor & Francis, 2006.

CRESSWELL, Tim. **Introduction:** theorizing place. In: Mobilizing Place, Placing Mobility. Brill Rodopi, 2002. p. 11-31, 2002.

CRESSWELL, Tim. **Mobilities II:** still. Progress in Human Geography, v. 36, n. 5, p. 645-653, 2012.

CRESSWELL, Tim. **On the move:** mobility in the modern Western world. New York: Routledge, 2006.

CRESSWELL, Tim; DOROW, Sara; ROSEMAN, Sharon. **Putting mobility theory to work:** Conceptualizing employment-related geographical mobility. Environment and Planning A: Economy and Space, v. 48, n. 9, p. 1787-1803, 2016.

DE LANGE, Annet H.; KOOIJ, Dorien. T. A. M.; VAN DER HEIJDEN, Beatrice. I. J. M. **Human resource management and sustainability at work across the lifespan:** An integrative perspective. Facing the challenges of a multi-age workforce: A use-inspired approach, p. 50-79, 2015.

DE LUCA, Gabriela, ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidnei. **Do Estigma à Arte:** a Carreira do Tatuador no Sul do Brasil. In: Encontro da ANPAD - EnANPAD 2016, Costa do Sauípe. Anais do EnAnpad, 2016. Rio de Janeiro, p. 1-1, 2016.

DE SÁ, Felipe Zaltron; GASTAL, Susana de Araújo. **Mobilidade, imobilidade e a-mobilidade:** para discutir o Turismo em tempos de COVID-19. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, v. 15, n. 1, 2021.

DE VOS, Ans.; VAN DER HEIJDEN, Beatrice. I. J. M.; AKKERMANS, Jos. **Sustainable careers:** Towards a conceptual model. Journal of Vocational Behavior. 2018. Disponível em: <DOI: 10.1016/j.jvb.2018.06.011> Acesso em: 12 de maio. 2021.

DE VOS, Ans; VAN DER HEIJDEN, Beatrice IJM. **Current thinking on contemporary careers:** the key roles of sustainable HRM and sustainability of careers. Current opinion in environmental sustainability, v. 28, p. 41-50, 2017.

DE VOS, Ans; VAN DER HEIJDEN, Beatrice IJM; AKKERMANS, Jos. **Sustainable careers: Towards a conceptual model.** Journal of Vocational Behavior, v. 117, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Capitalisme et schizophrénie.** Paris: Les, 1980.

DOCHERTY, Peter., KIRA, Mari., & SHANI, AB Rami. **What the world needs now is sustainable work systems.** In P. Docherty, M. Kira, & A. B. Shani (Eds.), Creating Sustainable Work Systems. London: Routledge, p. 1–23, 2009.

DOCHERTY, Peter; KIRA, Mari; SHANI, Abraham B. **Creating sustainable work systems.** Abingdon: Routledge, 2009.

FALCÃO CASACA, Sara, **Flexibilidade de Emprego, Novas Temporalidades de Trabalho e Relações de Género** – A reconfiguração da desigualdade nos novos sectores dos serviços, Dissertação de Doutoramento, ISEG-UTL. 2005.

FALCÃO, Denise. **“Mochilar”**: a arte do “eu” por uma prática de lazer. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 59-77, mai./ago. 2015.

FALCÃO, Denise. **Mochilar**: sentidos sociais e pessoais em uma dinâmica de lazer. SESC – Serviço Social do Comércio. In: ENAREL- Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 25., 2013, Ouro Preto-MG; UFMG. Ouro Preto-MG, 2013.

FALCÃO, Denise. **Ser Mochileiro**: uma construção social e pessoal do “mochilar”. Caderno Virtual de Turismo – Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.

FEATHERSTONE, Mike; THRIFT, Nigel; URRY, John. **Cultures of automobility.** Special issue of Theory, Culture and Society, v. 21, p. 1-284, 2004.

FERRARA, Lucrecia D. Alessio. **O turismo dos deslocamentos virtuais.** YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri e CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1999.

FIALHO, Joaquim. **A construção da identidade social e profissional através da ação das redes de sociabilidade laboral.** 2017.

FIGUEIREDO, Silvio. Lima. **Viagens e viajantes.** São Paulo: Annablume, 2010.

FIRMO, Fernando. **San Telmo, Backpackers e outras globalizações.** Cultura - Hombre – Sociedad, Chile, v. 25, n. 2, p. 63-81, 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Artmed. Porto Alegre, p. 207, 2009.

FORRIER, Anneleen; SELS, Luc. **The concept employability: A complex mosaic.** International journal of human resources development and management, v. 3, n. 2, p. 102-124, 2003.

FRAGA, Aline Mendonça; ROCHA-DE-OLIVEIRA, Sidinei. **Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres.** Cadernos EBAPE. BR, v. 18, p. 757-769, 2020.

FREEMAN, Linton C. **Some antecedents of social network analysis.** CONNECTIONS, v. 19, n. 1, p. 39-42, 1996.

FREITAS, Maria Ester de. **A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamôs nômade?** Organizações & Sociedade, v. 16, n. 49, p. 247-264, 2009.

FUGATE, Mel; KINICKI, Angelo J.; ASHFORTH, Blake E. **Employability: A psychosocial construct, its dimensions, and applications.** Journal of Vocational behavior, v. 65, n. 1, p. 14-38, 2004.

GARAVAN, Thomas N.; MCGUIRE, David. **Human resource development and society: Human resource development's role in embedding corporate social responsibility, sustainability, and ethics in organizations.** Advances in Developing Human Resources, v. 12, n. 5, p. 487-507, 2010.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research.** New Jersey, USA: AldineTransaction, 2006.

GOGIA, Nupur. **Unpacking corporeal mobilities: The global voyages of labour and leisure.** Environment and Planning A, v. 38, n. 2, p. 359-375, 2006.

GOMES, Christianne.; PINHEIRO, Marcos.; LACERDA, Leonardo. **Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com idosos.** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GREENHAUS, Jeffrey H.; KOSSEK, Ellen Ernst. **The contemporary career: A work-home perspective.** Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior, v. 1, n. 1, p. 361-388, 2014.

Guelaud, Françoise e Lanciano, Caroline. **“Flexibilité et gestion de la main-d’œuvre. L'exemple des îlots-caisses dans les hypermarchés,** in Gadrey, Jean e Gadrey, Nicole (dir), **La Gestion des Ressources Humaines dans les Services et le Commerce Flexibilité, diversité, compétitivité,** Paris: Éditions l'Harmattan, pp: 33-49. 1991.

GUICHARD, Jean. **Which paradigm for career and life designing interventions contributing to the development of a fairer world during the 21st century.** Presented at the IAEVG International Conference, Montpellier, France, 24–27, 2013.

HALL, D. T. **Protean careers of the 21st Century.** The Academy of Management Executive, v. 10, n. 4, p. 8-16, nov. 1996.

HALL, Douglas T. **Careers of the 21st Century.** The Academy of Management Executive, v. 10, n. 4, p. 8-16, 1996. doi: 10.5465/AME.1996.3145315.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade (7a ed.)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** Edições Loyola, 1992.

HECHT, Jo-Anne; MARTIN, David. **Backpacking and hostel-picking: an analysis from Canada.** International Journal of Contemporary Hospitality Management, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Building dwelling thinking.** Basic Writings (Routledge, London), pg. 347 a 363, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Building dwelling thinking.** Poetry, language, thought, v. 154, p. 1-26, 1971.

HEIJDE, Claudia M. Van Der; VAN DER HEIJDEN, Beatrice IJM. **A competence-based and multidimensional operationalization and measurement of employability.** Human Resource Management: Published in Cooperation with the School of Business Administration, The University of Michigan and in alliance with the Society of Human Resources Management, v. 45, n. 3, p. 449-476, 2006.

HENRIQUES, Cláudia; GOUVEIA, Pedro. **Procura turística dos estudantes do ensino superior em Portugal continental– Uma análise comparativa entre as regiões.** *Tourism & Management Studies*, v. 9, n. 2, p. 57-64, 2013.

HETHERINGTON, Kevin. **In place of geometry:** the materiality of place. *The Sociological Review*, v. 45, n. 1_suppl, p. 183-199, 1998.

HIRSCHI, Andreas; HERRMANN, Anne; KELLER, Anita C. **Career adaptivity, adaptability, and adapting:** A conceptual and empirical investigation. *Journal of vocational behavior*, v. 87, p. 1-10, 2015.

HOLLOWAY, J. Christopher. **The Business of Tourism.** London, Pitman Publishing, 4ª Ed, 1994.

HU, Jing; HIRSH, Jacob B. **Accepting lower salaries for meaningful work.** *Frontiers in psychology*, v. 8, p. 1649, 2017.

HUGHES, Everett C. **Institutional office and the person.** *American journal of sociology*, v. 43, n. 3, p. 404-413, 1937.

HUGHES, Everett.C. **Men and their work.** Chicago: The University of Chicago Press, 1958.

IBARRA, Herminia. **Provisional Selves:** Experimenting with Image and Identity in Professional Adaptation. *Administrative Science Quarterly*. V. 44, n. 4, p.764-791, 1999.

IBARRA, Herminia. **Working Identity.** Unconventional strategies for reinventing your career. Boston: Harvard Business School Press, 2004.

ILLICH, I. **Apocalipse motorizado:** a tirania do automóvel em um planeta poluído. São Paulo: Conrad, 2005.

INKSON, Kerr.; DRIES, Nicky.; ARNOLD, John. **Understanding careers: metaphors of working lives.** London: SAGE, 2014.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro.** São Paulo. Vozes, 2001.

JAMESON, Fredric. **As antinomias da pós-modernidade**. Jameson F. As sementes do tempo. São Paulo: Ática, p. 1781, 1997.

JAMESON, Fredric. **O Inconsciente político a narrativa como ato socialmente simbólico**. Ática, 1992.

JAMESON, Fredric. **Reificação e Utopia na Cultura de Massa [1979]**. As Marcas do Visível. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

JAMESON, Fredric; ZIZEK, Slavoj. **Estudios culturales**. Reflexiones sobre el multiculturalismo. Paidós, 1998. Disponível em: <<http://www.medicinayarte.com/img/jameson-zizek-estudios-culturales-reflexiones-sobre-el-multiculturalismo.pdf>> Acesso em: 24 de nov. 2020.

KAPLAN, C. **Questions of travel**: postmodern discourses of displacement Duke University Press. Durham NC, 1996.

KAPLAN, Caren. **Mobility and war**: the cosmic view of US 'air power'. Environment and Planning A, v. 38, n. 2, p. 395-407, 2006.

KAUFMANN, Vincent; BERGMAN, Manfred Max; JOYE, Dominique. **Motility**: mobility as capital. International Journal of Urban and Regional Research, ed 4, v. 28, p. 745-756, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.0309-1317.2004.00549.x>> Acesso em: 23 de set. 2020.

Kovács, Ilona. **Flexibilidade de Emprego**: Riscos e Oportunidades, Oeiras: celta Editora (prelo). (2005).

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

KUNZ, Jaciel Gustavo. **As Mobilidades Turísticas como Objeto de Pesquisa**: Um Panorama dos Periódicos Estrangeiros-2000-2014. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, v. 7, n. 3, p. 377-391, 2015. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3665>> Acesso em 13 de jan. 2021.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEED, Eric J. **The mind of the traveler.** Basic Books, 1991.

LEMOS, André. **Cultura da mobilidade.** Revista Famecos, v. 16, n. 40, p. 28-35, 2009.

LEVINSON, Daniel J. **A conception of adult development.** American psychologist, v. 41, n. 1, p. 3, 1986.

LEVINSON, Daniel J. **The career is in the life structure, the life structure is in the career:** An adult development perspective. Working with careers, p. 49-74, 1984.

LYONS, Glenn; URRY, John. **Travel time use in the information age.** Transportation Research Part A: Policy and Practice, v. 39, n. 2-3, p. 257-276, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo:** Vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAIA, Renée Louise Gisele da Silva. **Temos todo o tempo do mundo?** um estudo sobre possibilidades contemporâneas de espera e criação a partir dos casos do Projeto "Viajo, logo existo" e "Eduardo e Mônica". 2018.

MAINIERO, L. A.; SULLIVAN, S. E. **The opt-out revolt: why people are leaving companies to create kaleidoscope careers.** Mountain View: Davies-Black, 2006.

MATOS, Patrícia. **Mobilidade e comunicação:** o caso do nomadismo digital. III Jornada Internacional Geminis, 2018.

MAYRHOFER, Wolfgang., MEYER, Michael., & STEYRER, Johannes. **Contextual issues in the study of careers.** In: GUNZ, H. P.; PEIPERL, M. (Org.). Handbook of career studies. London: SAGE, p. 215-240, 2007.

MAYRHOFER, Wolfgang., MEYER, Michael., & STEYRER, Johannes. **Contextual issues in the study of careers.** In Inkson, K., & Savickas, M. L. (Eds.), Career Studies. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. p. 1-27, 2012.

MARKWARD, Anne. **Backpackers: the next generation?** 2008. Tese de Doutorado. Auckland University of Technology.

MARTINS, Márcio Ribeiro; DA COSTA, Rui Augusto; MOREIRA, António Carrizo. **Backpackers' space-time behavior in an urban destination: The impact of travel information sources.** International Journal of Tourism Research, 2022.

MCDONALD, Kimberly S.; HITE, Linda M. **Conceptualizing and creating sustainable careers.** Human Resource Development Review, v. 17, n. 4, p. 349-372, 2018.

MEYER, Derek J.; COSTANTINO, Amber; SPANO, Susanne. **An assessment of diarrhea among long-distance backpackers in the Sierra Nevada.** Wilderness & Environmental Medicine, v. 28, n. 1, p. 4-9, 2017.

MENESES, José. Newton. Coelho. **História & Turismo cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MANEZE, C. A. L., & PACHECO, R. T. B. **A viagem como experiência do encontro de si na figura do viajante independente.** Revista Lusófona De Estudos Culturais, 5(2), 281, 2018.

MERCADO, Luis Paulo. **Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual.** Revista Teias, v. 13, n. 30, p. 15, 2012.

MOLZ, Jennie Germann. **'Watch us wander': mobile surveillance and the surveillance of mobility.** Environment and Planning a, v. 38, n. 2, p. 377-393, 2006.

MORLEY, David. **Home territories: Media, mobility and identity.** Routledge, 2002.

MORRIS, Meaghan. **At Henry Parkes Motel.** Cultural studies, v. 2, n. 1, p. 1-47, 1988.

MÜLLER, Camila V.; SCHEFFER, Angela Beatriz Busato. **Turismo voluntário: Uma experiência em busca do sentido? Vida e trabalho em questão.** RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 20, n. 1, 2019.

MÜLLER, Camila Vieira; SCHEFFER-ANGELA, Angela Beatriz Busato. **Sustentabilidade das Carreiras: Compreendendo os Pilares e a Importância da Discussão.** XLIV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2020. Anais do EnAnpad 2020. Evento online, 2020.

MURPHY, Laurie. **Exploring social interactions of backpackers**. Annals of tourism Research, v. 28, n. 1, p. 50-67, 2001.

NASCIMENTO, Ana Carolina Santos do. **Metodologias de Pesquisa em Ciências Humanas Sociais**– Percurso Epistemológico da Pesquisa Qualitativa. CONGRESSO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN CUALITATIVA –CIAIQ 2017, v. 3, p. 431-438, 2017. Disponível em: <<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/issue/archive>> Acesso em 12 de fev. 2021.

NASCIMENTO, Naiara Oss-Emer dos. **Nomadismo digital e comunicação na web 2.0**: uma análise do blog Nômades Digitais. Porto Alegre, 2015.

NEWMAN, Karen L. **Sustainable careers**: lifecycle engagement in work. Organizational Dynamics, v. 40, n. 2, p. 136, 2011.

OLIVEIRA, José Rui de. **Estudo do segmento de turistas internacionais Backpackers no Brasil**. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓSGRADUAÇÃO EM TURISMO- ANPTUR, Ed 4., 2007, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: 2007.

O'REILLY, Camille Caprioglio. **De vagabundo a turista do ano sabático: mainstreaming de viagens de mochileiros**. Annals of Tourism Research , v. 33, n. 4, pág. 998-1017, 2006. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0160738306000545?casa_token=kL0K8XW3aeUAAAAA:de9t5fjRthViVeEeGq3ITP5Tz0dEMj7Qmw7gprwr_MVFXIKorU1N6twuM9T53q70CW7Mv-Ww

PARASURAMAN, Saroj; GREENHAUS, Jeffrey H.; LINNEHAN, Frank. **Time, person-career fit, and the boundaryless career**. Trends in organizational behavior, v. 7, p. 63-78, 2000.

PEARCE, Philip L. **Analysing tourist attractions**. Journal of tourism studies, v. 2, n. 1, p. 46-55, 1991.

PEARCE, Philip L. **Farm tourism in New Zealand**: A social situation analysis. Annals of tourism research, v. 17, n. 3, p. 337-352, 1990.

PEARCE, Philip. L.; LOCKER-MURPHY, Laurie. **Young Buldget Travelers: Backpacker in Australia**. Annals of Turism Reaserch, v. 22, n. 4, p. 819-843, 1995.

PFEFFER, Jeffrey. **Building sustainable organizations: The human factor.** Academy of management perspectives, v. 24, n. 1, p. 34-45, 2010.

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. **Turismo: tendências de evolução.** PRACS –Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 10, n. 1, p. 21-33, jan/jun 2017.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo no percurso do tempo.** São Paulo: Aleph, review and agenda for future exploration. Journal of Management, 35, 2002.

ROSA, Hartmut; SCHEUERMAN, William E. **High-speed society.** Social Acceleration, Power, and Modernity. Pennsylvania, 2009.

SALAZAR, Noel B.; COATES, James. **Key figures of mobility.** 2014.

SALAZAR, Noel B.; JAYARAM, Kiran (Ed.). **Keywords of mobility: Critical engagements.** Berghahn Books, 2016.

SANTOS FILHO, João dos. **Embratur omite a verdade, sobre a história do turismo: faz leitura politicista dos fatos.** Partes: São Paulo, 2007. Disponível em: <<https://revistapartes.com.br/2007/12/04/turismo-brasileiro-e-a-casa-de-engorda/>> Acesso em: 14 de mar. 2021.

SANTOS FILHO, João dos. **Ontologia do Turismo: estudo de suas causas primeiras.** Caxias do Sul, RS: Educs, 2005.

SANTOS, Regerson Franklin dos; ASSUNÇÃO, Adenilso dos Santos. **“Mochilagem”:** porque as fronteiras não têm limites àqueles que ultrapassam o seu limiar. Geofronter, v. 6, n. 1, 2020.

SASSEN, Saskia. **Locating cities on global circuits.** Environment and urbanization, v. 14, n. 1, p. 13-30, 2002.

Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J., ... & Van Vianen, A. E. **Life designing: A paradigm for career construction in the 21st century.** Journal of vocational behavior, v. 75, n. 3, p. 239-250, 2009.

SAVICKAS, Mark L. **Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory.** The career development quarterly, v. 45, n. 3, p. 247-259, 1997.

SAVICKAS, Mark L. **Career construction.** Career choice and development, v. 149, p. 205, 2002.

SAVICKAS, Mark L. **Examining the personal meaning of inventoried interests during career counseling.** Journal of Career Assessment, v. 3, n. 2, p. 188-201, 1995.

SAVICKAS, Mark L. **The theory and practice of career construction.** Career development and counseling: Putting theory and research to work, v. 1, p. 42-70, 2005.

SAVICKAS, Mark L. **The theory and practice of career construction.** Career development and counseling: Putting theory and research to work, v. 1, p. 42-70, 2005.

SAVICKAS, Mark L.; PORFELI, Erik J. **Career Adapt-Abilities Scale: Construction, reliability, and measurement equivalence across 13 countries.** Journal of vocational behavior, v. 80, n. 3, p. 661-673, 2012.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia F. H.; HACK NETO, Eduardo. **Mochileiros: um segmento a ser explorado no Brasil.** In: SEMINTUR - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL: SABERES E FAZERES NO TURISMO: INTERFACES, 2010, Caxias do Sul-RS, 2010. Anais [...]. Caxias do Sul-RS, 2010.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto. **Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19.** 2020.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter** – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. tradução Marcos Santarrita. – 16ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **Work and its narratives.** Sociology: Legacies and Prospects Ed. A Witz (Sociologypress, Durham) pp, p. 119-130, 2000.

SHELLER, Mimi; URRY, John. **The new mobilities paradigm.** Environment and planning A, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SHELLER, Mimi; URRY, John. **Tourism mobilities: Places to play, places in play.** Routledge, p. 13-22, 2004.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade. "**Conte-me sua história**": reflexões sobre o método de História de Vida. Mosaico: estudos em psicologia, v. 1, n. 1, 2007.

SILVA, Igor Monteiro. **Experiências em deslocamento: sentidos e práticas de viagem entre mochileiros contemporâneos.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba-PR. Anais [...]. Curitiba-PR: 2011.

SKEGGS, Beverley. **Class, self, culture.** Routledge, 2004.

SORENSEN, Anders. **Backpacker ethnography.** Annals of tourism research, v. 30, n. 4, p. 847-867, 2003.

SOUSA, Mari. Guimarães. **Viajantes / Turistas**– categoria em discussão com base no filme O céu que nos protege de Bernardo Bertolucci. Revista Espaço Acadêmico, n. 34, 2004.

STEGER, Michael F.; DIK, Bryan J.; DUFFY, Ryan D. **Measuring meaningful work: The work and meaning inventory (WAMI).** Journal of career Assessment, v. 20, n. 3, p. 322-337, 2012.

STENDHAL, H.-M. B. Les mémoires d'un touriste I. Paris: Calmann Lévy, 1838.

STEPHANIE, M. A.; WIJAYA, S.; SEMUEL, H. **Backpackers' travel decision across generations and countries of origin: An empirical study in Indonesia.** In: Contemporary Research on Business and Management. CRC Press, 2021. p. 224-227.

STEPHEN, Graham; MARVIN, Simon. **Splintering urbanism: networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition.** 2001.

SULLIVAN, Sherry E.; ARTHUR, Michael B. **The evolution of the boundaryless career concept: Examining physical and psychological mobility.** Journal of vocational behavior, v. 69, n. 1, p. 19-29, 2006.

SULLIVAN, Sherry. E., MAINIERO, Lisa. A. **Using the kaleidoscope career model to understand the changing patterns of women's careers: Designing HRD programs that attract and retain women.** *Advances in Developing Human Resources*, ed.10, v.1, p. 32-49, 2008. Disponível em: <doi:10.1177/1523422307310110> Acesso em: 05 de jan. 2021.

SULLIVAN, Sherry. BARUCH, Yehuda. **Advances in career theory and research: a critical review and agenda for future exploration.** *Journal of Management*, v. 35, n. 6, p. 1542-1571, 2009.

SUPER, D. E. **The Psychology of Careers** Nova York: Harper & Row, 1957.

SUPER, D. E.; SAVICKAS, M.L.; & SUPER, C.M. **A Life-Span, Life-Space Approach to Careers.** In: D Brown & L. Brooks (Ed). *Career choice and development*, 3 ed, p. 121-178, São Francisco: Jossey-Bass, 1996.

SUPER, Donald E.; KNASEL, Edward G. **Career development in adulthood: Some theoretical problems and a possible solution.** *British journal of guidance and counselling*, v. 9, n. 2, p. 194-201, 1981.

SZARY, Anne-Laure Amilhat. **Artista Pasa Paredes?** *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre – RS, v. 42, n. 2: p. 412-434, maio, 2015.

TRAU, Raymond NC. **The impact of discriminatory climate perceptions on the composition of intraorganizational developmental networks, psychosocial support, and job and career attitudes of employees with an invisible stigma.** *Human Resource Management*, v. 54, n. 2, p. 345-366, 2015.

ULUSOY, Ebru. **Experiential responsible consumption.** *Journal of Business Research*, v. 69, n. 1, p. 284-297, 2016.

URRY, John. **Globalizando o olhar do turista.** *Plural*, 23(2), p. 142-155, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/download/125105/122178/237284>> Acesso em 02 de fev. 2021.

URRY, John. **Mobilities Polity Press.** 2007.

URRY, John. **Mobility and proximity.** *Sociology*, v. 36, n. 2, p. 255-274, 2002.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** São Paulo: Studio Nobel: Sesc, 2001.

URRY, John. **Social networks, travel and talk.** The British journal of sociology, v. 54, n. 2, p. 155-175, 2003.

URRY, John. **Sociology beyond societies: Mobilities for the twenty-first century.** Routledge, 2000.

VAN DER HEIJDEN, Beatrice. I. J. M.; DE VOS, Ans. **Sustainable careers: introductory chapter** In De Vos A & Van der Heijden BIJM (Eds). Handbook of Research on Sustainable Careers. Cheltenham, UK and Northampton, MA, p. 1–19, 2015.

VIEIRA, Patrícia Soares. **Análise do perfil dos estudantes enquanto turistas que frequentam os hostels em Portugal.** Tese de doutorado, 2019.

WASSERMAN, Stanley.; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications.** In: STRUCTURAL analysis in social the social sciences series. Cambridge: Cambridge University Press, v. 8, p. 857,1994.

WELK, Peter. **The Beaten Track: Anti-Tourism as an Element of Backpacker Identity Construction.** In: RICHARDS, G.; WILSON, J. The Global Nomad: Backpacker Travel in Theory and Practice, Channel View Publications, Clevedon, p. 77-91, 2004.

WONG, Yoke Sum. **When there are no pagodas on Pagoda Street: language, mapping and navigating ambiguities in colonial Singapore.** Environment and Planning A, v. 38, n. 2, p. 325-340, 2006.

WRZESNIEWSKI, Amy., MCCAULEY, C., ROZIN, P., & SCHWARTZ, B. **Jobs, careers, and callings: People's relations to their work.** Journal of research in personality, v. 31, n. 1, p. 21-33, 1997.

ANEXOS

Anexo A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando um estudo com a finalidade de compreender como as experiências vivenciadas pelos mochileiros colaboram ou não para a construção de carreiras mais sustentáveis. Para tanto, estamos conduzindo entrevistas que serão realizadas em dois ou mais momentos. Cada entrevista terá em torno de 30 minutos de duração. A entrevista será gravada e depois transcrita, sendo devidamente arquivadas após o término da pesquisa. Embora esta pesquisa não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenções futuras. O único incômodo previsto é o de disponibilizar o tempo para a realização das entrevistas. É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária; portanto, caso não queira participar da entrevista, você não precisa assinar este termo. Você também pode interromper a entrevista a qualquer momento, se assim desejar, sem qualquer prejuízo para você. Os resultados globais da pesquisa serão publicados posteriormente como capítulo ou em periódico científico.

Esta pesquisa é coordenada pelo Prof(a). Angela Busato Scheffer, da Escola de Administração da UFRGS, com quem podem ser obtidas maiores informações, caso seja do seu interesse (e-mail: angela.scheffer@ufrgs.br ou telefone/ (51) 992148080) e pela Valessa Lemos da Silva, mestranda do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, NOME DO ENTREVISTADO(A) declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma.

Fui igualmente informado:

- a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo;
- b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- c) que a pedido da entrevistada sua identidade será ou não revelada;
- d) que as informações obtidas através das entrevistas serão arquivadas junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- e) que as entrevistas realizadas serão arquivadas sob a guarda do pesquisador responsável na sala 314 da Escola de Administração por cinco anos e depois destruídas.

Data: 00/00/2021.